

Mariana ou Marie Anne?

WANDA A. CANUTTI PELO ESPÍRITO EÇA DE QUEIRÓS

Mariana ou Marie Anne?



WANDA A. CANUTTI PELO ESPÍRITO EÇA DE QUEIRÓS





Mariana ou Marie Anne?

Verso

É um romance que tem por objetivo levar o leitor à compreensão da vida espiritual e as informações deste mundo onde vivem aqueles que nos antecederam, diz o Espírito escritor Como um alerta àqueles que se encontram no orbe í terrestre, em oportunidades redentoras.

A obra revela tanto as virtudes quanto as faltas e imperfeições que as Almas carregam, em si, enquanto encarnadas, e que lhes determinam, após a morte do corpo físico, o lugar para onde vão estagiar seus Espíritos.

E orienta Eça de Queirós: — Vivendo no bem, terão o amparo espiritual e a proteção que os envolverão desde o instante do desprendimento do corpo.

ISBN 85-7353-309-9

Wanda A. Canutti Romance transmitido pelo Espírito Eça de Queirós 3a edição novembro/2004 do 10.001 ao 15.000 exemplares

Capa:

ilustração com material fotográfico de divulgação na Internet, Pl Aifeffinal: André Stenico Diagramação:

Editora EME

Revisão gramatical e doutrinária: *Celso Martins*

—Ficha Catalográfica -----

Canutti, Wanda A. (1932/2004) (Médium)

Mariana ou Marie Anne?, Wanda A. Canutti, Espírito Eça de Queirós, 1a edição, agosto/2004, (3a edição, novembro/2004)

Editora EME, Capivari-SP.

1237 p.

1

Reencarnação e progresso

2

Justiça das aflições Romance mediúnico

EÇA DE QUEIRÓS

José Maria Eça de Queirós nasceu, em 1845, em Póvoa do Varzim, Portugal e desencarnou em Paris, no ano de 1900. Formou-se em Direito, pela Universidade de Coimbra, dedicando-se inicialmente ao jornalismo e depois à ■■Pr: literatura.



WANDA A. CANUTTI

Professora

(18-12-1932/20-04-2004)

A médium Wanda A. Canutti era formada em letras pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Araraquara, e se aposentou lecionando português.

PALAVRAS DO AUTOR

Mais um volume se faz! Mais uma parte da tarefa a que nos propusemos realizar, está pronta! A tarefa que deve levar a todos a compreensão da vida espiritual e as informações daqui, deste mundo onde vivemos, como um alerta àqueles que se encontram no orbe terrestre, em oportunidades redentoras.

Este trabalho contém tanto a revelação de virtudes quanto a de faltas e de imperfeições que os Espíritos carregam em si, enquanto encarnados, e que lhes determinam, após a partida deste plano terráqueo, o lugar para onde vão.

Está em cada um aproveitar as suas potencialidades e praticar as boas ações, como também permanecer no erro aumentando os débitos. Dois pólos apresentam-se e os dois devem ser trabalhados — as imperfeições para serem transformadas em virtudes, e as virtudes aplicadas às necessidades do próximo, sobretudo daqueles colocados sob um mesmo teto.

Vivendo no bem, terão o amparo espiritual e a proteção que os envolverão desde o instante do desprendimento do corpo. Todavia, se deixarem que as imperfeições os dominem e tomem conta de suas ações, terão a proteção de Deus que não desampara nenhum de seus filhos, mas essa proteção será difícil de se efetivar. O sofrimento experimentado pelo Espírito não lhe permite perceber o amparo, e, às vezes, a renitência no mal é tanta que até o recusa.

O auxílio faz-se mais demorado e, enquanto isso, o Espírito sofre e sofre muito, até ser tocado, um dia, pelo arrependimento, pelo remorso dos atos praticados, permitindo que se lhe ache o amparo de Deus. Entretanto, o sofrimento continua, pois quando reconhece seus erros, a dor do remorso é grande. Quando reconhece que prejudicou, o seu único desejo é procurar ressarcir o mal que fez, e as encarnações seguintes nem sempre serão fáceis. Deus concede as oportunidades redentoras a todos que, muitas vezes, não as aproveitam porque são rebeldes e trazem

ainda, no Espírito, resquícios das imperfeições que atravancam a sua evolução.

O nosso desejo, ao escrevermos esta história, é demonstrar, sobretudo, a responsabilidade de cada um, como encarnado, pois, das suas ações, das suas qualidades; das suas virtudes, vai depender o lugar para onde irá, assim como, também, das suas imperfeições, poderá já antever sofrimentos muito intensos.

Que Jesus abençoe a todos que puderem participar, como leitores, desta nossa história, procurando, cada um, analisar-se a si próprio. Se assim o fizerem, já aqui, saberão o que os aguarda no Mundo Espiritual e nas encarnações futuras.

Eça de Queirós

Araraquara, 11 de setembro de 1991.

1 CONTRASTES

Aquela tarde, tudo era festa na residência dos Sousas. Muitos corações estavam felizes, pois um enlace muito esperado e desejado selava a união de duas famílias importantes da cidade de Lisboa — os Sousas e os Alves.

A um canto, perto do grande salão onde a orquestra, tocava e todos se divertiam, encolhida em seus traços feios, estava a pequena irmã da noiva, observando-a feliz, a rodopiar pelo salão, porque conseguira, além do melhor partido da cidade, a união com a outra família, tão poderosa quanto a sua. As festas, os bailes, as recepções continuariam! A vida de sonho, de fantasia, de frivolidades, prosseguiria, porque ambas as casas poderiam lhe proporcionar...

Voltemos, porém, àquele pequeno ser feioso aos olhos dos outros, tão encolhidinha, despercebida de quase todos os que se divertiam exibindo toaletes luxuosas, para que cada um pudesse mostrar ao outro a abastança e a deferência das famílias importantes, por tê-los convidado. Ela apenas espiava à distância, mas não olhava a irmã com rancor, ódio ou ressentimento. Fora-lhe recomendado não se mostrar muito! Sua aparência não condizia com tanto luxo e tanta beleza do salão, e todos estranhariam a sua presença entre eles.

Sem reclamar, apenas feliz com a felicidade da irmã, continuava ali, querendo participar, embora à distância, e testemunhar aquele momento. Estava triste, mas não a ponto de ter mágoas. O seu coração era grandioso e puro! O físico, pequeno e feio, abrigava uma alma bela em sentimentos, em paz interior, em desejo de ajudar, para ver os que a rodeavam, felizes.

Assim foi sempre a sua vida, desde o nascimento, quando a viram sem a beleza da irmã e verificaram que as duas, colocadas uma ao lado da outra, eram como o dia e a noite. Uma trazia a claridade através dos cabelos louros, do brilho dos olhos azuis e da alegria e desenvoltura das crianças que são sadias, e querem,

a todo instante, brincadeiras novas para satisfazer a energia que reside em Seu corpinho.

A outra, à medida que crescia, era apagada e mostrava as feições tristes e feias. O corpinho muito frágil e pequeno pouco se desenvolvia. Não obstante quisesse a companhia da irmã para os folguedos próprios da idade/ quase nunca conseguia acompanhá-la, deixando-a assim, as mais das vezes, muito só e tristinha. Adorava a irmã e não dava acordo de que era diferente, que isso as crianças não percebem... Sentia-se feliz em estar perto, vendo o que ela realizava, porém, pouco participava.

Quando chegou a época de aprenderem as primeiras letras, professores foram contratados.

Que diferença foi notada! A que era bela, desenvolvida e irrequieta, mostrava-se com dificuldades.

Não gostava de permanecer parada e presa por alguém, para essa finalidade. Enquanto isso, a mais frágil e quieta, a mais humilde e triste, se comprazia em aprender alguma coisa com a qual ela própria lidasse, sozinha. Era diferente das brincadeiras em que era deixada de lado. A presença do professor e o que ela aprendia, eram só dela.

Ela não possuía ainda capacidade para tais raciocínios, mas observava-se o quanto se deleitava com as aulas. Previa, certamente, que, através delas, faria o seu refúgio interior pelo resto da vida, e assim se sentia bem. Quando conseguia ler algumas palavras, queria sempre mais. Queria ler muito, queria ler pequenas histórias que, aos poucos, foram aumentando, até que conseguiu ler um livro inteiro, com uma única história.

A pequena passou a fazer deles a sua companhia constante. Nunca, nenhum a rejeitaria! O

seu mundo interior extravasava-se ao penetrar nos livros, junto com as personagens do mundo fictício colocado à sua frente. Convivia com pequenos príncipes e princesas, transportava-se a palácios e convivia até com animais que falavam com as

crianças. O seu universo foi se enriquecendo, e cada vez mais ia se instruindo e adquirindo cultura. A irmã, ao contrário, só

permanecia na aula obrigadá, e, por isso mesmo, desatenta, não querendo, após, fazer nada que lembrasse aqueles momentos que considerava de prisão.

A agudez de Espírito acentuavase no pequeno ser, cuja curiosidade de conhecimento era grande, fosse em relação às lições do professor ou a alguma das suas leituras, quando não tinha a obrigação das tarefas. Parecia que os momentos de aula eram pequenos para tantas perguntas.

Os dias passavam e ela, cada vez mais se satisfazia consigo própria, e o seu mundo interior agigantava-se pelos conhecimentos. Se nunca saía de casa, impedida, muitas vezes, pela própria condição física que se evidenciava com o transcorrer do tempo, comprazia-se nos estudos e nas leituras, querendo penetrar nos mistérios insondáveis do mundo exterior, do qual nada sabia, nada conhecia, |

Enquanto isso a outra, a mais esperta, a sempre requisitada pêlos pais que a exibiam como um belo troféu de primor da natureza, desinteressava-se de tudo, trocando as lições por outros interesses que se acentuavam no seu caráter. Envaidecida pelos outros que a achavam bela, conscientizou-se da sua beleza, querendo ressaltá-la mais através das vestes que exigia, fossem as mais bonitas e lyxuosas.

O tempo transcorria, e elas encontravam-se naquela idade em que a mulher se descobre como tal e procura fazer sobressair ãs seus dotes de beleza, para despertar a atenção daqueles que a observam com olhos diferentes, querendo descobrir, na menina-moça que desabrocha, a mulher que logo se fará.

Assim se sentia Manuela, a exuberante em alegria, sorrisos ig; formosura, cujo coração de jovem menina já despertava para os passeios e festas. Nada em relação a leituras e estudos a atraía! Há muito deixara de participar dos conhecimentos que outros mestres, posteriormente contratados, insistiam em lhe passar. Não via a irmã com bons olhos e não queria olhá-la como irmã. —

Como seria possível?! Uma tão feia, tão pequena, apagada e triste, ser filha dos mesmos pais que ela, bonita, esguia, alegre! Não podia ser!

A mãe, muito mais achegada à Manuela, nunca conseguia dar-lhe essas explicações, mas justificava:

— Não importa, filha, que ela seja como é! O importante é você, a sua beleza, a sua alegria sempre esfuziante, fazendo a nossa felicidade! Já pensou, não fosse você..nesta casa, como seria a nossa vida? A sua irmã é sempre muito calada, voltada para os livros, nunca conversa com ninguém, apenas observa, e eu acho muito bom que seja assim! Ela sabe bem o seu lugar e não quero que se coloque em nosso meio, para não destoar de você. Todos sabem da sua existência, isto não podemos evitar. Mas, só o fato de não aparecer, faz com que as pessoas nem se lembrem dela, e não sejam obrigadas a ver uma figura tão grotesca e feia. Nunca se sabe qual seria a reação deles... Poderia ser de pena, de desprezo ou até poderiam fazer chacotas, envergonhando-nos muito. Ainda bem temos você, que só nos traz alegrias e satisfações.

A vida na residência dos Sousas era sempre assim. Todas as atenções se voltavam para Manuela, a filha querida, a filha que ambos, pai e mãe, queriam ver exibida nos salões entre as amigas, como se, através dela, todos devessem verificar a alegria e a felicidade reinante na casa. Tudo girava em torno de Manuela. Tudo era preparado pensando nela. Pequenas festas que, aos poucos, foram se avolumando mais e mais até chegarem a grandes recepções, eram oferecidas aos amigos, na esperança de exibirem-na e de atraírem as atenções de partidos que poderiam torná-la mais feliz, pela abastança que demonstrassem.

De festa em festa, de recepção em recepção, o círculo de amizades ia aumentando, trazendo para o lar os membros das famílias que se sentiam honradas com a delicadeza do convite, como afirmavam. Entretanto, uma finalidade havia — possuíam, dentro do lar, uma filha quase em idade de se casar. Por esta razão, deviam atrair os rapazes mais refinados da cidade, os

partidos mais requisitados, da mesma forma, por outras famílias que também possuíam donzelas prontas para o matrimônio.

Muitos jovens bem trajados, garbosos, frequentavam a casa nessas ocasiões, e Manuela fazia

questão de demonstrar que retinha para si as atenções de todos eles. Era famosa entre as melhores famílias, pelos seus dotes de beleza, como também pelos dotes financeiros dos pais.

Quanto mais se tem, mais se quer aumentar, e esse era o desejo dos familiares, tanto dos rapazes da época como das jovens casadoiras. O número de rapazes prontos para o matrimônio era considerável. Alguns se aproximavam mais, outros se tomavam mais arredios, não querendo, talvez, apesar da insistência dos pais, assumir compromissos que seriam definitivos.

Namoriscavam com muitas, divertiam-se, dançavam com todas.

Um, tão somente um, naquele grande círculo, tinha mais particularmente as atenções de Manuela. Era da família Alves! Filho único, belo e elegante rapaz, com dotes e dotes para fazer uma moça sentir-se envaidecida por ter as suas atenções, mas nem sempre ele se mostrava submisso. Era dos que desejavam divertir-se, supondo ser muito cedo para que compromissos, que talvez se tomassem perenes, fossem assumidos.

Seus pais desejavam a sua união com Manuela, porém, mesmo considerando-a bastante bonita, ele não encontrava, na sua companhia, o prazer que muitos rapazes descobriam, querendo exibi-la como uma conquista, no momento em que permaneciam juntos. Cláudio era o seu nome. Moço culto, havia se preparado nas melhores escolas e adquirido a cultura que muitas jovens desprezam, por valorizarem somente os dotes físicos. Sempre educado, com muito refinamento, não deixava as frivolidades e prazeres da vida sobrepujar-lhe o desejo de instrução, pois pretendia aprimorar cada vez mais. Frequentava os salões, e das obrigações sociais também não se furtava. Divertia-se, como era próprio da idade e da época, quando a maior parte dos divertimentos se realizavam dentro das próprias famílias, que outros quase não havia.

Todas as ocasiões em que Manuela tinha a oportunidade de encontrar-se com Cláudio, em alguma recepção ou em razão de outro convite qualquer, inquietava-se e não tinha olhos para outros rapazes, que viam nela, naquele momento, uma pessoa inacessível. Podiam até estar dançando com ela, porém, seu pensamento e atenções estavam com Cláudio, onde quer que ele estivesse. Quando, cumprindo uma etiqueta social e estimulado pelo desejo do pai, Cláudio a tirava para dançar, a sua alegria era imensa. Sentia-se voitar, rodopiando pelo salão; inebriada, e tinha olhos somente para os olhos dele, Cláudio inquietava-se nesses instantes, e não conseguia desviar também seus olhos dos dela, embora pretendesse fazê-lo. Não desejava deixar seu coração enredar-se ms malhas daquele interesse, sempre e cada vez mais estimulado pelos pais de Manuela, principalmente pela mãe, que via nele o partido conveniente à sua bela filha. Os pais de ambos os jovens, muito haviam conversado sobre esse particular,

— Já pensou, meu caro amigo, se essa nossa amizade pudesse solidificar-se de forma diferente, se nossos filhos se unissem pelo matrimônio?

— É verdade, e de há muito anseio por isso! — respondeu o senhor Alves, numa das ocasiões em que o assunto voltou a ser ventilado, — Seria uma união perfeita! A beleza de sua filha, entrando em nossa família, seria um sol a aquecer os nossos anseios e a companhia do meu querido Cláudio. Poderíamos trabalhar para concretiza® esse desejo!

— Nós o faremos! Em minha casa encarregarei minha esposa que tem muita ascendência sobre Manuela, de despertar nela o interesse pelo seu filho.

De minha parte faremos o mesmo, exaltando para ele todos os dotes de sua filha, e diremos, também, o quanto nos agrada essa união! Você sabe, o nosso Cláudio tem uma instrução esmerada, mandamo-lo estudar na França. Em Paris, aprimorou a sua cultura e hoje está habilitado a frequentar os melhores meios políticos do país! Quem sabe, algum cargo importante ainda tenhamos para ele, pois, capacidade e desejo de ajudar esta nação, ele tem.

Mas, para isso, meu caro amigo, uma esposa é muito importante! Faremos com que se interesse pela sua filha, a bela Manuela! .

Esse era o pensamento dos pais amigos, e, sempre que havia oportunidade, conversavam, acentuando-o ainda mais. No íntimo de cada um, entretanto, um outro interesse ia-lhes na alma,

na época, bastante importante para as famílias — a união de bens e de prestígios, para facilidades futuras.

Cláudio era filho único. O patrimônio dos pais era grande, assim como a esperança de que a família pudesse ter mais herdeiros também o era. Para quem deixar uma fortuna tão considerável, se ele não se resolvesse logo a casar? Seu pai pretendia ver esse seu desejo assegurado, ainda em vida. Não era tão velho, todavia, nunca se sabe. Queria ver os netos correndo pela casa, sabendo que todos os seus haveres teriam destino certo. Para isso estimularia o filho, despertaria a sua atenção para a graça, alegria e dotes físicos de Manuela, e até para o interesse que diziam, ela demonstrava por ele.

Cláudio esquivava-se, às vezes, mas sabemos, a vontade dos pais, nessas ocasiões, é importante. Ele não se interessava muito por Manuela, em quem não via a criatura que gostaria de ter sempre ao seu lado. Apesar de admirar a sua beleza, sentia, além do seu belo exterior, ela nada mais possuía que o atraísse. Uma conversa mais elevada, uma pequena demonstração de conhecimento sobre os mais simples assuntos, ela não era capaz de manter. Nada era profundo nela, a não ser a vaidade da própria aparência. Apenas aparência, nada mais que aparência.

Percebia-se que nenhum assunto lhe interessava, pois nada conhecia além do que o espelho lhe mostrava ou daqueles que a elogiavam... — Será isso beleza? — perguntava-se, Cláudio.—

Uma união faz-se com muito mais! — Como seria viver constantemente a seu lado?

Conseguiria suportar?

Onde estivesse, repetidas insinuações lhe eram feitas, quer por membros da família da jovem, quer por membros da própria família, com quem mais efetivamente convivia. Ele percebia que Manuela nutria pretensões a seu respeito. Quando estavam juntos e seus olhos demoravam-se nos dele, Cláudio não conseguia resistir. Quem sabe eram os momentos em que a vaidade existente nas pessoas sobrepuja o raciocínio, e ele deleitava-se naqueles olhos azuis que o fitavam profundamente. Sem saber como resistir, e estimulado pelo desejo de ambas as famílias, foi, aos poucos, se encantando deles.

O tempo passava e esse encantamento acentuavase, sem que ele pudesse explicá-lo.

Sentia-se já enfeitiçado por ela! Algo anormal tirava-lhe o raciocínio, .antigamente lúcido e equilibrado. Não mais sentia as suas frivolidades, e até, às vezes, insensatamente admirava-a e ficava satisfeito em estar em sua companhia. Tudo, assim, caminhava segundo o desejo de todos e, muito mais o da própria Manuela, até que resolveram efetivar aquela união.

Os pais entenderam-se, fizeram os acertos, e o grande dia foi marcado. Justamente aquele em que começamos esta narrativa, e encontramos todos se divertindo na festa do enlace, planejada para que toda a cidade pudesse comentar. As famílias mais importantes da cidade se uniriam. Os patrimônios estavam selados para sempre. Uma união perfeita, muito bem arquitetada e ansiada de há muito!

Os preparativos foram realizados com o maior apuro e requinte, para os quais muitas pessoas foram contratadas. Não viam gastos... — São nossos únicos filhos! —• diziam, esquecendo-se, os Sousas, daquela outra, a feia, a enjeitada, a pobre Mariana, pois sabiam, para ela nada daquilo seria possível.

A cerimônia foi realizada, mostrando toda a pompa que o dinheiro pode comprar, como se uma união se mostrasse promissora e feliz apenas pelo requinte com que era formalizada. A festa continuava, todos se divertiam, e as jovens invejavam Manuela. Os rapazes, então, admiravam todo o esplendor que a noiva

aparentava, e não podiam evitar de pensar que gostariam de estar no lugar de Cláudio.

A cerimônia comoveu!... A festa era envolvente!... A orquestra tocando, todos embevecidos com a música e extasiados com as danças se sentiam felizes. Cláudio era feliz naquele momento! Não havia pensado ainda em sua vida após as núpcias, apenas se deixara inebriar e envolver, culminando com o casamento. Sempre esquivo a esse compromisso, acabava de assumi-lo para sempre. Como estaria o seu coração naquele momento? Certamente muito feliz,

pois ainda não conseguira ver mais nada... Entretanto, como estaria dali a algum tempo, não saberia dizê-lo, que em nada disso pensara até então. A festa continuava sem que nenhuma reflexão passasse pela sua mente, além da alegria, das músicas, dos convidados com olhares invejosos, e, sobretudo, da noiva que tinha nos braços, só para si, ultrapassando todo e qualquer desejo de qualquer um dos presentes. Com o passar das horas, os convidados foram se retirando, um a um, as danças já não estavam tão entusiasmadas, os casais foram rareando, e restaram somente as famílias dos noivos.

2 REALIDADE E IDEALISMO

A festa havia terminado, os músicos retiraram-se, as luzes, esfuziantes de brilho foram se apagando uma a uma, deixando, no grande salão ora vazio, apenas uma tênue claridade.

Cláudio e Manuela também já haviam se retirado. A pedido dos pais da noiva, Cláudio concordara em residir com eles. A mãe sentir-se-ia muito triste sem a presença da filha, a quem tinha muito apego. A princípio, ele não aceitou essa ideia, queria ter o próprio lar, mas os apelos foram tantos que não teve como resistir. A casa dos Sousas era muito grande, e, aposentados, eles teriam o que desejassem, era só escolher. Manuela preferiu o que julgou o mais adequado, e a decoração foi feita toda a seu gosto.

Ser-lhe-ia difícil ficar sem a presença da mãe, constantemente a seu lado. A mãe amiga, a mãe conselheira, a mãe astuta e ardilosa, pronta a auxiliá-la fosse no que fosse, a todo o momento. Além do mais, de que forma teria condições de gerir uma nova casa, um novo lar, se para isso não fora criada? Não saberia! Aprendera a mandar e tão somente mandar, para o cumprimento de seus menores desejos e sempre fora atendida. Como faria* embora com muitos criados a ajudá-la? A abastança das famílias permitia-lhe tantos criados quantos quisesse, porém, a obrigação da gerência, das determinações e decisões seria sua, e ela não pretendia ater-se a esses compromissos. Queria continuar a vida de até então, acrescida apenas daquele por quem lutara. Viveria somente pelo prazer da sua companhia, e pelo prazer maior de mostrar a tantas outras que ela o havia conseguido.

Esses eram os sentimentos escondidos no íntimo de Manuela, revelados somente à mãe que muito a ajudara nessa conquista, em razão da grande fortuna que as famílias possuíam. A vida do casal iniciava-se desse modo. Cláudio foi muito bem recebido na casa, onde, sem ter meios de recusa, passou a viver. Colocaram-lhe um criado à sua disposição, mas, apesar de tantas gentilezas, sentia-se um estranho. Manuela estava sempre junto dele, querendo carinhos e atenções, todavia, até para isso há o

momento exato e a hora certa, a fim de que não se tomem obrigatórios e cansativos. Ela não pensava assim! Não o deixava um instante sequer, e percebia-se, às vezes, que ele já se sentia um pouco sufocado. Quando, por exigência de seu Espírito culto, com anseios de sempre saber mais, tomava um livro para ler, Manuela, que não conseguia encontrar nenhum interesse neles, não gostava. Sentia-se relegada, sem as atenções que supunha, merecia, ocasionando, muitas vezes, dissensões entre eles.

— O tempo perdido em leituras pode ser muito mais bem aproveitado! :— | dizia — O que faço eu, enquanto você fica entregue aos livros? Largue esse livro e vamos dar um passeio!
O

Sol, lá fora, está brilhando. Não perca tempo. Venha comigo!

Assim era sempre! Qualquer desculpa era motivo para tirá-lo dos livros. O tempo foi passando e ele acedendo às suas rogativas, todavia, como tudo cansa e dia chega em que devemos afirmar a nossa vontade, mostrando que nossos desejos também merecem ser satisfeitos, Cláudio foi se cansando das insistências de Manuela e, vez por outra, não atendia seus pedidos, deixando-a falar.

Ela, estranhando sua atitude, reclamava muito. Aos poucos, porém, ele foi se afirmando e já não sentia tanto prazer na companhia da esposa, que nada podia oferecer-lhe, além da beleza

que, sempre e sempre, mais fazia sobressair pelos arranjos e pelos trajes que usava. Contudo, não era só isso o que ele desejava. Quando visitava os pais, ela o acompanhava, não lhe deixando nenhuma oportunidade de algumas horas ou de alguns instantes entregue aos seus gostos.

Mesmo assim, a vida do casal ainda era feliz. Manuela conseguia quase tudo como queria, e desejava que assim continuasse. Apenas ela não conhecia totalmente o marido — o Cláudio que nunca havia se deixado levar por seus encantos, e, sem explicar o porquê, vira-se, de uma hora para outra, tão enredado, com o

pensamento e o raciocínio obliterados, só tendo olhos para aquela beleza radiante.

Como tudo passa, aquele encanto já não era tão profundo e voltou a vê-la como antigamente, fútil e vazia. Não gostava quando ela pretendia dominar-lhe as ações, fazendo valer a sua vontade. Conseguira reagir e, frequentemente, recusava-se a atender às suas imposições frívolas, sobretudo quando estava entregue a si mesmo, com um livro nas mãos, em busca de novos aprendizados ou recreando-se.

Lia tudo o que lhe despertasse o interesse. Era atualizado em relação ao que se passava no seu país, e mesmo em países distantes, quando as notícias chegavam. Vivia atento às atitudes governamentais, com as quais nem sempre concordava. A política o atraía sobremaneira.

Desejava algum cargo através do qual pudesse manifestar e fazer valer suas ideias em defesa do bem do país, porque os dirigentes não agiam de modo a facilitar o bem-estar do povo. A maioria estava preocupada em promover e satisfazer o seu próprio interesse, e isso o revoltava.

Preparara-se bem! Tinha toda a instrução e cultura desejáveis para qualquer cargo, acrescidas ainda de grande interesse em ajudar o país. Era um perfeito patriota! Faltavam-lhe as oportunidades, mas compreendia, ainda era muito jovem e estes nem sempre são confiáveis.

Nos salões, procurava entretecer conversas em rodas cujos componentes lhe satisfizessem esse intento, não com intenção de adular-los, mas para melhor tomar conhecimento do que ocorria nesses meios, tentar expor suas ideias e mostrar o seu conhecimento e interesse. Os mais velhos admiravam-no e viam nele um filho promissor para o bem do país. Ele aguardaria a ocasião, e, enquanto esperava, instruía-se cada vez mais. Outras atividades não desejava desempenhar, que os bens de família lhe davam condições de aguardar. O pai era ativo e administrava o seu patrimônio sem precisar dos serviços do filho.

Cláudio era mais desapegado. Defendia o povo como um simples elemento dele, conquanto nunca o fora. Nascera em berço de ouro, e seu pai, muitas vezes, não compreendia essa tendência do filho. Manuela só mais tarde veio a conhecer esse lado do marido. Nunca o ouvira falar de política nem manifestar o desejo de auxiliar o país através de algum cargo. Quando o ouviu externar essa sua pretensão, pela primeira vez, durante uma conversa com seu pai, ficou estarecida:

-- Cláudio, nunca o ouvi falar assim! Nós não temos nada com o país. Pertencemos a uma outra classe, e povo é povo! Está aí para nos servir, para trabalhar para nós. incomode-se comigo e deixe o povo entregue a si mesmo! Nada disso nos interessa e eu não gosto de vê-lo falar assim! Não quero perdê-lo para ninguém, muito menos para o país. Não quero vê-lo desperdiçar o seu tempo em fantasias que não levam a nada. Esqueçase disso e fique somente comigo que fará a minha alegria!

Manuela não estava gostando dessa nova face que começava a ver em Cláudio. Não que o seu idealismo pudesse atrapalhá-la, pois, para ela, os pensamentos ou qualquer ideal sublime de qualquer pessoa, não importavam. O de que ela não gostava e a aborrecia, era que esse idealismo poderia tirá-lo da sua companhia. Já bastava o tempo em que ficava entregue às leituras, Frequentemente se queixava à mãe, que precisava fazê-la compreender, para que a situação não piorasse mais.

3 UM OUTRO MUNDO

A pequena Mariana, entregue sempre a si mesma, vivia isolada, às voltas com seus livros, e não participava de nada em família. Imaginava a irmã satisfeita, pois reconhecia em Cláudio todas as condições de fazê-la feliz.

Com o passar do tempo, quando vimos Cláudio voltar-se à leitura, muitas vezes eles se encontravam no gabinete da casa, procurando livros, cujas estantes estavam recheadas deles, porém, nunca trocaram uma palavra. Ela não se atreveria, e ele, nem saberia o que lhe dizer.

Mesmo à mesa das refeições, nas poucas ocasiões em que ela participava, nunca também conversaram. Mariana mantinha-se sempre calada. Só Manuela falava, ria e interpelava, às vezes, a mãe. As conversações entre seu pai e Cláudio não permitiam a sua interferência, não tinha esse hábito. Até de si mesma refugiava-se, encolhia-se. Mas o seu mundo interior era imenso. As possibilidades adquiridas através dos conhecimentos eram incomensuráveis, contudo, ninguém sabia. Nunca lhe dirigiam a palavra para que demonstrasse um pouco do muito que aprendera, do que conhecia. Mesmo se falasse, não interessaria a quem só se importava com aparências e frivolidades. Nem saberiam o que ela estava dizendo.

O seu universo de fantasias também era grande; precisava criá-las para suavizar as amarguras da sua vida de reclusa. Viajava muito, mentalmente... Os lugares visitados eram mais atraentes e ricos em detalhes que os verdadeiros, pois, partindo dos livros, além da realidade descrita, havia a fantasia criada pela sua imaginação, e, se fosse descrevê-los, ninguém os reconheceria. Vivia, assim, do conhecimento adquirido nos livros e das suas fantasias, divagando, divagando, nos momentos em que necessitava afastar-se para buscar um pouco de alegria para seu Espírito.

O grande jardim de sua residência, ela conhecia-o a palmo. Sabia das pequeninas flores mais escondidas, que tudo verificava e esmiuçava. Impedida de ultrapassar as fronteiras de sua casa, limitava-se a passear onde lhe era permitido. O jardim era o seu mundo!... Um pequeno caramanchão recoberto de trepadeiras sempre floridas era o seu recanto predileto, quando não estava em seu quarto, ou no gabinete escolhendo um livro. Já lera quase tudo, sobre todos os assuntos.

. . s. — Ainda bem, temos alguém que os lê! — dizia o pai, que sempre adquiria mais e mais. —

Enquanto ela lê, não interfere em nosso mundo e assim é melhor!

No pequeno caramanchão localizado a um canto do jardim, havia algumas cadeiras nas quais ela se sentava, permitindo-lhe sentir o calor do Sol perpassando suavizado por toda a ramagem que o

envolvia. Era o lugar predileto para as suas leituras. Certo dia em que lá se encontrava, absorta, lendo, não se apercebeu de que passos lentos se aproximavam e paravam à sua entrada, tão compenetrada estava no que lia. Quem sabe, naquele momento, estava dentro de uma fantasia, viajando com algumas personagens e descobrindo detalhes e mais detalhes do local que visitava...

— Desculpe-me se a importuno!

Esta frase foi repetida duas vezes, tão afastado estava o seu Espírito dali. Ao ouvi-la, assustou-se. Nunca ninguém chegava até o caramanchão, pelo menos enquanto ela ali estivesse.

— Não, você não me importuna, Cláudio! r*apressou-se em responder. — Estava longe com minha leitura, não o percebi chegar. j

— Gosto de vê-la lendo sempre! Oxalá sua irmã a imitasse! -•

— Manuela não gosta de ler, nunca gostou! Quando papai contratou professores para nos ensinar, ela sempre se esquivava, limitando-se a fazer só o que era obrigada e nada mais.

— É uma pena! A leitura, os estudos nos fazem bem, alimentam-nos o Espírito> satisfazem o nosso desejo de conhecimento, ampliam o nosso mundo...

— Você tem razão, a leitura é a minha distração! E nela que encontro o prazer da minha vida.

— Nunca a vejo, mesmo dentro de casa! Você participa tão pouco ou quase nada das reuniões de família. Nem à mesa, no horário das refeições, conseguimos vê-la. Por que se retrai tanto?

— Eu não me retraio por gosto ou por recusar a companhia dos meus. Prefiro viver assim, a tomar parte de reuniões íntimas que não me dizem respeito. Sinto-me melhor só, comigo mesma. A minha vida é outra! De que me adianta participar de conversas frívolas, se tratam de reuniões fúteis às quais não compareço? De que me adianta juntar-me à mamãe e à Manuela na resolução

de toaletes luxuosas, com as modistas que contratam, se não são essas as roupas que uso? O meu mundo é outro, e não pense que estou reclamando. Apenas me afasto porque nada do que fazem, vem ao encontro dos meus gostos.

Mariana nunca falara sobre si mesma a ninguém. O pouco que revelara, naquele momento, a Cláudio, nem ela mesma conseguiria explicar a razão. Talvez o fizera por ele ter sido a única pessoa que não fugira dela. Isso era indício de que não lhe causava repugnância, e assim, com a confiança dos pequenos animais, quando junto de alguém que lhes quer bem, ela sentiu-se segura e confiou nele.

— Cláudio, pode entrar, se o deseja! Sente-se um pouco, não fique aí em pé.

— Este lugar é muito bonito! Nunca havia sentido a tranquilidade e a paz que se pode desfrutar aqui. Um silêncio absoluto, em volta as plantas, vez por outra o canto de algum pássaro... É muito repousante e adequado à leitura. Bem faz você em aproveitá-lo!...

— Sinto-me bem neste caramanchão! Ninguém se aproxima, pelo menos enquanto aqui me encontro, e assim posso viver dentro do meu mundo, como desejo.

— Já conhecia este lugar! Vim algumas vezes com Manuela, porém, permanecemos poucos instantes, por isso, nunca havia sentido esta paz de agora. Como sabe, ela não gosta de ficar muito tempo em lugar nenhum.

— "E, ela é irrequieta e muito diferente de mim! O seu mundo é outro, os seus gostos são outros... Talvez sua beleza a tenha feito diferente de mim, porque pode viver uma outra vida.

Mas sinto-me feliz como vivo, e tenha a certeza, apesar de Manuela gozar de mais liberdade, participando de reuniões, de festas, mostrando a sua vaidade e beleza, o meu mundo, embora tão pequeno, eu o sinto, é muito maior que o dela! Os meus livros levam-me a lugares que ela nem sequer imagina existam. Ela só

se interessa pelo seu espelho, que nada mais reflete além da sua própria imagem...

Notando que Cláudio a ouvia atento, acrescentou:

— Perdoe-me se falo assim! Não pense que a esteja recriminando, não! Apenas nossos interesses diferem pelas próprias circunstâncias em que a vida nos colocou, pelas diferenças entre nós. E só isso!

Compreendo-a e não interpreto suas palavras como uma recriminação. Você faz da sua vida o que ela não concebe, alguém possa fazê-lo, sem imaginar que não esteja perdendo tempo. Ela não gosta de me ver lendo, justamente por isso! Fiquei muito satisfeito em lhe falar e gostaria de repetir outras vezes.

— Este é o meu lugar preferido. Quando puder e desejar, estarei à sua disposição!

— Ainda manteremos muitas conversas, através das quais aprenderei bastante. Manuela não tem ideia do que você tem aprendido.

Os interesses dela são outros, já comentamos.

— Agora preciso ir, senão logo ela virá à minha procura. Só me deixou estes instantes porque está em uma entrevista com a modista, escolhendo um novo traje, e a companhia da mãe, nestas horas, lhe é muito importante.

— Estarei aqui sempre. Gostaria também de conversar com você, mais vezes. É muito raro poder falar com alguém. Sei que é muito instruído, fez seus estudos no exterior, e eu, sim, é que

terei muito a aprender. Quero que me fale, quando puder, sobre Paris, sobre as escolas que frequentou... Eu não sei como é uma escola!

— Ainda conversaremos outras vezes.

— Meus estudos foram feitos aqui em casa, com os professores contratados por papai.

Sou agradecida a ele por isso, pois possibilitou-me conviver com o que tem me dado tanto prazer nesta minha vida tão pequena — os livros — mas, graças aos quais, não a sinto assim.

— Até uma outra oportunidade!

— Venha quando quiser!

Quando Cláudio se afastou, Mariana, que havia interrompido a leitura, não conseguiu retomá-la de pronto. Ficou pensando na delicadeza com que ele a tratara e no seu empenho em lhe falar. — Nunca pensei que Cláudio pudesse aproximar-se de mim, algum dia! Imaginava-o como os outros frequentadores desta casa, que ficam felizes se não apareço, para não se verem obrigados a falar comigo. Não saberiam como fazê-lo. Como se dirigir a uma noite negra, se se tem sempre o sol radiante a seu lado?

Ao retirar-se da companhia de Mariana, Cláudio levava uma impressão agradável. Muitas vezes a vira, muitas vezes a observara à distância e até estiveram juntos, mas nunca nenhuma palavra havia sido trocada entre eles. Sabia do gosto dela pelos estudos, pela leitura, mas nunca a supôs com tal lucidez de Espírito. Esperava novamente ter a sua companhia para conversar sobre muitos assuntos. O gelo inicial fora quebrado. Sentira-a receosa, desconfiada e sempre armada, pelo modo com que havia sido tratada. Temendo ser desprezada, esquivava-se e não se atrevia a dirigir a palavra a ninguém, nas raras vezes em que se deparava com os familiares.

Cláudio passara a pertencer à família, todavia, era um estranho infiltrado entre eles, na condição de marido de Manuela. Sabia da reserva dos familiares para com Mariana, pois só tinham olhos para a que era bonita. Quando uma oportunidade se apresentasse, pretendia falar com ela diante de todos.

—

Quero integrá-la no meio deles. Se a conhecessem bem, só lucrariam. pensava,

-Ea Conversaremos sobre diversos assuntos que, tenho a certeza, serão do seu conhecimento.

Poderei passarlhe informações que lhe serão importantes, pela minha experiência como conhecedor do mundo lá fora, de outras terras, e poderei, até, aprender alguma coisa. Ela se sentirá bem. Assim pensando, caminhava de volta para casa, e encontrou a esposa à sua procura.

—

Onde estava, meu querido? Procurava-o há tempos!

—

Dava uma volta pelo jardim, enquanto você estava ocupada.

Agora terminei! Escolhi um lindo vestido! Quero ficar cada vez mais bela para agradá-lo, e para que todos sintam inveja, quando estivermos juntos. Vou usá-lo na reunião que daremos no próximo sábado!

Que reunião, Manuela, e por quê?

— Ora, Cláudio, para reunir amigos e nos divertir, não precisa de motivos especiais! Você sabe o quanto gosto dessas reuniões! Em sua companhia, então, sinto-me mais feliz! Poder exibi-lo a todas as minhas amigas, não só a elas, mas às suas mães também, sentindo que estão com inveja por eu ter conseguido o seu amor. E não é só isso!... Quero que seus amigos sintam inveja de você por termos nos casado, por estarmos juntos, por nos amarmos! Existem motivos melhores que esses?

Ouvindo as razões de Manuela, Cláudio sentiu-se impotente para dizer da inutilidade das suas alegações. Concordava até que as reuniões eram necessárias, às vezes, para um encontro com os amigos, para um divertimento salutar, mas os propósitos expostos por Manuela, assustaram-no. Nunca se imaginou competindo

com ninguém para disputá-la, pois nem mesmo entendia como havia se deixado prender por ela, e nunca se sentira vitorioso diante de outros jovens, frequentadores do mesmo círculo.

Refletindo nessas palavras da esposa, lembrou-se da recente conversa com a cunhada.

Como eram diferentes! Uma, voltada somente para aparência, enquanto a outra, voltada para o interior de si mesma, procurava ampliar as suas possibilidades de conhecimento, de reflexão, instruindo-se cada vez mais. Ninguém, naquela casa, conhecia Mariana! Ninguém sabia do seu potencial, que ultrapassava as dimensões da sua silhueta tão pequena e frágil! Isto não enxergavam, nem ela tivera a chance de demonstrar, porque não lhe davam atenção.

Cláudio alimentava, a partir de então, o propósito como os outros frequentadores desta casa, que ficam felizes se não apareço, para não se verem obrigados a falar comigo. Não saberiam como fazê-lo. Como se dirigir a uma noite negra, se se tem sempre o sol radiante a seu lado?

Ao retirar-se da companhia de Mariana, Cláudio levava uma impressão agradável. Muitas vezes a vira, muitas vezes a observara à distância e até estiveram juntos, mas nunca nenhuma palavra havia sido trocada entre eles. Sabia do gosto dela pelos estudos, pela leitura, mas nunca a supôs com tal lucidez de Espírito. Esperava novamente ter a sua companhia para conversar sobre muitos assuntos. O gelo inicial fora quebrado. Sentira-a receosa, desconfiada e sempre armada, pelo modo com que havia sido tratada. Temendo ser desprezada, esquivava-se e não se atrevia a dirigir a palavra a ninguém, nas raras vezes em que se deparava com os familiares.

Cláudio passara a pertencer à família, todavia, era um estranho infiltrado entre eles, na condição de marido de Manuela. Sabia da reserva dos familiares para com Mariana, pois só tinham olhos para a que era bonita. Quando uma oportunidade se apresentasse, pretendia falar com ela diante de todos.

— Quero integrá-la no meio deles. Se a conhecessem bem, só lucrariam. «Ife pensava. —

Conversaremos sobre diversos assuntos que, tenho a certeza, serão do seu conhecimento.

Poderei passarlhe informações que lhe serão importantes, pela minha experiência como conhecedor do mundo lá fora, de outras terras, e poderei, até, aprender alguma coisa. Ela se sentirá bem. Assim pensando, caminhava de volta para casa, e encontrou a esposa à sua procura.

— Onde estava, meu querido? Procurava-o há tempos!

— Dava uma volta pelo jardim, enquanto você estava ocupada.

— Agora terminei! Escolhi um lindo vestido! Quero ficar cada vez mais bela para agradá-lo, e para que todos sintam inveja, quando estivermos juntos. Vou usá-lo na reunião que daremos no próximo sábado!

Que reunião, Manuela, e por quê?

— Ora, Cláudio, para reunir amigos e nos divertir, não precisa de motivos especiais! Você sabe o quanto gosto dessas reuniões! Em sua companhia, então, sinto-me mais feliz! Poder exibi-lo a todas as minhas amigas, não só a elas, mas às suas mães também, sentindo que estão com inveja por eu ter conseguido o seu amor. E não é só isso!... Quero que seus amigos sintam inveja de você por termos nos casado, por estarmos juntos, por nos amarmos! Existem motivos melhores que esses?

Ouvindo as razões de Manuela, Cláudio sentiu-se impotente para dizer da inutilidade das suas alegações. Concordava até que as reuniões eram necessárias, às vezes, para um encontro com os amigos, para um divertimento salutar, mas os propósitos expostos por Manuela, assustaram-no. Nunca se imaginou competindo com ninguém para disputá-la, pois nem mesmo entendia como havia se deixado prender por ela, e nunca se sentira vitorioso diante de outros jovens, frequentadores do mesmo círculo.

Refletindo nessas palavras da esposa, lembrou-se da recente conversa com a cunhada.

Como eram diferentes! Uma, voltada somente para aparência, enquanto a outra, voltada para o interior de si mesma, procurava ampliar as suas possibilidades de conhecimento, de reflexão, instruindo-se cada vez mais. Ninguém, naquela casa, conhecia Mariana! Ninguém sabia do seu potencial, que ultrapassava as dimensões da sua silhueta tão pequena e frágil! Isto não enxergavam, nem ela tivera a chance de demonstrar, porque não lhe davam atenção.

Cláudio alimentava, a partir de então, o propósito de fazer vir à tona todas as qualidades

escondidas e muito bem recalcadas da cunhada, ajudando-a a conquistar, aos poucos, os familiares, a fim de que ela pudesse viver, dentro de casa, uma vida normal. Não seria fácil, mas tentaria. Esforçar-se-ia para retê-la mais tempo com a família, quando participasse das refeições; não perderia nenhuma oportunidade de lhe falar, fazendo-lhe indagações, estimulando-lhe respostas, sem deixá-la esquivar-se.

4 APENAS O ACASO?

Jílguns dias passaram após aquelas reflexões e propósitos de Cláudio. A reunião tão aguardada por Manuela já havia passado, na qual ela pôde brilhar como desejara. Mariana, porém, continuava como até então, voltada para si mesma e afastada daqueles que sabia não desejarem a sua presença. Certa vez em que se encontravam reunidos no horário da refeição, ela também compareceu. Era a oportunidade que Cláudio esperava, pela decisão que havia tomado. Quando a viu encarninharse à mesa, juntando-se aos demais, alegrou-se e dirigiu-lhe a palavra, surpreendendo a todos:

— Seja bem-vinda, entre nós! Estávamos sentindo a sua falta!

Ela olhou-o surpresa também e nada respondeu, além de um muito obrigada. O silêncio novamente se fez e Manuela, tentando falar a respeito de uma amiga, fazendo um comentário maldoso,

dirigiu-se a Cláudio. Ele, procurando um meio de conversar com Mariana, não a ouviu. Ela repetiu e não obteve resposta.

—

Cláudio, estou falando com você! — exclamou em tom alterado, O que está acontecendo que não me ouve?

—

Nada, Manuela, estava pensando e distraí-me! Eu deveria estar longe daqui...

Desculpe-me, diga, o que foi?

—

Agora não repetirei mais!

Mariana a tudo assistia, calada, tentando engolir o alimento que lhe fora servido. Logo a seguir, Cláudio perguntou-lhe:

— Eu sei do seu gosto pela leitura! O que está lendo agora?

Ela respondeu da forma mais sucinta possível, para não causar aborrecimento à irmã, que sabia, não iria gostar.

— Ah! Já li esse livro e gostei muito! — comentou Cláudio. — Levou-me a terras longínquas e maravilhosas, pelas descrições que o autor faz.

— Eu apenas comecei! Não sei ainda muito bem como o assunto será desenvolvido, mas espero aproveitar bastante. Interesse-me pelo Oriente, e sei que terei a oportunidade de, através dele, viajar e conhecer essas terras, estranhas para mim.

— Você irá apreciar bastante, se gosta, como diz, da cultura oriental.

—

Mas o que é isso!? — interferiu, irritada, Manuela. — Viemos aqui para falar de livros, do Oriente? Isso não nos interessa e muito menos enquanto fazemos nossa refeição!

Cláudio, não me tire a vontade de comer e pare com essa conversa!

O senhor Sousa ficou surpreso pela atenção que Cláudio dispensara à Mariana, e a sua esposa sentiu-se enraivecida e desprezada, pois nenhuma palavra lhe fora dirigida até então, a não ser pela própria Manuela, em protesto pela conversa de ambos.

Mariana, percebendo a irritação da irmã, e não querendo causar problemas, pediu licença e retirou-se, sem terminar a sua refeição. Quando o pai perguntou por que não a terminava, respondeu que já estava satisfeita.

Após alguns dias desse fato, Cláudio recebeu uma carta de um amigo que deixara em Paris, quando lá estivera estudando. Endereçada à casa de seus pais, eles lhe enviaram logo em seguida, por intermédio de um criado. Era a primeira correspondência recebida desse amigo>

desde que de lá regressara, e, surpreso, abriu-a com avidez, querendo tomar conhecimento do

seu conteúdo. Ele comunicava-lhe que estava trabalhando, e, como tinha uma missão para desempenhar em Lisboa, gostaria de contar com seus préstimos para apresentá-lo às pessoas dos locais onde deveria comparecer, marcava a data da sua chegada e esperava ser atendido, em nome da boa amizade que sempre tiveram em Paris, durante o tempo de estudantes.

Cláudio não compreendeu muito bem de que forma poderia ajudar o amigo, mas, em resposta, colocou-se à sua disposição, acrescentando que, num primeiro momento, gostaria de hospedá-lo para melhor auxiliá-lo. Depois, conforme a atividade que fosse desempenhar, ele poderia instalar-se num hotel, dependendo de sua vontade. Consultou o sogro dessa possibilidade e foi atendido prontamente, sem nenhum indício de desagrado.

Na data e horário marcados, Cláudio foi esperá-lo. Recebeu-o de braços abertos, e, em poucos instantes, viram-se no tempo de estudantes, quando mais de perto é intimamente conviviam. Depois dos abraços e de todas as palavras que se dizem nessas ocasiões, Cláudio contou-lhe que havia se casado, dizendo que o levaria para a sua casa.

— Quem conseguiu prendê-lo pelo matrimônio? E os seus pendores políticos, os seus ideais, onde estão?

Vou levá-lo, mas não moro só com minha esposa. Ela quis permanecer na casa dos pais e todos insistiram muito, por isso resido lá! A casa é grande e você estará bem instalado.

Conhecerá minha esposa e poderemos conversar sobre os seus propósitos, aqui, em Lisboa.

— Como quiser! Entrego-me totalmente a você! Nesta cidade tudo é estranho para mim!

Precisarei muito da sua companhia, pois a sua língua me é muito difícil, apesar de tê-la estudado um pouco.

Cláudio levou-o à sua residência, onde Charles \$|| esse era o nome do nosso novo personagem recém-chegado de Paris -J foi apresentado a todos. Manuela ficara ansiosa, esperando em casa. Quisera ter ido com Cláudio, mas logo admitiu, não seria conveniente. O

efeito de esperá-lo em casa seria muito maior! Ele poderia melhor apreciá-la em toda a sua beleza, e, junto da mãe, sentise mais segura.

Quando entraram, Manuela aguardava-os. Aprontara-se como se fosse a uma recepção, tal o requinte com que o fizera, querendo parecer, aos olhos do amigo de Cláudio, mais bonita ainda.

— Manuela, este é Charles, o amigo de quem lhe falei, e que nos fará companhia por algum tempo.

— Muito prazer, senhor Charles! Cláudio contou-me que foram amigos em Paris. Temos muito prazer em recebê-lo em nossa casa, e tudo faremos para que se sinta à vontade, conosco.

— Agradeço-lhe muito, senhora!

Veza por outra tropeçava em alguma palavra, e Cláudio vinha em seu socorro, ajudando-o.

Charles limitava-se ao necessário, entretanto, com toda dificuldade, não deixou de mencionar a beleza de Manuela. A observação lisonjeou-a pela boa impressão que causara, exatamente como pretendia, e, intimamente, sorria. Apresentado aos outros membros da família, foi levado a seu quarto, preparado para que se sentisse bem. Cláudio acompanhou-o, seguido pelo criado que levou a bagagem. Um membro da família não se encontrava presente a pequena Mariana, sempre recolhida em seus aposentos ou em outro local da grande casa, onde pudesse ficar mais à vontade. Não fora chamada para fazer parte de tal recepção, nem sabia que receberiam um hóspede.

Enquanto Charles se retirava, Manuela pensava na sua reação, quando visse Mariana, tão feiozinha.

— Não importa — dizia a si mesma — estarei aqui eu, para que ele veja o que é ser bela!

Quero conversar com ele, mais tarde, a respeito da moda em Paris, de onde procuramos copiar os modelos.

Ela estava feliz por ter mais alguém para admirá-la, tanto pela beleza, como pelo apuro com que se arramava, que só para isso vivia. A partir daquele instante em que uma simples criatura

se adentrava naquela casa, nada seria como até então. Ele era o instrumento que a Providência enviava para a realização de testes, a fim de que a força moral fosse avaliada, e a simplicidade, a humildade e o altruísmo, exaltados. Num acontecimento, à primeira vista sem importância, com toda a aparência de obra do acaso, está o que a Providência nos

prepara, para demonstrarmos o nosso verdadeiro caráter, as nossas virtudes, ou então, todos os vícios recalcados em nós.

Cláudio nunca mais tivera a oportunidade de falar com Mariana, desde o encontro à mesa, e alguns poucos dias haviam passado. O jantar daquela noite seria de muito requinte. Tinham um hóspede na casa. Manuela estava ansiosa e sua mãe esmerara-se nas providências e nas ordens aos criados.

— Quero o melhor! Precisamos causar boa impressão ao nosso hóspede, que veio de um centro muito adiantado, e mostrar-lhe o quanto também o somos. Nada pode falhar, não só hoje, mas nos dias subsequentes, enquanto ele aqui estiver. Hoje, porém, como se trata do seu primeiro jantar conosco, devemos nos esmerar mais ainda!

Todos os pratos foram preparados com o mais apurado cuidado, e a hora tão desejada e aguardada, nervosamente, por todos, chegou. Os anfitriões e o hóspede dirigiam-se à mesa e Mariana, sem nada saber, teve vontade de fazer sua refeição com a família, e não tão só, como costumava. Foi se achegando, notou conversa estranha na sala, mas não recuou. Queria ver o que estava se passando. Quando se aproximou, Cláudio, muito solícito e educado, chamou Charles que conversava com o senhor Sousa, dizendo-lhe:

— Charles, quero apresentar-lhe a minha cunhada, irmã de Manuela.

Ele virou-se, ouvindo o apelo de Cláudio, pensando, talvez, em deparar-se com outra beleza exuberante como a de Manuela, porém, viu apenas um pequeno ser frágil, simples e até feioso. Percebeu-se a sua surpresa, mas, educadamente, atendeu ao amigo.

— Esta, Charles, é Mariana, a irmã de Manuela!

Charles — explicou Cláudio — é um amigo que mora na França, em Paris! Veio a negócios e ficará hospedado conosco por uns tempos.

Mariana observou-o sem nada dizer, pois percebera que ele, ao falar, pronunciava mal as palavras e com muita dificuldade.

— Tenho muito prazer em conhecê-la, senhorita!

Ela, tão simples, tão humilde, e apenas querendo

ajudar, respondeulhe em bom francês, o que veio a admirar os presentes. Todos sabiam dos seus conhecimentos e até que lhe haviam sido ensinadas muitas línguas, não só o francês, como também o inglês e o espanhol. Só não sabiam que ela poderia, tão facilmente, conversar com ele em sua própria língua, o que não pretendiam ver transcórrer para não criar dificuldades.

Charles, ao ouvir Mariana responder-lhe na sua própria língua, exclamou com alegria:

— Que bom! Tenho aqui mais alguém com quem conversar sem fazer tanto esforço, e sem que minhas palavras não sejam compreendidas! Tenho muito, muito prazer em conhecê-la, senhorita! — repetiu, animado. \$\$\$, Sei que agora, além de Cláudio, posso contar com a senhorita para expor as minhas ideias, e conversam«® mais fluentemente a respeito desta cidade! Creia-me> estou muito contente.

— Eu nunca tive a oportunidade de conversar com ninguém, em francês, a não ser com o professor que me ensinou. Por isso, não sei se estarei me expressando adequadamente, mas espero, não só atender ao que deseja como também aprender com o senhor.

Bem, o primeiro passo a dar para mostrar que já somos amigos e podemos passar bons momentos em conversas amigáveis, é tirarmos esse tratamento de senhor e senhorita, que só irá nos dificultar. Não precisamos ser tão cerimoniaosos, se já somos amigos!

Um pouco mais afastada dos dois, perto da mãe, estava Manuela, estupefata, sem conseguir esconder a ira de que era tomada, naquele momento.

— Eu, que me aprontei tanto, esmerando-me no meu traje, passo a perder em favor de

Mariana, aquele ser minúsculo e feio, apenas porque fala com ele em francês! Não sabia que ela conseguia falar dessa forma! |\$íg comentava com a mãe.

— Não se preocupe, filha! Charles está apenas sendo gentil! Não se esqueça de que ele está em nossa casa e deve ser amável!

O jantar foi servido e todos foram chamados à mesa. Coincidentemente, Charles foi colocado bem à frente de Mariana, que se sentiu pequena entre todos eles, Porém, estava satisfeita consigo mesma, não por orgulho nem vaidade, nem por vontade de exhibir-se. Apenas fora espontânea e natural, querendo ajudá-lo. Aquele momento tão aguardado tomava outro rumo. Manuela sentiu-se à margem do que se passava, e a conversa entre ambos, acrescida da participação de Cláudio, continuava. Vez por outra ele, e mesmo Charles, dirigiam-se aos demais com duas ou três palavrinhas, mas a conversa animada se dava entre os três, e na língua que ali, só eles entendiam.

Não puderam evitar! O hóspede, entusiasmado, conduzia a conversa. Mariana, sempre humilde, respondia o que lhe perguntavam, e a nada mais se atrevia. Não queria chocar mais a família, ao mesmo tempo, não se reconhecia preparada para conversar com uma pessoa culta e viajada, vinda de um meio tão desenvolvido. Não poderia competir com ele de forma alguma, nem desejava. Tinha até vergonha da sua pouca instrução — apenas aquela fornecida pelos livros, mas era tanta que ela não podia avaliar. Quando lia, nunca perdia uma única palavra, uma simples descrição de ambiente ou local, e, desse modo, conhecia muito. Tinha, armazenadas na mente, mais informações que aqueles que têm uma vida normal, indo e vindo a todos os lugares que pretendem, nos momentos que desejam.

O jantar continuava animado para uns e aborrecido para outros. A que sempre fora desprezada em todos os momentos de sua vida, desde criança, retinha para si as atenções do convidado, que se

sentira atraído, de início, somente pela sua capacidade de conversar com ele.

Entretanto, dessa necessidade primeira, viria, mais tarde, o desejo da sua companhia, para desfrutar não só das facilidades da língua, mas também, e muito mais, de todos os assuntos dominados por Mariana, sobre os quais, humildemente, demonstrava um conhecimento, ainda que apenas acadêmico. Com o passar do tempo, porém, quando mais segura, começou a emitir até opiniões, o que nunca fizera antes, por falta de oportunidade.

Ela era consciente das suas possibilidades, dos conhecimentos que hauria dos livros, não obstante nunca pudera demonstrar. Bastavam somente a si, se de outra forma não podia ser!

Compreendia muito bem a irmã e a mãe, e não lhes tinha rancor. Lamentava, não por si própria, mas por elas que se apegavam a futilidades) apenas para mostrar a exuberância da beleza de Manuela. Em razão disso, imaginava como a irmã, sempre a mais requisitada, a que retinha para si todas as atenções em todas as rodas, estava sentindo-se, naquele momento, vendo-se relegada.

A única culpada é Mariana — pensava Manuela.

— Como permitimos que ela participasse? Ela, que nunca se aproxima de ninguém, o que veio fazer entre nós, justamente hoje? Com certeza, somente para atrapalhar!

— Todavia, logo ponderava: — Ela não sabia da nossa visita, do nosso hóspede! Nada lhe dissemos> nunca conversamos!... Ela não fez de propósito! Mariana, que nunca emitiu um juízo a respeito de nada, por que se expande dessa forma? E o que é pior, de modo a que ninguém, aqui, possa participar!

Com esses pensamentos irritava-se mais e decidiu:

— Vou acabar com isso já! O jantar está no fim, quero ver quem é que vai se sobressair?

— Cláudio, meu querido, chega de falarem tanto sem que ninguém possa entendê-los!

Você já percebeu que estamos sendo esquecidos? Não é hora de conversarmos todos juntos? -

— Não fique aborrecida, Manuela! Só estamos querendo ser gentis com Charles, e é ele, você viu, quem domina a conversa, sempre trazendo perguntas referentes aos costumes do nosso país e a outros interesses. Não se aborreça e também seja gentil!

A essa hora o jantar havia terminado. Manuela levantou-se, aproximou-se de Charles e convidou-o para acompanhá-los à outra sala, onde poderiam conversar mais agradavelmente, e até ouvirem um pouco de música. Charles pediu a Cláudio para explicar-lhe o que ela desejava, e assim acedeu ao seu convite, insistindo com Mariana para que fosse também. Ela, porém, sabedora de que já se excedera e de que não estava agradando à irmã nem à mãe, deu-lhe uma desculpa e retirou-se, levando uma boa impressão do recente companheiro de jantar. Sentia-se satisfeita em ter podido demonstrar, não aos demais, mas a si mesma, que era capaz de manter uma conversação com outras pessoas, e ainda mais, numa língua que aprendera, sem nunca ter tido ocasião de utilizar, desejando que novas oportunidades surgissem.

5 APELOS, REFLEXÕES E

DESCOBERTA

Os dias decorriam e o hóspede continuava sendo alvo das atenções dos que queriam agradá-lo. Mariana prosseguia a sua vida como a tinha vivido até então e gostaria de ter nova oportunidade de falar com Cláudio, mas nada fazia para isso. Preferia sacrificar os seus desejos a ser causa de problemas. Dava os seus passeios pelo grande jardim da residência, sempre levando nas mãos algum livro, pois, no final, tinha o seu ponto certo — o caramanchão! Era o local para onde se dirigia, após ter contemplado as flores de que gostava tanto, sabendo, de cada uma, o dia em que surgia como pequeno botão e quando ele explodia, mostrando uma pequena pétala. Sentiase feliz acompanhando a vida das flores. O término desse exame culminava no caramanchão, onde podia refletir, meditar, e, após, ler. Era o que fazia diariamente, ocupando-lhe muitas horas.

Charles sempre interpelava Cláudio, perguntando onde se escondia aquela criaturinha que se mostrara tão adorável.

— Não a vejo mais pela casa, Cláudio; o que aconteceu?

— Não se preocupe! Mariana é muito retraída, gosta de viver só com seus livros.

— Gostaria muito de voltar a lhe falar! Agradou-me bastante a nossa conversa durante o jantar, no dia em que cheguei e queria ter nova oportunidade.

— No nosso jardim, a um canto dele, há um pequeno caramanchão, nesta época do ano, todo florido, aonde ela costuma ir para ler. E um recanto sossegado, no qual ela se sente à vontade. Eu mesmo a surpreendi naquele local, uma vez, há não muito tempo. Se quiser tentar, quem sabe, poderá encontrá-la!

Charles foi ao jardim, deu uma volta como quem observa as flores, mas, o seu olhar perscrutador procurava o caramanchão.

Descobriu-o logo e, com o mesmo passo vagaroso de quem dá um passeio apenas por dá-lo, para lá se dirigiu.

Aproximando-se, viu Mariana. Tão absorta em sua leitura estava, que não percebeu a sua chegada.

—

Eu a atrapalho, senhorita?

— Não, o senhor não me atrapalha! Seja bem-vindo! Como veio parar aqui?

— Estava dando uma volta pelo jardim, quando a yi! Se não a incomodo, poderíamos conversar um pouco.

— Será um prazer conversar com o senhor, desde que não tenha nada mais importante a fazer, e possa perder um pouco do seu tempo comigo. Pode entrar e fazer-me companhia que gostarei muito!

— No momento, o que mais quero é conversar com a senhorita! Veja que voltamos a nos tratar de forma cerimoniosa, tão afastados ficamos estes dias! Lembra-se de que já havíamos abolido esse tratamento?

— É verdade, Charles, você tem razão!

—Posso me sentar um pouco em sua companhia?

Certamente! Esteja à vontade!

O que estava lendo?

— Não sei se devo dizerlhe! Tão afastada estava dos meus estudos de francês, que, depois da nossa conversa, resolvi voltar a fazê-lo. Estava estudando um pouco mais a sua língua!

— Isto é muito bom! Significa que gostou de falar comigo e tem interesse em aprimorar-se mais! Por que, então, esteve tão escondida todos estes dias? Não pude vê-la em lugar nenhum da casa!

Não se incomode! Gosto de viver assim; sinto-me bem!

Nº entanto senti a sua falta! Ainda bem que a encontrei agora!

— Eu também gostei de conversar com você, não vou negar! É fascinante podermos falar com alguém numa língua diferente, sobretudo quando nunca havíamos tido essa oportunidade.

Confesso, a experiência agradou-me bastante.

— Fico muito contente e gostaria de poder contar com a sua companhia dentro de casa!

Onde se esconde tanto?

— Eu não me escondo, apenas faço o que me dá satisfação! Por não combinar com o gosto das outras pessoas da minha família, resolvi viver a minha vida assim, e sou feliz.

—

Tenho a certeza disso e respeito a sua preferência, mas não me prive, pelo menos enquanto eu aqui estiver, da sua presença! Faça um sacrifício por mim! Saia do seu esconderijo e viva como todos, para que eu também possa desfrutar da sua companhia! Se você diz que gosta de conversar comigo e até está procurando aperfeiçoar o seu francês, de nada adianta ficar reclusa. Vou fazer-lhe uma confissão, agora. Eu não vim aqui por acaso! Tenho perguntado ao Cláudio por você, todos os dias, mas só hoje ele resolveu falar-me deste caramanchão.

Não devia ter feito isso! Meus familiares poderão não entender, e não quero que nada perturbe a sua permanência nesta casa. Já estou acostumada a viver assim, e sinto-me bem. Não tenho afinidades com minha irmã, apesar de gostar muito dela, porém, o que ela deseja e gosta, não é o que eu gosto e desejo.

— Do que você gosta eu já sei! Diga-me, então, o que deseja?

— Ora, nada mais do que tenho, da vida que levo, procurando aprimorar-me mais! Ainda bem que papai compreende esse meu

desejo, e compra-me todos os livros, jornais e revistas que quero. Assim, sem sair de casa, fico bem informada a respeito de tudo o que acontece por esse mundo afora. Como vê, a minha vida é muito simples, sem grandes expectativas. Apenas vivo e sinto-me feliz...

A surpresa que recebera em seu recanto de paz fazialhe muito feliz. Nunca, jamais, podia imaginar que alguém pudesse procurá-la, muito menos um homem, e, como Charles. Ela sabia que, fisicamente, não possuía nenhum atrativo, e o que o impelia para ela era apenas o desejo de manter uma amizade, pelo menos enquanto fosse hóspede da família, mas só isso a tomava feliz. Mesmo assim, ela, sempre esquivava com todos para não ter o desprazer de vêlos se esquivarem dela, encontrava-se dentro de uma situação totalmente insólita. Não que alimentasse algum sentimento diferente por ele, que isso nunca lhe passara pela mente.

Todos esses pensamentos fluíam-lhe, enquanto estavam juntos. Uma conversa tão a dois, que não acontecera por uma simples obrigação, mas fora procurada. O bem-estar de ambos era tanto, que pareciam desejar prolongar aqueles momentos em que os olhos enciumados de Manuela não os observavam.

— Sei, Mariana, que deve sentir-se feliz com a sua vida, no entanto, por favor, pelo menos enquanto eu aqui estiver, não me prive da sua companhia, nem que seja por poucos instantes a cada dia! ;

— Não estamos conversando agora, despreocupados e felizes? Fiquei muito contente por ter me procurado. Passo, neste lugar, uma boa parte do meu dia, e, quando desejar, poderá vir.

Conversaremos tranquilamente, se isso lhe agrada.

— Virei sempre que puder! Mesmo assim, faça-me a gentileza de partilhar conosco da reunião de família. Se me permitir, gostaria de dizerlhe algumas palavras sem a intenção de ofendê-la.

— Poderá dizer-me o que quiser. Sinto que é sincera, e o ouvirei com a maior boa vontade.

;

— Você, Mariana, não tem razão nenhuma para esquivar-se, como venho percebendo que o faz! A família é um bem muito importante em nossa vida. Sei, apoiado em sua própria confissão, que não sente afinidade por nenhum de seus familiares, muito menos por sua irmã, apesar de gostar dela. Entretanto, se nada tem a aprender com eles, que se atêm apenas a futilidades, como observo em sua irmã, você tem muito a lhes transmitir em conhecimento, e muito a lhes ensinar, com o seu exemplo e as suas qualidades. Não pretendo criticar sua irmã, reconheço o quanto ela é bonita, nem estou querendo consolá-la, mas precisava dizerlhe isso.

Mariana ouvia-o calada, refletindo nas suas palavras, e ele prosseguia:

— Você é uma criatura muito doce, meiga e culto! Por que reter só para si essas virtudes?

As pessoas que vivem à nossa volta, podem espelhar-se nas nossas ações, na nossa conduta, nas nossas qualidades e, por que não dizer, na nossa cultura? Você tem muito a lhes transmitir, e os ajudaria, se convivesse mais com eles. Uma palavrinha hoje, uma atitude amanhã, e o seu exemplo iria se afirmando entre eles. Se não nos sentimos bem em algum ambiente, por que não tentarmos transformá-lo para nos sentirmos melhor nele? Por que não convivemos mais com as pessoas, para que elas possam nos conhecer melhor, e chegar até a sentir a nossa falta, quando não estivermos presentes? Por que não começa a se introduzir no meio deles? Será sacrifício, no começo, mas depois, tanto você quanto eles se habituarão e até desejarão a companhia um do outro.

— Charles, não quero interrompê-lo, no entanto, percebo, você não observou tão bem quanto o diz. Eu não sou benquista entre eles! Sempre me ignoraram em tudo, principalmente Manuela, e não quero importuná-la com a minha presença. Não deveria dizerlhe particularidades que são só minhas, contudo, como tocou nesse assunto, posso lhe falar também.

— Mariana, referi-me há pouco à sua inteligência. Por que não conquista sua irmã, começando pelo que ela gosta de ouvir, da forma como ela gosta, sem que perceba que está sendo conquistada? Depois, então, poderá transmitir-lhe muito do que possui.

— Manuela nunca se interessou por nada além da sua beleza, desde que percebeu que a possuía! E, mesmo quando ainda não havia percebido, era já diferenciada pela nossa própria mãe. Por isso, é muito difícil!

— Não será difícil, se o desejar! Estimule-lhe mais os seus encantos! Emita opinião acerca da sua aparência, note pequenos detalhes em sua vestimenta e os elogie, que ela ficará feliz. Tente, para que você também possa ter uma outra vida!...

—

Sou feliz como vivo!

— Acredito, mas será felicidade o que existe dentro do seu coração? Ninguém pode ser feliz vivendo desse jeito. Você criou o seu próprio mundo, por sentir que viver no dos outros era muito difícil. Não se encasule nesse mundo, Mariana! Se não quiser fazer por si, faça-o pelos outros, por aqueles que, apesar de estarem na mesma casa, nem a conhecem! Faça-o por eles!

Mariana ficou pensativa e não conseguiu responder mais nada. Como lhe permitira dizer tudo aquilo em tão pouco tempo de convivência? Nunca ninguém se atrevera a falar-lhe daquela forma. Como ele conseguira perscrutar-lhe o íntimo, tão profundamente? Absorta nesses pensamentos, não ouviu de pronto o que Charles lhe falou, mas logo voltou à realidade presente.

Mariana, não quero vê-la aborrecida nem triste comigo! Talvez eu tenha me excedido e falado além do que deveria. Se a ofendi, se a magoei, perdoe-me, mas creia-me, a minha intenção foi a melhor. Queria ajudá-la para que você pudesse ajudar os outros. Perdoe-me!

Charles preocupou-se, imaginando ter se excedido. Com que direito havia falado daquela forma com ela? Não fora ao seu encontro com aquela intenção. Ao procurá-la, queria apenas conversar sobre diversos assuntos, sem nada intencional. Como se desviasse tanto, deixando sua fala tomar rumo tão diverso?

— Mariana, mais uma vez lhe peço perdão! Eu não a procurei para isso! Não quero que pense que invadi a sua intimidade para devassar os seus sentimentos!

SS Nada tenho para perdoar-lhe! Vou refletir em suas palavras e, quem sabe, numa outra oportunidade, voltemos a conversar. Agora vou retirar-me, se me der licença. Quero recolher-me para refletir.

— Sim, faça-o, mas prometa-me que não vai magoada comigo! Eu não entendo o que fiz!

Talvez tenha sido pelo desejo de vê-la junto dos outros, não por eles nem por si própria, mas por mim mesmo, que poderia mais vezes desfrutar da sua companhia.

— Não compreendo, Charles, em que a minha companhia pode lhe ser tão importante!

— Você é importante para mim!

—

Dê-me licença, agora! Se quiser, poderá ficar aqui mais um pouco, será melhor.

Mariana, retirando-se, recolheu-se em seu quarto, onde permaneceu deitada e muito pensativa. Inteligente como era, conseguiu reter cada palavra que ele lhe dissera.

Rememorou-as uma a uma, para poder pensar, refletir, analisar... Chegou até a sentir uma certa mágoa por ele, que invadira o mais íntimo de seu íntimo, buscando todos os seus recalques, conquanto tivesse falado com delicadeza e no sincero desejo de ajudá-la.

Depois de um tempo, adormeceu e não sentiu o passar das horas. Quando acordou, levantou-se, mas a casa estava em profundo silêncio, todos dormiam... Era madrugada. Voltou para a cama, porém, não mais dormiu. No silêncio que a noite nos proporciona para melhor adequarmos os nossos pensamentos, ela pensou, pensou... Não sabia o que fazer. Nada ao nosso redor, as pessoas, nós mesmos, se transforma de um momento para outro. Não é porque tenhamos decidido tomar novas atitudes, que vamos nos sentir adequados nelas. O trabalho é difícil, demorado e de sofrimento.

Do momento em que ela, a sempre desprezada, passasse, com muito sacrifício, a querer fazer parte da roda familiar, sofreria duplamente a saber pelo sacrifício que estava impondo a si própria, e pelos reflexos da não aceitação dos outros. Sempre fora relegada, desde criança, nas mais simples brincadeiras infantis... Como, de um momento para outro, tudo poderia mudar, se Manuela dominava os salões com toda a pujança da sua beleza? Ao mesmo tempo em que esses pensamentos lhe tomavam a mente, outros se infiltravam, justificando seus receios, querendo que não só as aparências predominassem, mas o íntimo das pessoas fossem revelados. Se Charles, um jovem forte, culto, com todas as possibilidades de se extasiar com a beleza e a futilidade dos meios onde frequentava, se dignou procurá-la, demonstrou não dar tanto valor às aparências. Ela nada tinha de belo a oferecer-lhe. Conforme afirmara, ele percebera as suas qualidades de Espírito como as virtudes, a inteligência, e até a sua cultura, através do pouco que estiveram juntos e do muito que observara. Ser-lhe-ia difícil agir como Charles lhe aconselhara. Além disso, que faria ela junto dos outros? Na verdade eram seus familiares, gostava deles, mas percebia que uma sensação estranha os invadia, quando se aproximava. As conversas fúteis das quais ela nunca tomava parte, continuavam. Como iria discutir a respeito de reuniões, festas, trajes para essa ou aquela cerimônia, se nunca se preocupara com nada disso?

Charles viera trazer-lhe preocupações. Sentia-se desnuda em seus sentimentos, em seu Espírito, em tudo o que procurara esconder de si própria, por tantos anos. A vida que levava, à qual

se acostumara, fora toda remexida dentro de si. Como faria para acomodá-la novamente?

Seria difícil colocá-la em seu lugar, sem alguma mudança. Não se remexe o íntimo de ninguém, sem que ele se sinta transformado. Nada mais seria como antes! Se o fosse aparentemente, não o seria no seu Espírito.

À retirada de Mariana, Charles continuou no caramanchão por um pouco, deu mais algumas voltas pelo jardim e entrou em casa, muito preocupado com o que havia feito. Sem entender como acontecera, receou que, em vez de ajudar, só houvesse agravado mais.

Encontrou Manuela e Cláudio, com os quais permaneceu, sem, contudo, poder contar o que fizera. Quando Manuela se distraiu com a chegada da mãe, Cláudio perguntou a Charles se a tinha encontrado.

— Sim, encontrei-a e penso ter estragado tudo! Não sei por que nem como, mas senti uma vontade muito grande de ajudá-la e toquei em assuntos que suponho, não devia. Mexi em seu íntimo, em seus sentimentos, em seu modo de ser, e temo tê-la magoado

— Mas por Deus, o que fez você?

Mostrei-lhe que esse seu jeito de viver, tão afastada de todos, não era bom para ela nem para os outros que se privam da sua companhia. Talvez o tenha feito mais por egoísmo que por ela própria! Pelo egoísmo de poder ter mais vezes a sua companhia e pela vontade de vê-la integrada na família.

— As vezes tocamos em pontos que as pessoas guardam bem escondidos só para si, e que não temos o direito de atingir! Mariana é muito dócil e compreensivo e talvez você tenha fornecido elementos para ela repensar. Vamos aguardar, não se preocupe! Esperemos até amanhã para ver a sua reação.

Mariana pensou muito, refletiu nas próprias razões; no que havia passado até então, mesmo sendo ainda tão jovem, e no quanto, intimamente, já sofrera, embora nunca o admitira. Por que agora

tudo lhe vinha à mente? Por que Charles remexera o seu-íntimo? De repente, tomou uma resolução! Não, não seguiria os conselhos dele! Procuraria esquecer o que lhe dissera e continuaria a viver como sempre o havia feito. Procuraria ser feliz dentro do seu mundo e não»

o mudaria agora, porém, gostaria de novamente falar com ele. Reconhecia, de uma forma inexplicável, que ele havia tocado seu coração, não por suas palavras, mas por procurar a sua companhia, pelo desejo de conversar e até de ajudá-la, e não lhe tinha ressentimentos por ter desvendado o seu íntimo. Era sinal de que a observara e se preocupara com ela, o que lhe era muito importante.

Surpreendia-se sempre remoendo todos esses pensamentos, mas procurava expulsá-los. Ela era diferente, sempre fora diferente! Os próprios familiares a fizeram sentir-se assim. Como, então, abrigar sentimentos iguais aos das outras pessoas? Não, não podia! Muito lhe fora negado durante toda a vida, e isso também o seria!

Contudo, pelo inusitado da situação, indagava-se, preocupada: Que sentimento estranho é esse que brota dentro de mim? Não posso senti-lo, não quero senti-lo! Não quero sofrer, não o suportaria!

Iniciou-se, no seu íntimo, uma grande luta. A alegria do sentimento que estava nascendo, e o medo de deixar transparecê-lo e ser ridicularizada, fazendo-a sofrer mais profunda e intensamente. Como pudera ocorrer justamente com ela, que sempre ficara imune a qualquer acontecimento fora do seu próprio mundo; do mundo que construía para si? Nos dias subsequentes não mais se lembrava do que Charles lhe havia dito em relação aos outros familiares, pois um só pensamento tomava-lhe toda a mente, e um só sentimento, o coração...

Lutava por expulsá-lo, todavia, em seu caramanchão, não mais conseguia 1ér, mas tão somente sonhar. — Se não posso viver, pensava posso, pelo menos, sonhar, e sonhava» muito...

Charles que supunha, logo no dia seguinte, desfazer a impressão que lhe ficara de tê-la ofendido, não a viu durante alguns dias, até que, não suportando mais a espera, fingiu um passeio pelo jardim no momento em que imaginou, ela lá estivesse, e foi ao seu encontro. ,

— Maiiana, há dias venho tentando falarlhe, querendo saber o que aconteceu depois da

nossa conversa. Fiquei muito preocupado e arrependido. Gostaria de desfazer qualquer ressentimento que possa ter ficado em seu coração.

Ela, que ainda não o tinha visto depois de descobrir que ele tomava conta de todo o seu ser, olhou-o de forma estranha, como nunca o havia feito. Feliz por tê-lo, em pessoa, fazendo parte do sonho acalentado em seu coração, não conseguiu dizer nada... ,

— Mariana, falo com você. O que está acontecendo?

Num grande esforço, ela caiu em si, indagando:

— O que me disse Charles? Estava tão longe em meus pensamentos que não o ouvi! Por favor, repita!

— Estava sentindo a sua falta. Queria muito lhe falar para desfazer qualquer ressentimento que eu tenha lhe provocado.

Você não me ofendeu em nada. Por que essa preocupação?

— Se continua a se esquivar de mim e de todos, é porque não gostou do que lhe disse!

— Nem me lembrava mais! Você sabe como eu gosto de levar a minha vida! Não se preocupe, está tudo bem comigo!

Ao falar, Mariana olhava-o fixamente, como querendo perscrutar cada pedacinho do seu rosto, cada movimento que fazia, e, muito mais profundamente, olhava nos seus olhos. Charles estranhou, mas, para não insistir no mesmo assunto, procurou desviá-lo.

— Hoje você não está lendo, Mariana?

— Não, saí para uma volta no jardim, examinar as minhas flores, e vim aqui pensar um pouco.

Naquele momento, foram surpreendidos por Manuela que, sentindo a falta de Charles dentro de casa e, vendo-o dirigir-se ao jardim, foi até lá com a intenção de sondá-lo. Não compreendia o que poderiam ter para conversar, o que Charles teria para dizer a Mariana...

— O que fazem aqui? Sobre o que conversam? — indagou ela surpresa.

Charles, como não entendia muito bem, ficou calado e Mariana respondeulhe que ele a encontrara ali por acaso e ficaram conversando.

— Agora me deem licença, vou retirar-me! -disselhes Mariana, e, completando, sugeriu-lhes: — Por que não aproveitam para dar uma volta pelo jardim? Acompanhe Manuela, Charles, ela ficará contente!

Mariana recolheu-se em seu quarto e não apareceu mais. Nem Charles pôde encontrála, prolongando o silêncio que se formara entre ambos.

6 RETORNO A PÁTRIA DE

ORIGEM

Certa manhã, uma criada foi à procura da mãe de Mariana dizendo que, ao entrar no quarto para fazer a arrumação, a encontrara adoentada.

A mãe atendeu ao pedido da criada para ir vê-la e, ao chegar, constatou que ela estava com uma febre muito alta, sem nenhuma causa aparente. Providenciou um médico que, depois de examiná-la, nada encontrou que pudesse atestar aquele estado febril. Perguntou-lhe o que havia acontecido, procurou conversar com ela, mas Mariana não lhe deu muita atenção. Ele prescreveu os medicamentos que achou, seriam necessários, recomendando-lhe comunicassem, caso qualquer reação adversa houvesse.

Alguns poucos dias passaram e o seu estado de saúde continuava o mesmo. A notícia correu por toda casa, embora ninguém houvesse notado sua ausência. Uma criada foi colocada para fazer-lhe companhia e servir-lhe em alguma necessidade, como também para estar atenta a qualquer sintoma novo. Charles estava muito preocupado, imaginando que ela adoecera como

resultado das mágoas que lhe colocara no coração. Mariana a nada reagia, nenhum medicamento surtia, no seu físico, o efeito desejado; ao contrário, parecia que a cada um ingerido, mais a sua saúde se complicava. Os médicos não entendiam. Dificilmente ela estava lúcida, pelo seu estado febril muito acima do suportável. Se seu Espírito fora forte para suportar tantos revezes na sua pobre vida, o seu corpo frágil não lutava.

A família estava preocupada, como ficaria com qualquer pessoa do seu relacionamento se estivesse enferma, porém, não lamentava tanto. Manuela fora vê-la uma única vez, espiou pela porta e afastou-se logo. Cláudio gostaria de lhe fazer companhia, mas não sabia como. Charles, então, um simples hóspede, não poderia tomar tal liberdade, todavia, na verdade, era o único a se preocupar, o único a lamentar. Sentiase magoado, entristecido,

para não dizer, culpado. Os receios de que a houvesse magoado, ainda persistiam em seu íntimo, acrescidos, agora, pela sua saúde abalada. Muitas vezes chegou a comentar com Cláudio, que procurava demovê-lo de tais, responsabilidades.

— Você não pode tomar a si culpa da enfermidade de Mariana. O seu físico é frágil e ela, talvez, tenha adquirido algum mal que os médicos não conseguem diagnosticar. Jamais ela se deixaria levar pelas suas palavras, a ponto de entregar-se à enfermidade, sem nenhuma reação.

Lembra-se de que conversaram depois e você não percebeu, nela, nenhum resquício de mágoa ou rancor.

— Sim, mas naquele dia eu achei-a um tanto estranha. Olhava-me de forma diferente, como nunca o fizera. Ficava, às vezes, ausente da conversa, entregue aos seus próprios pensamentos.

— Você não deve se importar com isso! Ela ç diferente e estranha, mesmo aos olhos daqueles que partilham de sua vida. Você o sabe!

— É, estou preocupado! Gostaria tanto de vê-la, de falarlhe, porém, sei que não será possível.

— Os familiares estranhariam esse seu pedido, entretanto, se quiser, tente falar com o senhor Sousa.

Falarei com ele na primeira oportunidade!

Quando terminavam esse diálogo, o senhor Sousa aproximouse, dizendo:

— Estou muito preocupado com Mariana! Ainda agora acompanhei o médico em sua visita diária, e ele não sabe mais o que fazer. Nada encontra nela como causa de tanta febre. Ela não reage...

— Senhor Sousa, lamento o que está acontecendo com sua filha, a quem havia me afeiçoado, não obstante poucas vezes tive a oportunidade de vê-la e de falarlhe. Todavia/ ela impressionou-me

pelos seus conhecimentos, e confesso, estou sentindo a sua falta! Se lhe pedisse para vê-la, o senhor não consideraria atrevimento de minha parte?

— Meu jovem, poderá ir a hora que quiser!

— Poderei ir agora, então?

— Sim! Eu o acompanharei!

— Eu também irei com vocês! manifestou-se Gláudio. -

Ao entrarem no quarto, muito cautelosamente, o que Charles viu não o agradou. A criada, sentada a um lado da cama, segurava um lenço com o qual ia limpando o suor que porejava de seu rosto, enquanto a sua cabeça, sempre irrequieta, virava muitas vezes de um lado para outro.

— Mariana, é Charles quem está aqui, vim vê-la, fale comigo!

Ela nada respondia, como se ninguém ali estivesse, Ele insistiu mais algumas vezes e retirou-se, deixando os outros que o seguiram logo após. Charles ficou muito mal impressionado e não entendia o que estava ocorrendo.

— Senhor Sousa, eu sei que tem tomado todas as providências ao alcance da medicina atual, contudo, o que dizem os médicos para que não haja nenhuma reação no seu organismo?

— Nem mesmo eles conseguem explicar! Dizem que não adianta retirá-la para um hospital, porque nem lá poderão tomar nenhuma medida diferente. Acham melhor que fique aqui, entre

os seus, na sua própria cama.

— Lamento muitíssimo o que está acontecendo a Mariana.

Alguns dias ainda passaram e eis que, numa manhã ensolarada, enquanto os pássaros cantavam no jardim, a pequena Mariana deixava completamente aquele corpinho tão frágil, tão pequeno, mas que lhe servira para ressarcir muitos débitos, inexplicáveis

para quem vive apenas o momento presente e nada entende além do que a visão corporal pode alcançar.

Se pudéssemos ver além do permitido pelos simples olhos do corpo, teríamos visto as entidades à sua espera, entoando cânticos em uníssono com o canto dos pássaros que voejavam no jardim, beijando as flores que tremulavam, lentamente, ao sabor da aragem fina. E, lentamente também, Mariana, após tantos dias de enfermidade, levantou-se em Espírito, abandonando o seu instrumento de progresso, e foi abraçada por todos os que vieram recebê-la, e a estiveram preparando durante todos aqueles dias.

Quando a criada percebeu o acontecido, saiu rapidamente chamar os familiares que acorreram, mas ela, ali, não mais se encontrava.., Havia partido em busca de outros planos, em busca da felicidade que nunca sentira e da liberdade que nunca tivera. Em busca dos que pudessem amá-la, compreendê-la, e sabemos, pela recepção que tivera, o quanto era amada e o seria ainda mais. Cumprira a sua programação e era uma vitoriosa, ela, que nunca soubera o significado desta palavra, em vida, pois sempre se sentira uma derrotada, uma enjeitada.

Os emissários que a levaram, depositaram-na novamente num leito, a fim de que o refazimento se fizesse, porém, diferente — o refazimento do Espírito, o verdadeiramente importante. Uma nova vida iniciava-se para Mariana, talvez a que ela sempre desejara e nunca tivera, quando na Terra. Ainda se encontrava inconsciente, mas seria tratada pelos amigos espirituais, a plena consciência de si mesma voltaria em toda a sua plenitude, e a beleza do seu Espírito seria retomada. Não mais teria necessidade de mostrar aquela aparência feia! Seu Espírito fora vitorioso, e, nessas condições, é belo e resplendente!

No momento em que a criada correu para avisar a todos do acontecido, espantada, triste, amedrontada pela imobilidade de Mariana, encontrou-os ainda no repouso prolongado da manhã, como desfrutavam aqueles que obrigações não têm a cumprir, e precisou bater em seus quartos. Os pais acordaram assustados pelas fortes pancadas e, quando ela lhes deu a notícia, foram

imediatamente a seu quarto e a encontraram pálida, mas tranquila como não a viam há muitos dias. Os outros foram chegando um a um, mas ninguém teve uma lágrima sequer, ao deparar-se com o seu corpinho sereno e imóvel sobre a cama. Manuela não quis ir, contudo, Cláudio saiu apressado. Queria verificar se algum engano não havia cometido a criada, e se alguma providência ainda poderia ser tomada.

A criada apenas deixou de avisar o hóspede, entendendo tratar-se de um assunto de família, do qual ele tomaria conhecimento mais tarde, pelos próprios familiares. Quando Cláudio constatou a veracidade da notícia e a inutilidade da sua presença, lembrou-se de Charles. Se já tão triste andava pela enfermidade dela, como receberia a notícia da sua partida? Com esses pensamentos, foi até o quarto do amigo, e, ao bater à porta, ele, já desperto pelos ruídos inusitados que ouvira, atendeu imediatamente.

—

O que aconteceu, Cláudio? Você nunca veio aqui a esta hora!
Ouvi barulhos estranhos pela casa!

Foi Mariana...

O que aconteceu com ela?

— Mariana já não se encontra entre nós! A criada notou que ela estava muito tranquila e imóvel, após tanto tempo de sofrimento, e verificou que havia partido para sempre...

— Como pôde acontecer? Eu não me conformo, Cláudio!
Gostaria tanto de ter podido estar mais com ela! As conversas que mantivemos, o nosso contato, conquanto pequeno, me fizeram muito bem nesta casa.

—

Tenha a certeza, Charles, eu lamento muito! Aprendi a gostar dela e tinha até me

disposto a ajudá-la a viver melhor, quando você chegou e parece ter tomado a si essa tarefa.

Infelizmente, de nada adiantou! Quem sabe se esse nosso desejo não se concretize agora? Não conhecemos os desígnios de Deus! Quem sabe Ele não a colocou neste mundo para que vivesse somente até agora, e, entendendo que sua vida era triste, decidiu levá-la para uma vida melhor?

—

A família, como recebeu a notícia?

Quando saí do quarto, seus pais ainda lá estavam! Agora devem estar providenciando o necessário para os funerais.

— Cláudio, se já me estava sendo difícil continuar nesta casa, depois da enfermidade de Mariana, agora, então, que sinto essa impressão desagradável de ter concorrido para que ela adoecesse...

—

Não diga isso, Charles! Não sabemos da vontade de Deus e não podemos tomar para nós a culpa que não nos cabe! Somos instrumentos nas mãos da Providência! Se ela houve por bem levá-la, talvez, para um mundo melhor, no qual possa se sentir feliz e mais adaptada que neste onde viveu até hoje, devemos compreender e aceitar.

Eu entendo, mas dizia que, se já estava difícil para mim, aqui permanecer, agora, então, será pior! Ainda bem que meu trabalho está se findando e logo partirei de volta à minha terra, ao meu lar! Entretanto, nunca mais esquecerei a pequena Mariana, nem a alegria que tive nos poucos momentos em que estivemos juntos.

— Bem, Charles, dê-me licença! Devo ir ao encontro de Manuela que não quis ir ver a irmã!

Entristecido, Charles não sabia se desejava vê-la ou não. Deixou o quarto e foi até à sala, onde um movimento desusado era

provocado pelos preparativos para receber o pequeno corpinho de Mariana. Ela, que nunca tivera a satisfação de estar com todos, naquele local, agora estaria, e seria o alvo de todas as atenções. O mais importante, porém, era que ali já não mais estava o seu Espírito. Este havia partido e encontrava-se acomodado para o refazimento necessário.

Tudo decorreu como é de praxe nessas ocasiões. Muitos compareceram em consideração à posição da família, que não via a hora que aquela situação terminasse. Parecia até que queriam encerrar para sempre o capítulo de suas vidas, em que uma personagem chamaaa Mariana estivera com eles. Quando virassem a página, para que outro capítulo se iniciasse, sentir-se-iam aliviados e felizes. Era como se um pequeno pesadelo terminasse. Não mais se envergonhariam dela, e não mais seriam obrigados a aturar o que ela, às vezes, dizia e ninguém entendia, pelo distanciamento da sua cultura. Assim, um novo capítulo logo se iniciaria, guardado o tempo em que a sociedade prescrevia como tal para que as dores pudessem ser aplacadas, e novamente as festas, as reuniões sem nenhum sentido, voltariam. Tudo normal aos olhos dos outros, que respeitariam o período de tristeza da família. Entretanto, para eles, o período de tristeza já se encontrava encerrado, do momento em que encerraram Mariana no local do seu último repouso...

7 REFAZIMENTO

guns dias após todos esses acontecimentos, os | familiares de Mariana encontravam-se tranquilos. Nenhuma sombra mais havia a lhes empanar a paz, da forma como gostavam de senti-la, e Charles estava de partida para a sua terra. No entanto, o que nos interessa, H saber como se encontrava a querida Mariana, a Marianinha como a estavam chamando, agora, não pelo seu pequeno tamanho mas pela doçura que demonstrava seu Espírito. Estivera em tratamento por algum tempo, refazendose da enfermidade que a acometera e a levara de volta à Pátria de origem, e encontrava-se bastante recuperada. O tratamento que recebera na Colônia Espiritual; para onde fora levada, proporcionado pelos abnegados amigos espirituais que a

aguardavam, sabedores de que sua tarefa, entre os encarnados, estava por findar, foi muito desvelado. A cada dia ia recuperando as energias, a tranquilidade foi tomando conta de seu Espírito e, em determinado momento, estranhando o ambiente que a rodeava, ela, que estivera sempre só, despertou com muitos à sua volta, todos felizes, sorridentes, dando-lhe as boas vindas.

— O que aconteceu? Onde me encontro? Não conheço este lugar!

Filha querida — faloulhe uma irmã muito dedicada, que estivera em sua companhia todos aqueles dias — não estranhe, pois está entre os que a amam! Você encontra-se numa outra vida, a verdadeira, que é a vida do Espírito! Não se preocupe! Todos aqui a amam e a trataram com muito carinho, para que esse momento chegasse.

— O que aconteceu comigo? Não estou entendendo!

— Logo entenderá! O importante é que você está se recompondo, e, com a ajuda de Deus, nosso Pai, logo estará completamente boa.

— Mas onde estou?

— Entre amigos que a querem! Jesus permitiu que até aqui fosse trazida, ficasse sob os nossos cuidados e pudesse se sentir feliz. Procure descansar novamente! Logo poderá sair de sua cama e ir até o jardim. Nos estamos cuidando de você, que é uma nossa filha muito querida.

Mariana nada mais perguntou. Calou-se, mas ainda não entendera. Procurou não pensar em nada, e, sentindo um leve torpor, conseguiu adormecer mais um pouco. Enquanto dormia, foram-lhe aplicados passes, e o tratamento continuou, porém, de forma diferente, a fim de que, no seu despertar, compreendesse melhor o que estava se passando.

Trabalhavam-na para que ela não lamentasse, pelo contrário, se sentisse feliz por libertar-se de sua vida tão triste. Conforme o preparado, Mariana visualizou, durante o sono, muito da sua última existência. Teve, na mente, os momentos mais tristes, os de maior abandono. Após, foram surgindo em sua memória espiritual outros, os que poderia passar a ter agora, junto de todos, que a tratavam com carinho. Visualizou-se, até, de forma diferente! Não mais aquela Mariana com o corpinho frágil, pequeno e feio, mas viu-se deslumbrante e bela, de tamanho normal, como nunca imaginou pudesse ver-se, e sentiu-se feliz.

Não entendia O que estava ocorrendo, apenas foi aceitando e sentindo-se bem. Como era possível? Ela, sempre tão rejeitada e feia, vendo-se bela, com traços harmoniosos como se espelhasse outra pessoa? Aos poucos, contudo, foi verificando que os pensamentos« os sentimentos abrigados por aquele corpo, eram seus, e, nessa verificação, sorria consigo própria... Pelo menos uma vez, não obstante em sonho, estava feliz, e assim novamente despertou. Nada pôde verificar nem comprovar! Encontrava-se deitada e sentia ainda o torpor de quem acorda, mas a alegria dos que voltam de um belo sonho.

— Então, descansou um pouco mais?

— Sim, tive um sonho muito bonito, e parece impossível ter sido eu aquela criatura!

— Já sabemos o que sonhou! Não foram sonhos! Apenas projeções, a fim de que pudesse compreender melhor a sua condição, agora, no Mundo Espiritual. O seu tratamento deverá continuar, porém, diferente. Era o momento de lhe mostrarmos o que visualizou! Diga-me, como se sentiu, vendo-se como se viu?

— Mal pude acreditar fosse eu própria! Não que eu seja vaidosa como poderá lhe parecer, mas gostaria apenas de ser uma criatura comum, como os outros, para não sofrer mais pela minha aparência.

— Filha, aquele corpo era necessário que daquela forma o fosse! Ainda saberá por quê!

No entanto, aqui, não é mais. O seu Espírito não precisa mais se apresentar daquele jeito, e será transformado à medida que o tratamento for realizado. Você adquirirá todo aquele esplendor que viu no sonho! Precisávamos mostrar-lhe o que viu, para que compreendesse melhor a sua situação atual. Agora, entre nós, pode sentir, pela dedicação com que a tratamos, o quanto é querida, e irá entender melhor, por si só, onde se encontra! Estamos em uma Colônia de

refazimento para os Espíritos que deixam a Terra! Deixamos lá o nosso corpo, e Jesus nos permite receber o tratamento de que necessitamos e fizemos por merecer, por termos cumprido bem a nossa programação de vida como encarnados. E você cumpriu! Agora sua vida mudará!

Pj Um tanto confusa, Mariana ouvia as explicações daquela irmã, a Irmã Cidália, como era chamada. Embora sem entender, possuía, agora, muitos elementos para a sua reflexão, o que sabia fazer bem. Apenas o fazia de modo diferente. Procuraria entender a nova situação, e, quando dúvidas surgissem, teria, junto de si, a bondosa irmã para orientá-la.

Irmã Cidália dedicava-se em atenções e esclarecimentos, com muito tato e delicadeza, à Mariana. Ela já compreendia bem esse seu novo estado, mas faltava lhe o conhecimento das verdades espirituais não adquiridas na Terra. Aprendera muito, mas nada que pudesse ter lhe facilitado esse entendimento. O tempo ia

transcorrendo, e, uma palavra hoje, um ensinamento amanhã, acompanhados do tratamento através dos passes e das projeções em sua mente, quando necessário, ela foi se recompondo totalmente. Numa certa manhã, Irmã Cidália aproximou-se de seu leito com um sorriso nos lábios, dizendo-lhe:

— Minha querida Marianinha, hoje lhe trago uma surpresa! Espero que se alegre bastante.

— O que poderá alegrar-me mais, agora, do que estar com a senhora, tão desvelada comigo?

— Hoje, minha querida, você deixará o leito! Vamos fazer um passeio pelo jardim, durante o qual tomará um pouco de Sol e se sentirá mais feliz ainda!

Mariana levantou-se ajudada pela bondosa irmã e, apoiada nela, caminhou até a porta da enfermaria, de onde vislumbrou um lindo jardim. Estava florido, com espécies bem diferentes das conhecidas em sua casa, e estranhou, mas alegrou-se, sobretudo pelo colorido mais intenso e vibrante das flores, embora em tonalidades repousantes.

— Que lindo, Irmã Cidália! Que jardim mais belo! Que bom que nesta época ele esteja florido! Assim eu posso desfrutar de toda a sua beleza!

— Aqui o nosso jardim é florido o tempo todo! Não temos intempéries climáticas que possam danificar as flores, por isso, as possuímos sempre!

— Que alegria! Podemos caminhar até mais perto delas?

Sim, vou levá-la e nos sentaremos em um banco, para que as aprecie melhor. Daqui a alguns dias, talvez, possamos estender o passeio, e você caminhará entre elas.

Enquanto se encontravam sentadas, admirando o jardim, Mariana, colhendo um pouco do calor do Sol necessário ao seu refazimento, falou à Irmã Cidália:

— Quando ainda estava em minha casa, o meu passeio predileto, aliás, o único que realizava, era no nosso jardim. Lá estava todos os dias! Sabia quando um pequeno botãozinho surgia, acompanhava depois o explodir das pétalas, a formação da flor... Era no jardim e nas minhas leituras que passava a maior parte do meu tempo. Sempre levava um livro comigo, e, no final do passeio, ia a um caramanchão, onde permanecia por muito tempo, lendo, pensando.

Eram os únicos momentos felizes que tinha em casa.

—Aqui também poderá fazê-lo! Poderá passear por entre as flores, verificar a sua modificação, desde os pequeninos botões até se tomarem esplendentes de beleza! Poderá ler também! Temos muitos livros bons, com leituras edificantes que lhe farão bem! Deve, no entanto, aguardar mais alguns dias, quando não necessitar tanto da minha presença, nem da minha companhia. Sentará onde desejar, lerá, fará o que quiser, até completar o seu tratamento e adquirir completamente a plenitude do seu Espírito.

— Sinto-me feliz, aqui! Nunca fui tratada com tanta delicadeza! Foi o melhor que podia ter me acontecido! Esta nova vida que estou vislumbrando, me é muito mais feliz!

Após o tempo considerado suficiente por Irmã Cidália, elas deixaram o jardim e Mariana voltou para o leito. Contudo, o faria por mais um curto período, pois a sua recuperação estava sendo muito boa. Depois, uma nova fase se iniciaria e um trabalho lhe seria dado, fazendo-a sentir-se útil, ajudando os que dela precisassem. Na vida espiritual não há ociosos. O trabalho é

grande e todos os que desejam progredir e aprender, têm as suas tarefas de amor, de auxílio, em favor dos necessitados desencarnados e até dos encarnados. É um trabalho que retoma ao próprio Espírito, ajudando a sua evolução.

Mariana estava feliz pela compreensão de todos, sobretudo da abnegada Irmã Cidália, que deveria ter sido mãe por muitas vezes, para tratar com tanto desvelo todos sob a sua responsabilidade. Ela fazialhes mãe espiritual, a fim de que se sentissem felizes, amparados e protegidos. — Assim se sentia

Mariana! — O que não tivera da mãe terrena, tinha-o agora, dessa dedicada mentora espiritual.

A sua transformação operava-se a olhos vistos! Ocupava-se de leituras edificantes, passeava por entre as flores do jardim e conversava com companheiros, também em recuperação. Quando a conversa podia alongar-se, eles contavam-lhe pequenas histórias de fatos ocorridos com eles mesmos, enquanto na vida terrena. Uns lamentavam-se de erros cometidos, outros mostravam-se saudosos dos entes queridos. A diversidade de sentimentos imperava, mas o objetivo era imo — o aprimoramento do Espírito, para serem merecedores de oportunidades. Desejavam retomar mais bem preparados, para não cometerem os mesmos erros, levando, cada um, toda a bagagem de experiências já vividas, nem sempre agradáveis, esperando ter uma existência mais feliz.

De uma feita em que Mariana estava sentada no jardim, lendo, após ter sido observada por algum tempo a fim de investigarem o que ela poderia realizar como tarefa, Irmã Cidália aproximou-se, muito atenciosa e tema, dizendo-lhe:

— Minha querida Mariana, temos verificado o quanto você está bem, o quanto tem progredido na sua recuperação, e pensamos que pode dar a sua cota em benefício de outros.

Temo-la observado e analisado bastante, para lhe darmos um trabalho condizente com o melhor que pode realizar. Sabe que possuímos, aqui, diversos departamentos, nos quais todos estagiam por tempo limitado, até que novas tarefas lhes sejam atribuídas, quer no retorno à Terra, como encarnados, quer mudando para outras Colônias Espirituais onde o seu serviço é requisitado. Poucos são os que permanecem por longo tempo! Assim, queremos atribuir-lhe uma tarefa, que suponho, irá agradar-lhe em muito, no desempenho da qual você poderá ser útil, se com ela concordar. A nada obrigamos fora da vontade de cada um, mas podemos progredir, colaborando no trabalho do qual Jesus nos incumbiu.

— É Sabe que nada recusarei! Devo, de alguma forma, retribuir todo o carinho e atenções que tenho recebido, sobretudo a

dedicação incessante da senhora. Pode pedir o que deseja, que o farei com muito gosto!

— Eu sabia que a sua resposta não seria outra! Esse seu novo trabalho não a impedirá de dar os seus passeias pelo jardim, quando não estiver ocupada. O que lhe reservamos, sei, lhe agradará muito! Sabe que temos a nossa biblioteca, não é verdade?

— Sim, e tenho muito carinho por ela, pois é onde passo boas horas do meu dia!

Pois bem! A encarregada daquele serviço deverá afastar-se. Foi chamada para uma tarefa em outra Colônia, e pensamos em você para substituí-la! É uma função que temos a certeza, desempenhará com eficiência. Você poderá arrumá-la como adiar adequado e mais fácil a cada consulente. Quando nenhum serviço a retiver, dentro do seu horário, poderá também ocupar-se da leitura de que tanto gosta.

—

Obrigada, Irmã querida, por me atribuir uma tarefa tão agradável! Na verdade, não será um trabalho, mas uma recreação que me trará muita alegria. Oxalá eu possa corresponder à confiança que em mim estão depositando! Esforçar-me-ei para fazer o melhor.

Amanhã, virei buscá-la para apresentar-lhe o serviço! Por alguns dias você permanecerá junto de nossa irmã responsável por aquele trabalho, a fim de aprender todo o seu desempenho.

—

Estarei à disposição! Sinto-me até lisonjeada por terem me escolhido! Obrigada irmã, muitas vezes obrigada, pelo carinho com que me tratai

—

Aqui trabalhamos em nome de nosso Pai e em nome de Jesus, o nosso Mestre.

Realizamos as nossas tarefas com muito amor e boa vontade, apenas pensando Neles!

Esperamos realize a sua com esses mesmos sentimentos, tendo sempre em mente nosso querido Jesus considerando a todos que aqui se encontram, como irmãos necessitados, todos a caminho do progresso espiritual.

8 APROVEITANDO

EXPERIÊNCIAS

A alegria tomou conta de Mariana, quando Irmã Cidália lhe exposto que lhe reservara como tarefa. Ver-seia entre todos aqueles amigos dos momentos tristes de sua vida, aqueles que sempre a ampararam, a instruíram e a levaram a terras distantes, constituindo á sua própria vida. A hora combinada, Irmã Cidália conduziu-a à biblioteca. Não seria necessário, mas importante apresentar à encarregada do serviço, a pessoa escolhida para substituí-la, recomendando-lhe que a ensinasse a desenvolver aquela atividade. r´

Após alguns dias' de permanência com a companheira, chegaram ás despedidas, e o serviço daquele departamento tão importante à Colônia, passou todo para a sua responsabilidade Muitos ensinamentos eram transmitidos por irmãos abnegados, em reuniões, aos que se encontravam em condições de permanecer fora do leito. Os livros, entretanto, complementavam o que lhes era transmitido em forma de preleção. A maioria versava sobre temas evangélicos, baseados nos ensinamentos de Jesus e exemplificados através de histórias semelhantes às vividas na Terra, para melhor usufruírem do exemplo. Dessa forma, preparavam-se para novas encarnações mais fortificados espiritualmente, a fim de que os mesmos erros não fossem mais cometidos.

Era um trabalho muito grande, desde a hora em que o Espírito desencarnante era recolhido, até que uma outra vida, na Terra, pudesse lhe ser proporcionada. Todos se sentiam felizes, tinham a oportunidade de meditar e muitos propósitos eram feitos, para não reincidirem nas mesmas falhas cometidas anteriormente, pondo a perder um trabalho de muito tempo. Para isso, os livros eram de vital importância, e o movimento na biblioteca era grande. A Colônia possuía diversos departamentos, e esse constituía-se num núcleo central, ao qual todos tinham fácil acesso. Após as preleções, o movimento sempre era maior, pois os livros recomendados eram imediatamente procurados por

aqueles que se dispunham a melhorar, instruindo-se dentro dos ensinamentos de Jesus.

Mariana trabalhava muitas horas do dia, mas reservava sempre alguns instantes para o seu passeio habitual no jardim, haurindo energias que lhe eram benéficas. Admirava as flores, o seu colorido, as formas e espécies nunca vistas na Terra, onde o mais exímio jardineiro, com o mais belo Jardim, sentir-se-ia envergonhado diante daquela beleza esplendente, que nenhum ser encarnado conseguiria copiar.

Já se encontrava perfeitamente equilibrada dos sofrimentos da Terra, e não mais possuía aquele corpinho, aquela aparência, causa de tantas tristezas, de tanto desprezo entre os seus.

Irmã Cidália, em quem ela via a amiga, a irmã e a mãe que nunca tivera, já não se ocupava tanto em fazer-lhe companhia, com outros, sob sua responsabilidade. Sempre que podiam, porém, procuravam estar juntas. Certa vez em que conversavam, Mariana, trazendo algumas indagações, assim se expressou.

— É Irmã Cidália, vejo a transformação pela qual passei e sinto-me renovada espiritualmente, talvez em razão do amparo e da dedicação que sempre recebi da senhora e de todos. A minha aparência é outra e estou feliz como se tivesse retomado o que me pertencesse, por isso não estranho! Entretanto, como tudo tem uma razão de ser, pelo muito que aprendi aqui, sei, aquela aparência da minha última encarnação na Terra, tinha o seu motivo. Muitas

coisas me foram reveladas, outras concluí por mim própria à medida que fui me recuperando e tendo a capacidade da análise, mas ainda preciso de um esclarecimento que me é importante ter.

— Fale, filha, se puder, lhe direi!

— Por que tive de passar por tanta humilhação entre os meus familiares? Por que precisei ter aquela aparência para permanecer entre eles, sem nada poder fazer, a não ser entregar-me aos livros, como uma fuga? O que fiz eu, para ter vivido naquelas condições?

— Eu sabia que a qualquer momento viria com essas perguntas. Todavia, como só fazemos essas, revelações quando necessário, ainda não é conveniente! O importante é que você está progredindo, e, naquela encarnação em que viveu sempre só, ressarciu muito do seu passado e dela saiu vencedora. Não queira saber as razões, pelo menos por enquanto. Quando for adequado não precisará perguntar, temos mecanismos através dos quais você visualizará o que deseja, sem que ninguém precise lhe contar nada. Aí compreenderá melhor. Por enquanto, basta saber que cumpriu com êxito a sua programação. Esqueça-se disso e conte-me como vai indo o seu trabalho.

— O meu trabalho não me preocupa. Realizando-o, sinto-me mais feliz, não só por poder conviver com meus amigos silenciosos, como eu própria o era, mas pela oportunidade de conviver com todos aqueles que nos procuram. Não só conversamos a respeito de livros, mas muitos narram suas próprias histórias, buscando algum livro que lhes traga conforto, dentro dos problemas por que passaram.

— Pelo que vejo, está desempenhando o seu trabalho além das suas obrigações! E o que tem mais valor, porque não só realiza o que lhe foi atribuído, mas verifica o que pode fazer para ajudar a quem precisa.

— Faço-o espontaneamente e com muito gosto, sem pensar no que a senhora diz; e, se vou além, apenas sigo a determinação de uma força que trago em mim.

— Muito bem, filha, agora devo me retirar. Em outra ocasião conversaremos mais. Que Deus a abençoe sempre!

A nova vida de Mariana caminhava para a normalidade da rotina. Ela realizava o seu trabalho com eficiência e amor, e todos os que a procuravam, aprenderam a ter dela a orientação em relação às obras a consultar, e nela a amiga sempre disposta a ouvir, em forma de desabafo, as histórias dos que ainda traziam o coração aflito, e, acima de tudo, a conselheira que tinha sempre a palavra adequada no momento certo. Os que chegavam à biblioteca aborrecidos, tristes, preocupados, temerosos, saíam

mais aliviados e mais contentes consigo próprios, alegres por terem ouvido palavras tão doces e de tanta compreensão.

Mariana exorbitava de suas funções e era muito eficiente. Tanto tempo transcorreu realizando esse trabalho, que ele passou a constituir a sua própria vida. No Mundo Espiritual, a contagem cronológica do tempo não é importante. Contudo, para os que vivem na Terra o dia a dia de sofrimento e de cargas tão pesadas, poderemos dizer que alguns anos — até mais de dez

— haviam decorrido. Desse modo, Mariana estava na vida espiritual há mais de dez anos,, se assim quisermos precisar. Fizera muito progresso, e nunca mais soubera dos familiares.

Nada lhe fora permitido vislumbrar, nem ela mesma desejara. No entanto, vez por outra lembrava-se deles, da sua casa, das pessoas que a trataram com consideração, « , dentre essas lembranças, uma vinha-lhe de forma muito tema e querida, possibilitando-lhe a reflexão: —

Tanto tempo decorreu, e a lembrança terna de Charles continua em meu coração. Ele foi muito importante na minha vida tão pequena. Pequena nos meus anseios e no mundo que girava ao meu redor. Ele, porém, tomou-a grande, por não sentir repugnância por mim; tratava-me com consideração tendo me procurado por diversas vezes, tentando ajudar-me. O que será feito dele?

Como gostaria de vê-lo um dia!

De certa feita, dando uma volta pelo jardim, viu aproximar-se a sua querida Irmã Cidália, e logo foi ao seu encontro. Ambas sentaram-se em um banco próximo às belas e perfumadas

flores, e a dedicada orientadora começou por indagar-lhe:

— Como está hoje o seu dia, minha querida? Vim procurá-la, sabendo que a encontraria aqui, uma vez que hoje é-o seu dia de folga.

É verdade, irmã, sempre que posso, não deixo de dar uma volta por este jardim. -

— O que preocupa a sua cabecinha que a encontro tão cismarenta? -

— Algumas vezes sou surpreendida por lembranças de minha casa, dos meus familiares, principalmente quando aqui me encontro. Nunca mais soube de nenhum deles, de ninguém....

-J

— Continue, filha, pois sei que tem mais alguma coisa a me dizer. Não é só a preocupação com os familiares que lhe turvou a fisionomia. <

—Aqui não conseguimos esconder nada de ninguém, muito menos da senhora que aprendeu a me conhecer e penetrar nos meus pensamentos.

Tem razão— acrescentou Irmã Cidália — mas gostaria de ouvir de você mesma o que a deixou entristecida.

Pife' Vou lhe contar, querida irmã.

Mariana narrou tudo a respeito de Charles, desde o momento em que o encontrara naquela casa. Repetiu todas as suas conversas, as intenções dele em querer integrá-la na família para ter mais a sua companhia, não esquecendo de nada, até o último momento de consciência, antes que a febre lhe turvasse a mente.

Isto é muito bonito! Não se preocupe com os seus sentimentos em relação a ele. O nosso coração, muitas vezes, parece que nos tira a razão, mas, da forma como entendemos aqui, não é o coração que comanda ou nos tira a razão, conforme dizemos quando encarnados. Assim pensamos porque não conhecemos o outro lado do sentimento, o lado espiritual, segundo o qual, a própria razão vem antes do sentimento.

— Não estou conseguindo entender! A minha razão, o meu raciocínio jamais teriam comandado aquele sentimento que

queria, nunca tivesse penetrado em mim.

—

Eu explico, filha. Quando disse que a razão comanda os sentimentos, dando-nos a impressão de que é o contrário, é porque, comumente, a razão vem do Mundo Espiritual! Nós não a conhecemos, mas ela chega antes e comanda, sem o sabermos, os sentimentos que vamos nutrir por determinada pessoa. O acaso não há, e, se tal sentimento toma conta do nosso coração, muitas vezes existe, para isso, um raciocínio que já estava conosco, preparado aqui neste plano. Apenas dele não sabemos nem temos consciência quando lá chegamos para viver entre os encarnados.

Mariana, muito atenta, acompanhava essa explicação, tentando compreender, e Irmã Cidália prosseguia:

—

O que eu quis lhe dizer mais claramente é que a afinidade que ele passou a sentir por você, depois de tê-lo ajudado, e o sentimento que tomou conta do seu coração, nada aconteceu sem antes ter havido um raciocínio muito maior do que nós próprios podemos imaginar. O seu conhecimento com Charles não se fazia naquele momento. Vocês já estiveram juntos em outras vidas e já se amaram muito. Apenas nessa sua última encarnação não lhe foi permitido concretizar esse amor através de uma união mais sólida, pela necessidade do cumprimento do plano preparado para ambos no Mundo Espiritual. Entretanto Deus, na sua infinita misericórdia, pelo muito que você havia sofrido dentro da sua solidão, e estando próximo o seu retorno entre nós, permitiu-lhe aquele encontro. Compreendeu o que eu quis lhe explicar?

— E um pouco difícil, irmã. A senhora quer dizer que, quando encarnados, quando um sentimento muito profundo toma conta do nosso coração, a razão é quem comanda aquele sentimento, embora dela não tenhamos conhecimento?

— É isso mesmo, filha. ;

— Essa explicação deixou-me muito feliz. Charles foi a única pessoa que me tratou com cordialidade, educação e ternura, embora eu soubesse, nenhum sentimento igual àquele que

tomou o meu coração, ele tenha sentido por mim.

— Não sabemos. Não seria a afinidade, a ternura com que a tratou, a revelação de algo muito escondido em seu coração, do qual nem ele mesmo tivesse tido consciência?

— Pode ser, irmã. Ser-me-á permitido, algum dia, recordar outras vidas em que estivemos juntos, como a senhora me revelou?

— Quando for permitido, se lhe for benéfico, acontecerá. Não se preocupe! Conforme já lhe disse, tudo tem o seu momento certo, e, quem sabe, um dia terá a permissão de ir vê-lo!...

— Rogue a Deus me permita! Gostaria de vê-lo, de saber como é sua vida agora.

— Esforce-se para isso que um dia, eu lhe asseguro, terá a permissão do nosso Pai.

Desde que Mariana deixou sua casa, e sua presença não mais tirava a tranquilidade do orgulho e da vaidade da família, cuja beleza e fausto das suas reuniões regozijava-se em mostrar, tudo retomou, resguardado o período em que a aparência de tristeza deveria ser mantida. Continuavam rodeados por todos os que compartilhavam dos mesmos ideais de futilidades, sobretudo pelos que não possuíam recursos semelhantes aos deles, para desfrutarem de uma posição que lhes era satisfatória.

A vida entre Manuela e Cláudio, passado aquele primeiro período de envolvimento, durante o qual ele se sentira enredado, perdera todo encanto. Ele a via tal qual era — apenas beleza exterior! O seu interior, desvendado pela convivência, revelava-se a Cláudio com toda a sua realidade, e ele a via frívola, invejosa, ignorante e ciumenta, não pelo sentimento de amor que nutria por ele, que agora o compreendia, também não existiu. Apenas realizara o desejo de mostrar a todos que conseguira o melhor partido daquela sociedade, e as famílias, estimulando-a, sentiram-se

felizes, não pela união dos filhos, abençoada pelo amor, mas pela união de fortunas. Cada um deles estaria mais seguro em qualquer eventualidade. A fortuna de um passaria às mãos do outro, ambos possuíam um único filho, pois não contavam com Mariana.

Manuela nunca quisera filhos, não desejava empecilhos à sua vida, nem turvar a sua beleza.

Esqueciase de que os filhos seriam o ponto de união entre ela e Cláudio, que esperava do matrimônio mais que uma simples união de corpos. A união em Espírito, entre eles, não se fizera, pelo menos a que se prolonga através dos filhos, trazendo-lhes companhia e felicidade.

Ela vivia recriminando-o por manter-se arredio às suas frivolidades, e ele passou a entregar-se, decorridos alguns anos, àquilo de que gostava. Lia muito, em todas as horas que podia, permanecendo muito tempo no gabinete de trabalho da casa, onde centenas de livros eram exibidos, como era hábito das famílias abastadas. Os livros que serviram para suavizar a vida de Mariana, de quem ele sempre se lembrava, também eram os seus companheiros, Avaliava mais profundamente o quanto ela deveria ter sofrido naquela casa, e, às vezes, elevava o seu pensamento a Deus, agradecendo-Lhe por tê-la retirado daquela vida. Se outra existisse, como já ouvira falar, certamente ela estaria mais feliz.

Com o passar do tempo, Cláudio conseguiu realizar seu sonho e fazia parte do comando político do país, trabalhando muito, além das próprias obrigações, como se o trabalho lhe fosse uma fuga, um retiro, para que os seus pensamentos e sentimentos não lhe turvassem mais o coração. Sua mãe já não estava entre eles, e o pai, mais envelhecido, não entenderia o seu íntimo tão sofrido. Ele ansiava pela liberdade, porém, íntegro como era, e participante agora de cargo que o evidenciava, não podia ser o promotor de um escândalo que fatalmente lhe cairia sobre a cabeça. Ninguém o compreenderia, por isso sentiase obrigado a continuar a vida naquela casa. Reconheciase encurralado, sem que nenhuma porta pudesse lhe ser aberta, a fim de retomar a

sua liberdade. Consciente de sua situação, e sabedor de que ela já o envolvia em suas teias há mais de dez anos, nada faria para mudá-la. Apenas vivia, vivia, sem, contudo, fazê-lo como desejava, deixando-se levar pela vida. ,

Após a partida da querida Mariana, Charles permaneceu com eles por mais alguns dias, o suficiente para concluir o seu trabalho em Lisboa, e partiu de volta à sua pátria, ao seu lar em

Paris: Levava o coração entristecido e a impressão de que fora o causador indireto da moléstia que a acometera. Todavia, de retomo à terra de origem, o encontro com os familiares, o retomar das atividades, com o passar do tempo, a rotina se fez, mas a lembrança dela acompanhava-o sempre.

Interessante o que ocorre na mente das pessoas, cujo coração se encontra envolvido por sentimentos nobres, em relação a outra pessoa. Enquanto Charles conviveu, embora pouco, com Mariana, via-a fisicamente conforme ela era, o que nunca o impediu de lhe ter grande simpatia. Talvez não visse o corpo, mas seu Espírito que era belo! Do momento em que ele de lá se retirou, e as lembranças lhe voltavam à mente, ela ia, aos poucos, se transformando... Se pudéssemos, agora, visualizar a Mariana que ele trazia na mente, ninguém a reconheceria, pois era outra. Guardara a lembrança do seu Espírito que não pôde ver, mas sentir através da bondade, do sofrimento pelo qual passava, e ia liberando-a de todas as feições feias.

Contente com isso, nem mesmo se lembrava daquela Mariana, mas somente da que ele transformara para fazer parte do seu mundo interior. Talvez esse fato se devesse às suas frustrações por não ter podido modificá-la, ajudando-a a conviver de modo fraterno e amigável com todos os que a tratavam com desprezo. Todavia, realizou esse sonho de forma diferente, tendo, em suas lembranças, uma Mariana serena, tranquila, a que lhe transmitira tantas coisas boas e que, certamente, abalara os seus sentimentos.

9 NOVA OPORTUNIDADE

Os dias decorriam dentro da paz e da tranquilidade que todos desejavam, sobretudo àqueles que muito haviam sofrido, e agora, depois de tanto se aplicarem, já as possuíam no coração.

Entretanto, como a nossa vida, quer de encarnados, quer de desencarnados, é uma incessante busca para o Espírito, buscamos o progresso que um dia nos fará galgar alturas cada vez maiores. O aprendizado, a dedicação, os propósitos colaboram para isso, mas a busca maior é a bênção de um corpo que nos sirva de instrumento, a fim de que esse progresso se faça. É

através da nossa vivência na Terra, seja junto dos que nos rodearem, seja em outros círculos onde formos colocados, ou do nosso procedimento diante do que devemos passar, que ele se fará.

Uma encarnação é de muita importância para o Espírito, que nela vê uma oportunidade para a realização de si mesmo. Em sendo assim, todos, passado um tempo, almejam por ela; não que, encarnados, serão mais felizes do que onde se encontram, mas ela é necessária porque proporciona um grande avanço na senda do aperfeiçoamento espiritual. Em Espírito, aprendemos, contudo, é só durante a encarnação que somos burilados, procurando, na realização dos nossos propósitos, pôr em prática o nosso aprendizado. Quanto mais próxima for a nossa conduta, aqui, do que planejamos lá, mais profícua será essa oportunidade para o Espírito.

Em um dos dias em que Mariana desempenhava suas obrigações, sempre com tanto amor, dedicação e eficiência, recebeu a visita de Irmã Cidália.

— Que alegria vê-la, irmã! O que a trouxe? Quando aqui vem, sei, traz algum assunto importante/

Comumente, quando queria apenas conversar, ela esperava-a fora do horário de trabalho para ficarem mais à vontade. Contudo, naquele dia, o motivo que a levava, não podia esperar.

— É isso mesmo, filha, tem razão. A minha visita, hoje, tem uma finalidade muito importante. O nosso Mentor precisa vê-la e pediu-me que lhe dissesse. Hoje, à noite, ao término do seu trabalho, ele a espera para uma conversa.

— O que ele quer de mim? A senhora sabe? 5 *

— Sim, sei, mas não estou autorizada a dizerlhe.

— Quando ele nos manda chamar, é porque o assunto é deveras importante! Comigo, só aconteceu uma vez, lembra-se? O que desejará agora? Terei eu cometido algum erro?

— Nem pense nisso.

— Pois bem, aguardarei o momento sem preocupação, e, à hora certa, lá estarei.

Irmã Cidália retirou-se, e Mariana não pôde evitar de pensar na entrevista, preocupando-se.

Entretanto, conseguiu realizar o seu trabalho e, à hora determinada, se fez presente para ser recebida por ele. Era sempre uma visita que os que deveriam realizar, não se furtavam às preocupações; porém, ao mesmo tempo, sentiam uma grande alegria em poder estar com ele alguns instantes que fosse, pela sua bondade, pela forma tão fraterna com que recebia seus irmãos. Mariana foi introduzida em sua sala, Era pequena e simples, com alguma aparelhagem desconhecida por ela, e mais o pouco necessário para que ele pudesse realizar bem a sua tarefa de comandor.

— Que a paz de Jesus esteja em seu coração! disselhe ele, saudando-a.

Mariana nada pôde responder, tão enlevada se sentia diante daquela entidade tão pura, tão fraterna, e de fisionomia tão

serena.

— Fique à vontade! Sente-se aqui perto de mim, que precisamos conversar! Nada receie e saiba que é muito querida! Conquanto nosso contato seja pequeno pois os afazeres são muitos, não deixo de saber de tudo o que se passa, e tenho conhecimento do quanto tem nos ajudado, pelo bom desempenho do seu trabalho. Todavia, como precisamos sempre evoluir através de novas tarefas, não podemos ficar indefinidamente num mesmo lugar, pois a nossa evolução ficaria prejudicada, .. ?

— Permitame, irmão, afirmar que tenho muito amor no que realizo, mas acatarei com humildade suas determinações e procurarei fazer o melhor. Sabedora sou de que aqui estamos apenas de passagem, e outras tarefas nos são dadas, às vezes, em outros locais.

Sim, filha, vejo o quanto é dócil e compreensiva, porém, o que eu quero lhe dizer é que é chegado o momento de nos deixar! Uma tarefa muito grande a aguarda, e a prepararemos nos próximos dias para realizá-la. Não mudará de atividade nem de Colônia, mas é chegado o momento de retomar à Terra, como encarnada, vivendo lá, entre aqueles com os quais deverá desempenhar essa sua nova oportunidade.

Mariana apenas ouvia, sem nada dizer. Ele falava com brandura e ela sabia que essa hora chegaria. Contudo, um receio tão grande a tomou, que o Mentor, a quem nada ficava escondido, falou-lhe:

—

Não tenha receio de nada, minha querida filha! O seu progresso, nessa sua última experiência terrena, fez-se de forma muito intensa. A vida do Espírito, sem a encarnação entre os nossos irmãos que lá se encontram, de nada adiantará, pelo menos até adquirirmos uma sublimidade, uma evolução que nos libere dessa necessidade, mas, para isso, muitas vidas precisamos lá viver... Aqui devemos procurar fazer sempre o melhor, não nos

esquecendo dos propósitos que levamos quando daqui partimos, para voltarmos vitoriosos, quando chegar a hora. Você é sabedora do quanto a sua última encarnação, embora não tão longa, lhe foi benéfica.

—

Perdoe-me os receios, perdoe-me! Eu entendo e esperava, essa hora chegaria, mas não pude deixar de temer, lembrando do muito que lá passei.

— NO entanto compreendemos também, que, desse muito que diz, ter passado, adveio o seu progresso! Não pelos sofrimentos experimentados, mas pela forma como os suportou!

Sempre quieta, calada, sem revolta, fazendo da sua vida de solidão uma oportunidade para o aprendizado, para o desenvolvimento da sua inteligência. Foi esse treinamento que a ajudou na tarefa que aqui vem desempenhando com tanto brilho.

Querido irmão, acatarei o que me estiver reservado, com o pensamento em Deus e em Jesus, e, se tiver de retomar, pedirei a Eles que me deem forças para suportar esse sofrimento da

melhor forma, com grande aceitação, sem reclamar, fazendo dele o meu instrumento de progresso.

O Mentor, com a bondade característica daqueles que exercem essa função, falava a Mariana, explicando o que lhe aconteceria a partir daquele instante:

— Se a chamei aqui, foi para lhe dar conhecimento do que deverá realizar nos próximos dias, em atendimento a essa nova encarnação, já delineada, e em cumprimento a resgates que ainda lhe restam de encarnações passadas. A sua aquiescência em se colocar à disposição das determinações de nosso Pai Maior foi muito salutar, sobretudo a sua submissão, revelando seu Espírito. Nos próximos dias você será preparada, porque queremos que parta daqui, ciente do que a aguarda. Quero adiantar, contudo, que sua nova experiência, na Terra, não será tão penosa quanto a última em que lá esteve, quando saldou

débitos profundos, como um meio de valorização da família e dos entes queridos que a rodearam, Agora você já adquiriu, pelo muito que sofreu, a graça de nascer numa família que a quererá muito e a quem mostrará dedicação.

Mais tarde, quando chegar o momento, terá o refrigério do amor a envolver-lhe o coração, através de um companheiro que a ajudará a suportar os revezes que ainda será obrigada a passar, .

• — Submeto-me ao que me estiver reservado, e esforçar-me-ei para ser bem sucedida!

Orarei sempre a Deus, pedindo-Lhe forças para não falhar, e para retomar vitoriosa, tendo saldado muitos dos débitos que, certamente, ainda restam no meu Espírito, por todo o mal que realizei nas minhas encarnações pregressas.

— Esperamos, aconteça! Nós a ampararemos, como sempre o fazemos com todos aqueles que daqui partem para cumprir as suas tarefas no mundo dos encarnados.

— Agradeço todo o auxílio que puder proporcionar Anne, estimulando-me: cada vez mais a cumprir as minhas provas lá. No entanto, se permitido fosse, gostaria de saber mais detalhes sobre essa minha nova encarnação. :

—

Sei da sua ansiedade, porém, o permitido saberá nos próximos dias, quando deixar as suas atividades na biblioteca, e passar para o Departamento Reencarnatório! Lá terá as condições de tomar conhecimento do que deseja, e até de outras pendências do seu Espírito, a fim de adquirir forças para que seus propósitos, para essa nova oportunidade terrena, sejam os mais firmes possíveis, e não falhe. Agora pode voltar para seu quarto, onde sei, pensará bastante. A sua saída da biblioteca a entristecerá, mas estamos no Mundo Espiritual para um aprendizado que proporcione a nossa evolução, e lá não poderá permanecer indefinidamente.

— Sabia que a minha permanência, naquele trabalho, seria temporária. Suponho, no desempenho de minhas funções, ter podido ajudar um pouco aqueles que lá compareceram.

--- - Sim, mas agora as deixará! Outra temos para

aquele cargo e, assim como recebeu orientações, você as dará à enviada para substituí-la.

Quando ela se encontrar preparada — uns três ou quatro dias serão suficientes — você passará para o Departamento Reencarnatório, onde será preparada. Agora pode ir na paz do nosso querido Mestre Jesus, procurando tê-lo sempre em seu pensamento e em suas ações, bem como nas suas orações, para adquirir o fortalecimento necessário para a nova tarefa que a espera.

Esteja tranquila, nós a estaremos amparando. Lembre-se, por mais possa lhe parecer, nunca estará só. Confie em Deus e em nós.

Mariana partiu com o coração preocupado. Tinha receios, pois era uma nova experiência de vital importância para o seu Espírito. Temia o desconhecido, temia falhar, mas não devia deixar-se envolver por tais preocupações* Apoiar-se-ia nas orações, em Deus, como lhe fora aconselhado.

Os primeiros dias passaram, as recomendações relativas à atividade que deixaria, foram executadas, e ela ficou liberada para o seu trabalho de preparação. Na manhã do dia imediato ao seu desligamento da biblioteca, Irmã Cidália, a amiga de todos os momentos, foi ter com ela para levá-la ao novo departamento, onde só tinham acesso os que estavam na iminência de

novas encarnações.

— Ah, irmã, sinto-me tão preocupada, tenho tantos receios! Penso muito e oro, para que nada turve o meu coração, todavia, não consigo deixar as preocupações* Espero que a senhora, que me ajudou tanto, possa ajudar-me mais uma vez, dando-me forças para que tudo se realize conforme o esperado.

— Nada receie! Você ficará contente com o que lhe preparamos. Confie em Deus,* confie nos amigos daqui, que a querem muito, e procurarão?’ fazer o melhor para ajudá-la sempre.

— Eu confio, irmã, mas fui apanhada de surpresa, e lamento também ter que deixar este lugar, onde sempre fui tratada com tanto carinho e consideração! *

Conversando e caminhando elas chegaram a uma grande sala equipada com muita aparelhagem, e dividida em diversos pequenos compartimentos; totalmente isolados uns dos outros, munidos de aparelhos. Em cada um havia uma entidade resplendente de carinho/ amor e dedicação, a espera daqueles que para lá se dirigiam. Irmã Cidália conduziu Mariana a um deles, onde já eram aguardadas, e apresentou-a ao encarregado daquela tarefa, como alguém muito querida ao seu coração, recomendando-lhe, tratasse-a de modo a tranquilizá-la, a fim de que os seus receios se desvanecessem

— Irmã — respondeu o encarregado de auxiliar e orientar Mariana ||g essa recomendação era dispensável, porém, entendo que a fez apenas para que a nossa irmãzinha se sentisse mais confiante.

— E isso mesmo! Ela está preocupada.

— Entendemos como normal nesta situação, mas a nossa conversa e o que vamos mostrar-lhe, serão suficientes para asserená-la e fazê-la desejar ardentemente voltar o mais rápido possível. Ela ficará feliz, a senhora o sabe.

— É verdade! Conhecendo profundamente os seu íntimo, sei que a sua programação a deixará contente

Mariana, atenta aos comentários a respeito da sua felicidade quando soubesse o que lhe estava reservado, ficou satisfeita. Após tanta tristeza, quem sabe, alguma coisa boa a esperasse. O que seria? Ficou ansiosa mas nada perguntou, e, passivamente, observava e ouvia. Queria ser a mais submissa possível, para absorver e compreender o que lhe fora planejado, pois entendia,

só poderia ser em seu próprio benefício. Ela sabia, é do sucesso com que se conclui uma encarnação, que o Espírito evolui.

Nos primeiros momentos, após a retirada de Irmã Cidália, eles apenas conversaram para que ela ficasse completamente à vontade. Quando o orientador a sentiu mais tranquila e serena, compreendeu, era o momento de começar. Recordou com ela muito da sua última experiência terrena, principalmente a sua aparência; -a principal geradora de todo o seu sofrimento entre os familiares. Explicou-lhe a causa daquela deficiência/ revelando-lhe que, em encarnações anteriores, em razão da sua beleza, ela desprezara a família. Não, soubera' valorizar o lar, os familiares, nem mesmo conseguira respeitar o marido que lhe fora designado como companheiro, para tomar-lhe a vida suave e ser o pai de seus filhos, completando a felicidade do lar, como havia sido planejado para aquela encarnação que ela fizera perder.

A única forma encontrada para que ela valorizasse a união familiar, e aqueles com os quais convivia, sentindo o que é possuir o amor e a dedicação de um companheiro, foi proceder como o fizeram, para auxiliá-la a ressarcir o mal que havia praticado, não aos outros, mas a si própria, e a não perder outra oportunidade. Depois de muita insensatez praticada naquela ocasião, ela pôde compreender, após um trabalho intenso no Plano Espiritual, todo o mal que havia feito, desfrutando da beleza sem o equilíbrio necessário. Assim entendeu que sua última experiência na Terra lhe havia sido muito benéfica e merecida.

— Devemos esclarecer ainda, querida irmã, que naquela oportunidade anterior a sua última encarnação devido à sua compreensão dos erros praticados, e do seu arrependimento, você mesma concordou com o nosso planejamento, para ressarcir um pouco dos débitos adquiridos.

Compreendeu agora, o que não entendia?

— Compreendi e envergonho-me do que fiz, verificando, com os meus próprios olhos, através dessa aparelhagem, o que me mostrou.

— Pois bem! O que lhe foi mostrado, agora será esquecido, pois aqueles débitos já foram saldados de forma feliz, nada restando daquela oportunidade. Contudo, como vivemos muitas vezes, muitos compromissos ficam para trás, para os saldarmos à medida que estivermos preparados. Nessa próxima encarnação você será mais feliz, não obstante os compromissos em pendência. Deus, na sua infinita misericórdia, não tem pressa. O tempo para nós não conta, e Ele nos permite pagar, em suaves pequenas parcelas, aquilo que, às vezes, realizamos de roldão sobre o próprio Espírito. Vamos encarnando e desencarnando, e, aos poucos, ressarcindo os débitos. Só assim o nosso Espírito se tomará pino e luminoso, e poderemos nos aproximar mais daquele que tudo faz e tudo sofreu por nós.

— O que aprendi, visualizei, e o que conversamos, fizeram-me bem. Terei elementos para refletir e me preparar, orando muito a Deus, a fim de não perder nenhuma oportunidade que me for dada, de agora em diante. Oxalá eu tenha vontade firme, coragem e força interior, para realizar além do que me foi programado!

— Que Deus a abençoe e a auxilie a conseguir! Você estará sempre amparada! Não a deixaremos só, como não deixamos nenhum daqueles que daqui partem e querem estar em sintonia conosco, para receber a nossa ajuda e não esquecer o que aqui foi programado.

— Será possível nos lembrarmos do que levamos em propósitos no bem, quando daqui partimos?

—

Não da forma como está pensando. Mas, se os propósitos estiverem bem solidificados no seu Espírito, aquela energia interior que dele emana, reforçada pela ajuda dos amigos espirituais que acompanham os encarnados predispostos ao bem, não terá a consciência plena do que deve ser realizado, mas lembrar-se-á, pela vontade de realizar, pelo impulso interior que leva consigo.

—

Compreendo, irmão. Conquanto não tenhamos-a consciência plena do que prometemos e devemos cumprir, uma leve ideia abrigamos no inconsciente, para, num ímpeto, efetuarmos as tarefas, sempre como programamos-

—

E isto mesmo! Não só como programamos, mas, às vezes, realizando ainda mais.

—

Agradeço todas estas lições, e espero poder corresponder. Esforçar-me-ei para fazer o melhor, para que o meu Espírito possa progredir a caminho de Jesus.

— Muito bem! Tenho a certeza que seus esforços terão êxito!

—

Já conversamos bastante, mas, o que devo realizar nesta minha próxima encarnação?

—

Saberá depois. Por hoje já trabalhamos o bastante, conforme verifiquei, compreendeu muito bem. Amanhã continuaremos, e quantas vezes mais forem necessárias, até o momento em que estiver preparada para tomar conhecimento do que lhe programamos. No entanto, terá a opção de escolher, de recusar! A planificação foi organizada de acordo com o que lhe será melhor, mas você poderá recusar ou mesmo modificar, apenas não sabemos se será tão salutar ao seu Espírito.

O tratamento de Mariana, no Departamento Reencarnatório, ainda continuou por alguns dias.

Em cada um, uma pequena parte de esclarecimento' de instrução, e um pouco de força, de coragem e de estímulo; eram-lhe transmitidos, em razão do que na Terra deveria realizar.

Sentiase mais segura, mais confiante e mais satisfeita. Tivera muitos esclarecimentos quanto ao seu passado, criando, dentro de si, uma reserva de energias, para, de alguma forma, não se retrair das promessas e dos propósitos feitos.

— A sua bondade para comigo, como a sua forma de agir, conquistaram-me a confiança.

Essa força interior que colocou em mim, transmite-me um desejo unaior de vencer e de voltar aqui, se me for permitido, quando de lá me retirar novamente. Entretanto, se essas vontade de

vencer era minha, agora tem outro objetivo— o reconhecimento pelo muito que tem feito por mim, pela bondade e carinho com que me tem tratado! Sinto que parte de seu Espírito um desejo imenso de me ajudar, pelo amor fraterno que abriga, como característica essencial dos Espíritos em posições iguais à sua! Muito obrigada, irmão! Que Deus sempre o envolva em

.seus eflúvios de amor, para que cada vez mais possa auxiliar aqueles que aqui vêm, nessa empreitada tão difícil' de retorno à Terra. Obrigada!

— Minha querida Mariana, as suas palavras entemecem-me o coração e levamme à emoção, que não deve dominar-me! Desempenhamos uma tarefa que Jesus! nos confiou, e procuramos realizála, fazendo o melhor. Não precisa nos agradecer por isso. Trabalhamos em nome dele, para ajudar os que aqui vêm, a partirem mais fortalecidos e encorajados, levando essas energias bem intensas em seus Espíritos, para delas fazerem uso, quando lá estiverem, sem mesmo saberem por quê! É a força do amor, da humildade e da fraternidade, não só para consigo, mas ainda mais fortemente para com os semelhantes com os quais conviver. É a coragem de a tudo ultrapassar e vencer, visando somente ao bem e a Jesus! Quando partir, nós a ampararemos e a protegeremos, como fazemos sempre, para que toda a aprendizagem aqui efetuada e aceita, possa ser bem cumprida.

—

Falta-me ainda uma informação que não sei se me será permitido ter, mas perguntarei. — Onde será essa minha oportunidade? Em que meios viverei e com quem?

—

Esse conhecimento lhe será permitido, e constitui-se a parte principal do nosso trabalho! Você o saberá; do contrário, esta atividade não teria a finalidade desejada. Até agora, preparamo-la em termos gerais, mas, a partir de amanhã, começará uma fase mais restrita à sua nova tarefa no plano Terra. Entretanto, devo repetir, terá toda a liberdade de recusar, se quiser, porém, afianço-lhe, planejamos o que lhe é necessário e a deixará satisfeita. Embora na Terra devamos passar por sofrimentos, Deus, na sua infinita misericórdia, permite saldemos nossos débitos de forma bastante amena, colocando-nos nos meios onde possamos conviver com alguém que nos traga o refrigério para o coração, nos momentos em que a aflição for maior.

Você poderá pensar, como o faz sempre, em tudo o que lhe foi dito e aprendido, e amanhã retomará para o início da outra parte. Que Deus a abençoe nessa nova tarefa! Que a força e a coragem de que tanto falamos, possam estar perenes e solidificadas em seu Espírito e cristalizadas em seu coração! Esteja confiante, Deus nunca desampara ninguém; nós é que, às vezes, nos fazemos rebeldes e queremos fugir do seu amparo! Até amanhã!

Mariana nunca saiu do seu tratamento tão preocupada, como nesse dia. Não mais o receio, porém, a proximidade do seu retorno trazia-lhe uma sensação diferente... Fora preparada para extirpar os temores, mas não podia deixar de senti-los, pois o momento mais importante ainda estava por vir. Onde reencarnaria? Por tudo o que aprendera, certamente seria entre aqueles que um dia devesse ter ofendido. Ao mesmo tempo, diziam que ela ficaria feliz. Teria um companheiro e até filhos que dependeriam de seus cuidados, do seu carinho, do seu amor.

Oxalá pudesse encarniná-los corretamente, dentro dos ensinamentos de Jesus, então mais sólidos em seu Espírito, aprendidos através das leituras, das preleções realizadas pelos mentores e através da palavra simples, mas confortadora da Irmã

Cidália. Quem seria o seu companheiro? Alguém já conhecido de outras vidas? Fosse quem fosse, procuraria amá-lo, respeitá-lo e se esforçaria para torná-lo feliz ao seu lado. Entre preocupações, conjeturas e promessas, adormeceu, e, enquanto dormia, pôde visualizar Charles. Ah, o querido Charles da sua última encarnação! Aquele que enterneceu o seu coração e não se apavorou com a sua aparência. Ah! Se ele pudesse vê-la transformada, tão diferente daquele ser do qual certamente sentiu piedade... O que ela não sabia, é que também permanecera em Charles I— não mais aquela criatura que ele conhecera e partira, deixando-lhe a mágoa do remorso, mas a que ele criara, pelo afastamento no tempo.

Trazendo ainda Charles no pensamento* na manhã imediata, Mariana seguiu para mais uma parte da sua preparação no Departamento Reencarnatório. Em dado momento, no

desenvolver da atividade, o irmão encarregado ligou um pequeno aparelho à sua frente, equipado com uma tela semelhante a dos aparelhos utilizados hoje, na Terra, para o entretenimento de seus habitantes, e projetou uma figura que deixou Mariana um tanto chocada, pelo inesperado com que o fizera:

— Querida Mariana — perguntoulhe -ti conhece essa pessoa?

Com dificuldade de articular uma resposta, ela apenas fez um assentimento com a cabeça, para não perder nenhum momento. Queria verificar todos os detalhes daquele rosto que lhe despertara o amor no coração, mas do qual não se sentia no direito. Por isso sofrera tanto, tendo chegado até à morte.

— Acalme-se, Mariana, e diga-me: o que ele significa para você?

Mais refeita, conseguiu responder com outra pergunta:

— Depois de tudo o que aprendi, é necessário que responda? O irmão deve saber e muito mais que eu própria, pois nada fica escondido em nosso Espírito, pelo menos aqui, sem ser descoberto...

— Isto é verdade! Todavia, precisamos de sua resposta, para o que lhe temos preparado.

— Ele significou muito para mim, apesar de uma convivência tão curta. Mas, como Irmã Cidália me disse em certa ocasião, era porque já tínhamos vivido juntos em outras existências.

E isso irmão?

—

É verdade. Estiveram juntos, amaram-se muito, mas foi justamente quando você se viu com a mente e o coração ofuscados pela beleza e não soube respeitá-lo! Você o amou, e ele, mesmo traído, prejudicado, continuou a amá-la! Por isso deu-lhe, embora sem saber, tantas atenções nos poucos momentos em que se encontraram. Dissemos que o nosso planejamento a deixaria feliz. Pois bem, nesta sua nova oportunidade na Terra, conviverá com ele. Agora ele está mais velho pois, quando de lá partiu, ambos eram jovens. Você está aqui há mais de dez anos, mas ele lá permaneceu, voltou para a sua terra de origem, a França, lembra-se?

—

Se me lembro, irmão. Foi pelo conhecimento que eu possuía da sua língua, que pudemos conversar, estar juntos algumas vezes.

— É isso mesmo. Ele também não a esqueceu. Temna sempre em sua memória, porém, apesar disso, contraiu matrimônio com uma jovem que o ama muito, e também é amada por ele.

Percebendo uma leve nuvem de tristeza em seu Espírito, o irmão orientador aconselhou-a:

— Não fique triste, Mariana, você já havia partido, e, mesmo naquela oportunidade, lhes seria difícil uma união. No entanto, a vida continua, temos muitos afetos e não podemos deixar que o egoísmo tome conta do nosso coração. Assim, você partirá e renascerá junto dele, na sua própria casa. Não será como desejaria que o fosse, bem sei, como seu companheiro, mas terá

nele um pai que a amará muito e com quem se identificará. Gomo filha, você também lhe dará muito amor e, na sua velhice, será o seu amparo e o esteio para o seu físico cansado, para o seu coração... Não se entristeça! -repetiu-lhe.

— Eu não estou triste. Estou apenas refletindo e pedindo a Deus forças para realizar essa tarefa.

— Você a realizará com muito amor, com muito carinho.

— O importante é que conviverei com ele, de forma fraterna e pura. Talvez seja necessário, para que eu aprenda a respeitá-lo, o que não soube fazer em outra oportunidade!

— Você nascerá nã França, e será, para ele, uma filha muito amorosa. Será mais apegada ao pai que à mãe, que também a amará bastante, a cujo amor você sa*berá corresponder. Apenas a vida dela será bem mais curta, e ele ficará, depois, a seu encargo. v

—

Querido irmão, as revelações do dia foram intensas, e, se já orei muito a Deus, agora sinto, devo orar mais ainda. A tarefa que me aguarda será grande, mas espero desempenhá-la bem. Espero poder levar-lhe o meu amor fraterno, como uma filha muito querida. O amor filial e o amor paternal, unidos, para desfazer tramas antigas, tecidas por mim mesma; por isso, devo tudo fazer para desenleá-las a contento. ..

— Você já tem material suficiente para pensar e refletir, não se esquecendo do que sempre lhe dizemos. Pode recusar, porém, não lhe será benéfico. Quero, ainda, acrescentar mais uma pequena parte. Disse que teria o seu lar, um companheiro, filhos, e os terá, se não na pessoa de Charles, na de outro que também a amará e será amado por você. Amanhã continuaremos. Que Deus a abençoe!

10 O NOVO LAR

Toda a preparação de Mariana, em relação às informações que deveria receber, antes da partida, completou-se. O que lhe fora permitido saber, já o sabia. Agora, restava somente o tratamento ao seu Espírito, necessário quando nova encarnação se faz, semelhante a sonoterapia tão conhecida na Terra. Não a provocada por medicamentos muitas vezes até daninhos, mas a feita no Mundo Espiritual, através de magnetizações fluídicas aplicadas ao Espírito,,. ocasionando-lhe, de início, um estado de torpor agradável e benéfico. Aos poucas, porém, o Espírito chega à inconsciência, a fim de que conhecimentos outros, que deverão ser trazidos, nele fiquem armazenados. Quando encarnado, serão utilizados de forma simples e agradável, nas suas realizações, revelando, num ímpeto interior, as tendências trazidas, cumprindo aquilo para o qual veio. E um trabalho não muito longo, mas intenso, perfeito e profícuo, necessário ao que o Mundo Espiritual precisa transmitir' ao Espírito.

Mariana encontrava-se completamente pronta, por isso podemos deixá-la, agora, entregue àqueles auxiliares que se encarregarão de trazê-la no momento adequado, e nós iremos ao lar onde será acolhida, antecipando-nos um pouco a ela própria, querendo sondar o local, o ambiente e as pessoas que a receberão. Sentado na sala, um casal conversava revelando os anseios da família quanto a sua continuidade, completando o amor que os unia.

— Querido Charles, já há algum tempo nos casamos, o meu desejo de ser mãe é tão grande, e até agora nada sinto que possa satisfazer-me essa esperança. Desejo ter em meus braços o fruto mais sublime do nosso amor um filhinho que eu possa embalar bem junto ao peito, e que seja a continuação de nós próprios...

— Tenha calma, querida! Tudo tem o seu tempo certo, e, quando Deus houver por bem nos abençoar com essa dádiva, o filhinho virá. Não se preocupe. Você sabe, eu também anseio por ter em

meus braços um entezinho tão aguardado e querido, mesmo antes de ter chegado.

Saibamos esperar. Se Deus entender que poderá confiar em nós, enviando-nos alguém para ser o nosso alento, Ele o enviará. Quando menos esperarmos, ele estará entre nós.

— Você tem razão, não devemos nos preocupar além do necessário. O momento certo chegará, se assim for designado por Ele.

Mais uns poucos meses se passaram dessa conversa, constante e repetitiva no lar de Charles, após já dois anos do enlace. Certa manhã, a sua esposa contou-lhe haver tido um sonho, no qual se vira carregando um bebê muito bonito, e sentira-se muito feliz, SgQuem sabe

— concluiu ela — não é o aviso de que ele chegará logo.

Charles entendeu ser o resultado de seus próprios desejos, e não deu muita atenção.

Contudo, pouco tempo demorou e ela sentiu, dentro de si, que não estava só fora abençoada por Deus com o que tanto desejava.

Os meses passaram e, eis que veio à luz um entezinho lindo para a alegria do casal. — Era uma linda menina! Sempre pensaram em termos de um menino, *un petit garçon*, como aguardavam, mas, ao invés, receberam uma linda menina, *une jeune filie*, que os deixou felizes da mesma forma.

— Se Deus decidiu que deveríamos receber uma menina, nós a recebemos com o mesmo carinho, o mesmo amor e a mesma alegria, não é verdade, Charles? — falou-lhe Juliete, sua esposa.

— Sim! Ela nos é muito querida e será amada por nós! ,,

— Que nome lhe daremos?.

— Se me permitir escolher, gostaria que ela se chamasse Marie Anne.

— Como é bonito esse nome! Acho que lhe assenta: bem e me deixa feliz! Concordo com você. Ela será a nossa querida Marie Anne!

A felicidade fez morada no lar de Charles e Juliete. Quando um ser é recebido, depois de ter sido tão ansiosamente aguardado, o amor que lhe dispensam é muito maior. Marie Anne foi cercada de muito amor, de muito carinho e, Charles, ao querer dar esse nome à sua filhinha, não quis demonstrar, nem o amor, nem a saudade, mas o respeito que a lembrança de Mariana ainda lhe trazia. Foi uma homenagem espontânea, simples, calada, que só ele sabia. O que ele não sabia, porém, é que ela própria ali estava para conviver entre eles! Ela própria, que tanto ansiara pela sua companhia, aceitara vir como filha. Não importava que seria de forma fraterna. Q

essencial era a sua companhia, tão agradável em outra oportunidade e em tempos mais longínquos, quando não soubera dar o valor que ele merecia. Seria um meio de ressarcir muitos males, dispensando-lhe um grande amor filial, e, quando o momento chegasse, tudo faria para torná-lo feliz e ampará-lo — pelo menos trazia essas convicções...

A pequena Mariana já estava aninhada nos braços daqueles que lhe seriam o amparo, e a conduziram, encarninhando-a com muito amor. Juliete encantava-se com ela e colocava-a em seu peito, aflagava-a com ternura, mas, a seu lado, estava sempre Charles, admirando-a, não perdendo nenhum dos seus menores gestos. Felizes e deslumbrados com a sua Marie Anne, até o seu choro encantava-os. Em meio a tanto amor, a tantos afagos e ternos cuidados, a pequena Marie Anne ia se desenvolvendo, como é normal a qualquer criança sadia e bem protegida pelo amor e cuidados dos pais.

Os dias passavam e até alguns anos também. Charles já podia brincar com ela e espantava-se da sua inteligência, sempre arguta ao que a rodeava, perguntando e querendo»

saber muito. E o pai, mais dedicado a ela, nessas horas/a tudo? respondia e explicava. Queria iniciá-la nas primeiras letras, que se constituíam num grande segredo para a pequena Marie Anne, mas a pouco e pouco o pai, muito dedicado, ia lhe revelando. Conseguia unir muitas letras, formando palavras que eram o seu deleite, e, quando conseguia unir algumas letras para formar outras palavras que ela própria descobria, a alegria de ambos era maior5.-**

ái&MQuando, papai, vou poder ler uma pequená estória, um livro inteirinho?

— Minha filha, você está se saindo muito bem, mas precisamos caminhar corretamente.

Não tenha pressa! Tudo vem a seu tempo, e agora é o tempo de aprender a escrever e a ler.

Ainda é um pouco cedo para ler um livro. Dia chegará que as letras não lhe terão mais nenhum segredo, e conseguirá dominar muito bem todas as palavras. Muitos livros a esperam para que se alegre com eles.

O tempo que não pára, embora muitas vezes o queiramos, corria, corria... Os dias passaram, os meses, e mesmo mais alguns anos.... Marie Anne nunca ganhara um irmão. Apenas ela era a alegria daquele lar, apenas ela....

Juliete encontrava-se um tanto adoentada, trazendo preocupações a Charles e a Marie Anne, que a amavam muito. Consultara médicos, medicamentos foram prescritos, mas o seu mal não passaVãíPelo contrário, ia, aos poucos, sem que ninguém percebesse, mas tão somente ela, caminhando*; destruindo o seu físico e, dia chegou*' para a tristeza de todo# que não mais suportou a enfermidade que a acometera e partiu para o Mundo Espiritual, deixando ©' seu querido Charles só com á sua amada Marie Anne. Foi uma consternação total, pois eram felizes e muito apegados uns ao outros. A partida de Juliete foi muito difícil parà os que ficaram.

Deixou, no lar c em seus coraçõeSv um grande e profundo vazio, que nada parecia poder aliviar. ComO»o nascimento faz parte da vida, O regresso ao Mundo Espiritual também é obrigatório ao Espírito, e nada podemos fazer, senão nos conformarmos porém, essé conforto, só o tempo pode proporciir.10 tempo, bálsamo >para todos os males, que faz esquecer dores

profundas,* tornando-âs mais amenas, assim trabalhou em nossos"queridos. A lembrança de Juliete estava sempre presente entre eles, mas era uma presença agradável, trazida pela recordação dos bons momentos,* e não mais a lembrança sofrida da sua ausência... Charles ficou só com Marie Anne, á filha dedicada* a quem ele se afeiçoou tanto e que restituía, em carinhos e atenções; esse amor que ele lhe consagrava. Certa vez em que conversavam, Charles disselhe:

— Querida Marie Anne, faz algum tempo que sua mãe partiu e nós ficamos sós. A sua companhia tem sido o alento de que meu coração necessita para minha vida ter um pouco de alegria, depois da intensa dor por que passamos. Agora que o nosso coração está mais calmo, menos sofrido, uma ideia vem crescendo dentro de mim e gostaria de saber a sua opinião.

— Diga, papai, o que é? -

muitos anos atrás eu fiz uma viagem Portugal. Fui a trabalho e fiquei em casa de um amigo com quem havia estudado aqui em Paris. Lá permaneci alguns meses, e fui muito bem recebido por todos. Estou pensando, agora que estamos sós, após tanto sofrimento, em fazer novamente essa viagem.

— Adoraria viajar com você, conhecer terras novas! Você sabe, interesse-me por tudo o que acontece por esse mundo afora, embora nunca tenha saído daqui. Se pudermos realizar essa viagem, será uma oportunidade maravilhosa! Mas, se foi há tantos anos, como estará esse seu amigo, agora?

— Tive notícias dele, há alguns anos, você ainda era pequena. Soube que fez carreira política, como desejava, e e, agora, uma peça importante do governo. Nós não vamos nos hospedar em

sua casa, mesmo porque não sei como andam por lá... Ficaremos num hotel e depois iremos visitá-los.

— Não é tnelhor escrever contando que vamos? Se ele é uma pessoa importante no governo, ainda está por lá, e ficará contente em recebê-lo!

— Tem razão! Como nada temos acertado, e essa viagem poderá demorar um pouco pois ainda não passa de uma ideia, devo escrever-lhe. Conto a nossa vida, o que nos ocorreu, falo do nosso desejo de viajar, e nada melhor que lá voltar para, não só visitá-lo, mas retomar à cidade onde fui tão bem acolhido.

— Estarei ansiosa para que se concretize. Agora não conseguirei pensar em mais nada.

Escreva-lhe hoje mesmo. Se essa viagem puder lhe fazer bem, ficarei contente.

Os dias, para Marie Anne, passaram a ser pequenos para pensar e dedicar-se às providências para a viagem, após a conversa com o pai.

—

Papai, já escreveu? Mal posso esperar tanta é minha ansiedade!

— Sim, filha, já o fiz. Agora aguardo a resposta de Cláudio, o meu amigo, e depois partiremos. Enquanto isso, iremos preparando a nossa bagagem, bem como o que for necessário aqui, uma vez que pretendo passar um bom tempo fora. Quem sabe, depois de Portugal, possamos visitar algum outro país. Gosto de viajar mas, de há muito, não tenho essa oportunidade. Os afazeres, a família, impediram-me.

— Estou ansiosa. Quanto à casa, não tenha preocupações. Tomarei todas as providências necessárias.

— Eu a ajudarei! Os nossos criados nos acompanhei!; há tantos anos, são dedicados e de absoluta confiança. Não precisamos

nos preocupar? Apesar de você demonstrar tanto interesse, é ainda muito jovem para arcar com essa responsabilidade.

— Mas eu gosto disso! Aprendi com mamãe e procuro fazer do jeito que ela me ensinou, para você não sentir tanto a sua falta!

— Você, Marie Anne, tem sido o alento para o meu Espírito abatido, depois da partida de sua mãe! Não quero, com isso, tolher os seus anseios de juventude. Quinze anos é uma idade em que a jovem tem muitos sonhos! Sei do seu temperamento romântico e da sua sensibilidade apurada, mas, a sua dedicação, a sua companhia, é tudo o que mais desejo nesta fase de minha vida.

— Sabe que a tem e a terá sempre. Se me dedico a você, faço-o com muito amor. Não pense que é sacrifício, não, só me traz satisfação.

Era sempre assim entre pai e filha. De um pequeno assunto, da necessidade de trocarem algumas ideias, sem nem mesmo saberem como, a conversa tomava esse rumo tão temo do afeto e do carinho que sentiam um pelo outro. Estavam mais apegados agora! Um tinha mais necessidade da companhia do outro, desde a partida daquela que era a dona do amor e dos seus corações.

Como tudo tem a sua hora, um dia, quando um criado levou à correspondência a Charles, eis que ele encontra, entre os papéis e cartas, uma que particularmente lhe chamou a atenção.

Deixou todas de lado, abrindo rapidamente aquela tão aguardada. Não precisamos dizer que se tratava da carta de Cláudio, pois também os leitores a aguardavam, juntamente com Charles e Marie Anne. Ao lê-la, encontrou palavras carinhosas do amigo, lamentando a partida de sua esposa, e colocando-se à disposição, com alegria, para recebê-lo em sua casa. Não permitiria que ficasse em nenhum hotel. A amizade antiga seria um grande reconforto que o reencontro lhe traria. Falava de sua vida e pedia a Charles que apenas marcasse o dia da chegada. Ele seria aguardado com muita ansiedade. Marie Anne ficou exultante. Tinha já tudo em ordem e bem preparado. Charles

também tivera o tempo suficiente para tomar as providências em relação ao seu trabalho, e assim enviou um telegrama a Cláudio, marcando o dia e a hora em que, presumivelmente, chegariam.

11 DE VOLTA AO PASSADO

Em poucos dias, partiram. Marie Anne ia com o coração ansioso, trabalhando em sua mente fantasias, próprias das jovens de apenas quinze anos. Charles, mais circunspecto, pensava em todos os acontecimentos desde a outra vez que fizera essa mesma viagem. O seu coração era outro pelas experiências de vida que a idade acumula no Espírito. Pensou em todos os familiares de Cláudio mas sua mente trazia, num cantinho escondido, a figura de Mariana, que o ajudara naquela época e?a quem tinha sido tão grato. Agora seria diferente, mas teria consigo Marie Anne, a sua doce companhia.,

Finalmente chegaram, encontrando, à sua espera, em vez de Cláudio, um seu emissário.

Justamente naquela hora ele deveria participar de uma reunião importante, para a qual a sua presença não seria dispensável. Apresentando as desculpas do amigo, colocou-se à disposição para levá-los à casa do senhor Cláudio, dizendo-lhe que, ao término da reunião, ele os encontraria lá.

Charles ficou, meio atrapalhado, insistindo em ir a um hotel, porém, Q encarregada daquela missão não lhe permitiu, como fora instruído pelo próprio Cláudio. Tudo estava estranho e diferente. Afinal, muito tempo havia decorrido desde a sua partida — quase trinta anos —

durante os quais tantas coisas haviam acontecido. Assim pensava, até que chegaram à bela residência dos Sousas, um tanto modificada pela remodelação que o tempo exige, porém, ainda era a mesma — suntuosa, grande, com um jardim imenso, o mesmo por onde passara algumas vezes. Ao entrar, seus olhos voltaram-se à procura de algo que, sem saber por quê, viera-lhe à mente, mas não pôde vê-lo. Ainda não era o momento. Ao ser conduzido ao interior da casa, uma senhora, ainda exuberante embeleza, veio ao seu encontro, estendendo-lhe a mão.

Então é você, Charles, que retoma para estar conosco? A nossa alegria é muito grande!

Charles, ainda mais embaraçado com a língua que na outra ocasião, estendendo a mão respondeu algumas palavras, que percebeu, não foram entendidas, e depois apresentou-lhe a filha, a bela juvenzinha Marie Anne. Não havia mais ninguém, apenas Manuela, que ordenou a um criado, transportasse a bagagem para os quartos, já preparados para recebê-los.

Marie Anne estranhou aquela recepção. Fora colocada em seus aposentos pelo criado que levara a bagagem, sem ter podido trocar nenhuma palavra com o pai. Ela nada entendia da língua que falavam, e imaginava o porquê de apenas aquela senhora tê-los recebido. Espiando pela porta de seu quarto, verificou se o criado havia se retirado, e, não notando mais a sua presença, foi ao encontro do pai.

—

Papai, não existe ninguém mais nesta casa?

—

O meu amigo encontra-se em reunião importante, como você sabe. De resto, também não estou entendendo! Quando aqui estive, havia, além daquela senhora que nos recebeu e que era uma jovem muito bela, os seus pais e uma irmã que faleceu justamente durante a minha permanência nesta casa. Quanto ao casal, não sei se tiveram filhos, e nada sei também dos pais dela, passados tantos anos. Pode ser até que já tenham deixado a Terra. Tudo isso nos será aclarado, apenas mais tarde, quando Cláudio chegar.

— Esta casa é muito grande! O jardim é imenso! Você viu como está florido? Venha espiar por esta janela! Parece um enorme cartão pontilhado de tintas multicoloridas. É lindo!

Quero, depois, passear por ele, se me for permitido.

— Penso que lhe será permitido fazer o que desejar, mas é melhor aguardarmos a chegada de Cláudio. Ele fala a nossa língua correntemente. Conversaremos, e teremos notícias de todos os familiares.

— Vou voltar para o meu quarto. Quando ele chegar, você me chama para eu conhecê-lo.

Enquanto isso vou descansar um pouco.

Marie Anne saiu e Charles ficou pensativo. Quantas lembranças vieram-lhe à mente, naquele instante, como se a sua memória regredisse no tempo, e ele novamente se viu ah, triste, após a partida de Mariana. Como Marie Anne lhe falara do jardim, através da visão que tivera da janela, foi até ela e procurou ver se encontrava o que tanto desejava. Olhou na direção que sua memória indicava, e verificou, estar lá, porém, muito mais bonito. A trepadeira envolvia-o por completo, deixando cair seus ramos pendentes de flores. Queria, assim que lhe fosse possível, passar alguns instantes em seu interior, como uma homenagem à pequena Mariana de outrora, a que estivera em sua mente desde aquela época até então, transformada pelo tempo.

Mas, na realidade, transformada através das lembranças, porque ele a via em Espírito, e o seu Espírito era diferente.

Envolto nesses pensamentos, uma pancada à porta devolveu-lhe à mente a situação atual, e ele correu para abri-la, deparando-se com o seu querido amigo de outrora, Cláudio. Estava mais envelhecido, pois o tempo não esquece ninguém, por melhor se viva, e não se esqueceu de Cláudio. Pintou-lhe os cabelos de muitos fios brancos, e marcou sua face com alguns desenhos que se mostravam em rugas, entretanto ainda aparentava ser um homem forte e bem disposto.

—

Cláudio querido, não via a hora da sua chegada!

Depois de um forte abraço, Cláudio entrou. Falaram sobre assuntos banais, pequenos comentários que nesses momentos

sempre são feitos, até que se sentaram para conversar.

Charles, você não disse que viria com sua filha? Onde está ela?

Acomodada em seu quarto, mas pediu-me para chamá-la assim que você chegasse! Ela quer conhecê-lo!

— Logo mais o faremos! Deixe-a descansar, que a viagem sempre é exaustiva.

—

Então, Cláudio, como estão todos, aqui, em sua casa? Vimos apenas Manuela! Seus sogros ainda vivem?

Há alguns anos meu sogro partiu, deixando a esposa; e ela, Charles, encontra-se muito doente, não sai mais do quarto. A nossa casa modificou-se bastante. Antigamente grandes festas, grandes recepções eram organizadas, mas agora, nada mais realizamos. Apenas uma ou outra recepção mais simples quando temos algum encontro, necessário pela posição que ocupo.

Nossa casa é muito triste! Manuela nunca quis nenhum filho, os anos foram passando e, quando a idade chega, a solidão toma conta de nós... Mas não falemos de tristezas! Você e sua filha nos

trouxeram alegria e, enquanto aqui estiverem, a casa será mais alegre. Quem sabe poderemos reunir amigos? Manuela irá gostar! Ela continua sempre a mesma, apenas, agora, as oportunidades são menores.

— Como tem sido a sua vida, assim tão a sós com ela?

— Meu amigo, não tem sido fácil! Todavia, do momento em que passei a viver por mim próprio, segundo os meus gostos e desejos, sem dar atenção às frivolidade® de Manuela, minha vida passou a não ser tão triste. Enquanto permaneço em casa, isolo-me nos livros.

Lembra-se de quem assim procedia, aqui?

—

Sim, lembro-me!

—

Pois tenho procurado seguir o seu exemplo! Ela deixou-me uma lição, e, embora não intencionalmente me ajudou.

— Ela era totalmente só, e você tem Manuela! Melhor não a tivesse, Charles! Mas pela nossa família, pela minha conveniência, procurei manter esse casamento que nunca deveria ter sido realizado! Nunca quis fazer nada que pudesse ocasionar escândalo à nossa sociedade e à minha carreira. Vamos vivendo, e procuro fazê-lo da melhor forma que posso! Apenas preciso ter também os meus momentos, pois sempre trabalho com muitas preocupações.

Após, gosto de ficar em paz comigo mesmo, com meus livros, *

Charles ouvia-o sem saber o que dizer, quando o amigo acrescentou:

—

Numa outra oportunidade conversaremos mais! Nós os esperamos para o jantar.

Desçam assim que desejarem! A propósito, como se chama sua filha? :

. Minha doce filha chama-se Marie Anne!

Ao ouvir esse nome, Cláudio estremeceu,

—

Como? Você colocou esse nome em sua filha? •— perguntou espantado...

—

Sim, Cláudio, foi uma forma que encontrei de prestar uma homenagem à Mariana.

Cláudio retirou-se do quarto e da companhia de Charles, levando consigo a satisfação do reencontro com o amigo, o contentamento de ter, em seu lar, uma companhia afim, como também a juventude de Marie Anne que ainda não conhecera. Seria a alegria entre eles, já amadurecidos e um tanto cansados, vivendo numa casa triste, onde a harmonia verdadeira nunca reinara.

Manuela o aguardava, querendo notícias, pois nada puderam conversar, impedidos pela dificuldade de comunicação.

—

Então, Cláudio, como Charles está? O que disse da minha recepção? O que falou de mim, da minha aparência, transcorridos tantos anos?

—

Ora, Manuela, Charles não faria nenhuma referência à sua aparência! Ele é uma pessoa elegante e respeitosa, um verdadeiro cavalheiro, e nada diria a esse respeito, mesmo que a achasse linda ou envelhecida. (Ele não faria tais julgamentos, muito menos a mim, que sou seu marido.

—

Você viu a jovem?

— Não, não a vi! Ela estava em seu quarto descansando, e, quando descerem para o jantar, eu a conhecerei. Logo mais aqui estarão, e conversaremos em conjunto. O que você não entender, e sei que nada entenderá, eu lhe direi. Não se preocupe, não estará alheia ao que se passar!

— Assim espero!

Esquecendo-se um pouco dos hóspedes, Cláudio indagou-lhe:

—

Como está sua mãe, hoje? Continua do mesmo jeito, sem querer levantar-se?

Se ela se esforçasse um pouco, só lhe faria bem!

—

Estive em seu quarto, mas fiquei muito pouco! Precisava preparar-me para as visitas, porém, pelas suas palavras, encontra-se na mesma. Sua mente deve estar um pouco perturbada e ela não vê as coisas que a rodeiam como realmente o são.

—

Também já notei, e, se assim for, cada vez será pior! É o tempo, Manuela, que

passa e leva tudo o que tanto cultuamos em exteriorizações. Ela nunca fez nada de benéfico ao seu Espírito, e hoje se sente perturbada pelo que ela própria colocou em seu coração.

— Eu tinha certeza de que faria algum comentário em desfavor de mamãe! Sempre o fez!

Você não gostava dela! Ela, que sempre foi minha amiga e me ajudou em todas as minhas necessidades, auxiliando-me com conselhos. Em vez de reconhecer nela, além da mãe que é da sua esposa, a amiga dedicada que sempre o foi, trata-a assim? '

— Manuela, eu a entendo e acho mesmo que nada deveria ter dito. Desculpe-me, desculpe-me! ...

Cláudio retirou-se da companhia da esposa e foi preparar-se para o jantar, aguardando os amigos, tão necessários ao seu coração endurecido pelo sofrimento da incompreensão e da solidão em que se fechava. Logo mais os encontraria. O amigo com quem compartilharia, não só do jantar, mas da sua companhia fraterna e de alguém mais com Espírito jovial, na pessoa da filha de Charles, naquela casa tão triste. Na casa onde nunca tiveram o sorriso de uma criança, como era seu desejo, nem nunca se viu

uma só correndo por entre eles, brincando e trazendo-lhes o refrigerio para o Espírito. Isto ele nunca perdoou em Manuela, no entanto, nunca mais se queixou. Nada mais adiantava — o tempo passara e ela envelhecera, apesar de guardar ainda muita beleza. Seus cuidados, decorridos tantos anos, precisavam ser maiores, para encobrir as marcas que o tempo deixa em cada um.

Quando Cláudio viu Marie Anne, sentiu uma ponta de inveja do amigo, que, caminhando em sua direção, trazia consigo aquela flor de candura. A linda jovem dava o braço ao pai, como se quisesse um apoio para resguardá-la do desconhecido. Era tímida, sobretudo num ambiente estranho.

— Esta, Cláudio, é a minha muito amada Marie Anne, a filha querida do meu coração, a que tem sido o alento para a minha vida, desde a partida de Juliete, minha esposa.

Marie Anne simpatizou com Cláudio, que a olhava com ternura paternal. Ele não se sentiria mais tão só naquela casa, poderia conversar com alguém, e isto o alegrava. Quando cumprimentou novamente Manuela, Marie Anne referiu-se à sua beleza e pediu a Cláudio que lhe dissesse. Ao receber o recado, notou-se, em seu rosto, um sorriso de satisfação, demonstrando ter atingido o seu objetivo, que era sempre o de exhibir e procurar conservar a beleza que seu físico abrigava. O jantar transcorreu com conversas, referências várias e algumas recordações de Charles — fatos que lhe vinham à mente, de quando ali estivera há tantos anos...

Logo após, como se tratava da primeira noite que passariam naquela casa, foram conduzidos ao salão, embora mais nenhum convidado houvesse. Era uma forma de homenageá-los, colocando-os à vontade, e de mostrar a Marie Anne mais uma parte da casa que, oportunamente conheceria toda. Acomodados em um conjunto de poltronas, colocadas a um canto do salão, a conversa continuou agradável para Charles, Cláudio e até para Marie Anne, que também participava. Manuela, contudo, estava alheia... Vez por outra Cláudio dizia-lhe alguma frase em

português, evitando que se sentisse tão isolada, pois sabia, se assim ocorresse, seria sobre ele que ela descarregaria a sua ira.

Muitas recordações foram trazidas, das quais Marie Anne pouco participou. O tempo de Paris enquanto ainda estudantes, e muitas ações daquela época, quando eram impelidos pelo entusiasmo da juventude. Com o passar dos anos, porém, parecia-lhes impossível tê-las realizado, conquanto nelas nunca tivesse havido nenhum erro. Lembraram-se da primeira vez em que Charles viera a Portugal a trabalho, e de como era a vida na casa, naquele tempo de tantas festas, das quais ele pudera participar. Lembraram-se daquela que havia partido, e Charles recordou-se até da ajuda que ela lhe dera com o seu francês, lembrando-se, consternado, da sua moléstia e da sua partida. Cláudio não se esqueceu de dizer também que, naquela época, foi o melhor que podia ter lhe acontecido, pela sua existência tão triste, tão só e isolada em si mesma. — Foi uma libertação! — considerou ele.

Ocuparam algum tempo nessas recordações, até que chegou a hora de recolherem-se. A viagem tinha sido estafante para os hóspedes, e o repouso lhes era necessário. O dia seguinte os aguardava, e, Marie Anne, ansiosa, ao se despedir do pai, perguntoulhe:

—

Como vamos passar o nosso dia, amanhã, papai?

—

O amanhã ainda não chegou! Se você estiver bem descansada, eu a levarei a um passeio. Quero mostrar-lhe um pouco da cidade. Como vamos permanecer bastante tempo, faremos o que desejarmos! Todavia, antes de sairmos, quero dar um passeio aqui mesmo!

—

Por quê, papai?

—

Você observou o belo jardim desta residência? Pois bem, desejo fazer um passeio bem demorado e bem cuidadoso por ele!

—

Por que cuidadoso?

—

Quero examinar todos os seus detalhes, encontrar nele todas as flores que me recordem a época em que aqui estive! Quer acompanhar-me? Conversaremos enquanto o realizarmos!

— Gostaria muito, é só você me esperar! Quero que me fale mais de quando aqui estive, e, pelas conversas desta noite, quero saber sobre aquela pessoa a quem vocês se referiram com tanta ternura, e que partiu naquela ocasião!

— Poderemos conversar sobre ela, mesmo porque, o jardim da casa era o seu lugar predileto!

12 O CARAMANCHA

A manhã surgia cheia de expectativas para Marie Anne, que nada ainda tinha podido ver da terra que visitava, nem da casa onde se hospedava. Lembrava do passeio pelo jardim que o seu querido pai lhe prometera e não queria perdê-lo por nada. Assim, quando ouviu bater à porta do seu quarto, já estava pronta.

—

Bom dia, filha querida!

—

Bom dia, papai! Estou ansiosa para realizarmos o passeio que me prometeu, e ainda mais para ouvir a história daquela jovem a quem se referiram ontem.

—

Desçamos para o nosso café; depois faremos o passeio, f

O céu estava muito azul, e uma aragem fresca, própria das manhãs primaveris, envolvia-os, balançando muito de leve as flores, como se fosse a saudação de cada uma, recebendo os visitantes que as admiravam.

Marie Anne deu o braço ao pai e começaram a andar por entre os caminhos que separavam os canteiros, conversando, conversando, ora um chamando a atenção do outro para qualquer detalhe do jardim, ou mesmo para alguma espécie de flor desconhecida. Iam ouvindo o canto dos pássaros, que, naquela manhã, como em todas as outras, se faziam presentes, festejando a aragem fresca e o céu azul, agradecendo a Deus, com seu canto, tanto esplendor que a natureza lhes permitia visualizar.

Sem se aperceber, Charles foi conduzindo a filha àquele local tão aguardado por ele. O

pequeno caramanchão, todo envolto por trepadeiras floridas, cujos cachos pendentes estavam plenos de beleza, o que admirou muito a Marie Anne.

—

Que recanto mais agradável, papai! Olhe, aqui tem um caramanchão!

exclamou, revelando surpresa. — Veja como está florido! Podemos entrar um pouquinho nele?

—

Por que não, filha!

Marie Anne desprendeuse de Seu braço e, mais apressada, correu para o seu interior, enquanto Charles a seguiu calma e pausadamente, querendo trazer de volta aqueles momentos em que lá estivera conversando com Mariana, há tantos anos atrás... Não adentrou! Parou à porta, examinou tudo muito bem, e verificou que sua filha já se encontrava deliciosamente sentada em uma cadeira, querendo usufruir daquele santuário, tanta era a paz que ele guardava.

—

Eu atrapalho-a, senhorita?

—

Não, o senhor não me atrapalha. Seja bem-vindo! Será um prazer conversar com o senhor. Apenas estava aqui descansando um pouco... Pode entrar e me fazer companhia que gostarei muito!

A brincadeira que fizera com Marie Anne deixou-o chocado pela resposta. Por que ela respondera de forma tão semelhante ao que já ouvira há tantos anos atrás?

—

Entre, papai, por que tanta cerimônia? — tomou a falarlhe.

—Estava apenas brincando com você. Estávamos no reino do faz de conta....

— E n t r e ! Fiquemos aqui um pouco, enquanto você me fala sobre o que desejo saber.

— Sim, filha.

Acomodando-se em uma cadeira perto de Marie Anne, começou a narrar o que ocorrera naquela ocasião, desde que chegara à mansão dos Sousas. Contou-lhe como Mariana era, como o ajudou e porque vivia tão separada de todos. A medida que ia ouvindo a narrativa, uma ternura imensa tomava o coração do pai, e ela percebeu, ele havia se afeiçoado muito àquela criatura sobre a qual falava e alegrou-se desse carinho que ele tivera para com ela.

— Papai, você simpatizou muito com ela, e, pelo que me contou, ela não possuía o físico perfeitamente normal, mas era uma pessoa admirável, não é verdade? Você se apaixonou por ela, naquela ocasião?

— Que pergunta, filha! Não me apaixonei, mas senti um afeto tão grande, que nem mesmo consegui explicar. Penso que não a via com a aparência real, mas via o seu Espírito! Além de tudo, um outro fato a fazia sentir-se desprezada o de ser colocada sempre em comparação com a beleza radiante da irmã. Contudo, enquanto a irmã possuía só uma bela aparência, ela não era bonita, mas o seu interior, com a vida tão difícil, tão aniquilada, era grandioso!... Ela era muito culta, e este caramanchão/ o seu lugar predileto! Aqui passava a maior parte do seu dia, envolta pelas leituras, fugindo da realidade e convivendo com as personagens das histórias que lia, viajando sempre com elas para os locais em que a levavam.

— Ela deve ter sido uma criatura admirável! Eu também me sinto muito bem aqui! Você contou-me muitas coisas, mas falta uma...

— Já lhe contei tudo o que ocorreu naquela época!

— Sim, disse tudo, só não me disse o seu nome!

— Não sei se devo, se irá entender!... Não sei como o receberá!

— Diga-me! Que importância tem seu nome para que eu possa não entender?

— É..., filha..., o seu nome,... Começou falando de um modo reticente, mas, após pequena pausa, tomou coragem e completou: foi o mesmo que dei a você, quis fazer-lhe uma homenagem! Quem sabe se ela, disso tiver conhecimento, não ficará feliz?

— Pois saiba, estou feliz e agradecida! Só prova o carinho que teve para com ela.

— Você não se importa?

— Não, papai, pelo contrário, sinto-me também homenageada!

As palavras de Marie Anne foram de muita alegria para Charles/ por revelarem compreensão.

— Depois que ela partiu, você logo voltou a Paris?: Os familiares, como disse, parece não terem se importado e até sentiram-se aliviados.

— Não posso afirmar com certeza, entretanto, foi o que deduzi! Aquela criatura que julgavam, atrapalhava-os e envergonhava-os, não mais estaria entre eles, se bem que ela sempre soube o seu lugar e não os perturbava.

— A sua história, a narrativa de fatos reais aqui desenrolados, deixou-me feliz, pois mais uma vez pude conhecer o seu verdadeiro caráter. Você, jovem naquela época, podia não ter se sentido atraído para ela, que não era bonita e ainda possuía problemas físicos, entretanto não se importou, não a discriminou! Procurou ver o seu coração, e empenhou-se em desfrutar da sua companhia, com todo o conhecimento que ela possuía e tantos elementos para manter uma

conversa agradável. Estou muito feliz por você, papai!

— Bem, filha, deixemos este caramanchão e continuemos o nosso passeio pelo jardim!

Mais tarde, se pudermos, sairemos um pouco. Agora, pela manhã, já é tarde.

— Ah, papai, sinto-me tão bem aqui, sinto tanta paz ouvindo o canto dos pássaros e rodeada por todas estas flores!... Quero voltar mais vezes! Quando não tiver nada para fazer, quero pegar um livro e passar, neste lugar, algum tempo lendo e desfrutando desta tranquilidade. •

Suponho que ninguém mais vem aqui, depois que ela partiu.

— Nesta casa nunca houve crianças? O seu amigo não tem filhos?

— Não, Marie Anne. Manuela, a sua esposa, nunca os quis. Pensando apenas em sua beleza, não desejava perturbá-la. Agora, decorridos tantos anos, a casa ficou nesta solidão que você mesma viu. Deve ser muito triste! Teriam tempo já de ver crianças enchendo a casa de alegria, como netinhos queridos, filhos de seus filhos, se os tivessem tido. Cláudio lamenta essa situação e vê-se triste e só. Nunca combinou bem com a esposa e a convivência entre eles tem sido difícil.

— Muito diferente de nós, lá em casa, quando ainda tínhamos mamãe, não é verdade, papai?

— É verdade! Nós fomos sempre unidos e você completou a nossa alegria. Veja, filha, com a partida de sua mãe, o que teria sido de mim, não fosse você? Pense bem, como seria a minha vida? Mas, graças a Deus, a sua companhia tem sido a alegria e a força de que necessito para continuar vivendo.

— Bem, papai, deixemos de tristezas e continuemos o nosso passeio.

Alguns dias foram decorridos depois disso, período em que Charles levou Marie Anne conhecer muitos pontos da cidade. Retomou para ver locais que visitara há muitos anos atrás, e

encontrou até pessoas com quem trabalhara. Conheceu outros pontos que, naquela época, não existiam, porque o progresso, embora lento ou de forma mais acelerada, sempre se faz.

13 DE ESPÍRITO PARA

ESPÍRITO

Manuela não estava muito à vontade com os hóspedes, pois, nos momentos em que Cláudio se encontrava ocupado com as suas obrigações junto ao governo, ela sentia-se só, sem saber o que fazer. Muito poucas palavras eram trocadas e ela ficava preocupada. Esmerava-se em sua aparência, e a cada dia queria fazer-se mais bela e diferente, através dos trajes e dos arranjos que usava. Num desses dias em que se encontravam a sós em casa, com muita dificuldade de entendimento, Charles perguntou a Manuela por sua mãe, desejando saber se lhes era permitido vê-la.

— Quem sabe ela me reconhecerá! — exclamou. — Marie Anne também gostaria de visitá-la.

Manuela, não vendo nenhum impedimento, levou-os até os aposentos onde sua mãe se encontrava. Quando entraram, a cena que viram comoveu-os profundamente. Uma velha com os cabelos muito brancos, bem diferente daquela senhora orgulhosa que Charles conhecera, estava deitada entre lençóis de linho, tendo ao lado lima criada ao seu dispor. Quando percebeu a entrada de algumas pessoas, perguntou:

É você, Mariana? Faz muito tempo que não vem me ver! O que aconteceu? Que bom, hoje você está aqui! Tenho andado muito triste, tenho pensado muito, e quero que você vá à próxima festa que vamos dar. Não quero mais vê-la escondida! Procure a modista e peça que lhe faça um lindo traje! A reunião será muito bonita e você ficará junto de mim. Está bem assim, Mariana?

— Mamãe, por que está dizendo isso? Mariana já não está mais conosco! Você sabe, ela

partiu há quase trinta anos!

— Não, filha, Mariana está aqui, olhe-a, ali! — afirmou, apontando Marie Anne. — Como está bonita! Ela não é mais aquela mocinha feia! Agora é bonita e quero que vá conosco à festa.

Ficaremos todos juntos! Ela já é tão bonita quanto você!

— Charles, desculpe-me, mamãe não está mais no seu juízo perfeito! Há dias venho percebendo, porém, como hoje, nunca a tinha visto! Não sei se a entenderam; não sei se estão me entendendo, mas eu contarei a Cláudio quando chegar, e ele lhes explicará o que ocorreu!

Marie Anne, sem nada compreender, aproximou-se da velha, curvou-se e deu-lhe um beijo na testa, ouvindo de volta estas palavras:

— Obrigada, minha filha! Peço que me perdoe por aquele tempo em que não permitia a sua participação nas nossas reuniões! Agora quero que fique sempre conosco! Você estará em todas as festas, em todas as recepções...

A situação era muito estranha para Manuela, que se sentia perturbada. Pegando no braço da mocinha, puxou-a, chamando também Charles para se retirarem. Trocaram algumas palavras que não foram entendidas e deixaram o aposento. Manuela, chocada, confusa, atribuindo aquela fala à demência já notada em sua mãe, em alguns momentos, chegava à conclusão de que essa insânia já era total.

Marie Anne nada entendeu e Charles, que conhecia uma ou outra palavra, não tinha o todo.

Aguardaria a chegada de Cláudio, pois era o único com condições de explicar-lhes o acontecimento. Os olhos do Espírito são, às vezes, mais agudos que os olhos do corpo, quando nos sentimos doentes, conforme ela se encontrava. Depois de muitos anos vividos, o passado retoma à nossa mente, sobretudo se temos a oportunidade, através do repouso a que a enfermidade nos obriga, de refletir bastante. Se já um pouco modificados nos encontrarmos, compreendendo que envelhecemos sem nada termos plantado de bom para uma colheita farta, verificaremos

que" as nossas antigas convicções de nada nos valeram. E, mesmo estando um tanto inconscientes e afastados da realidade, o remorso nos toma. Graças a Deus quando isso acontece, e era o que estava ocorrendo com a velha senhora.

Ela tivera uma vida infeliz aos olhos dos que valorizam o afeto, a verdadeira união de família, a comunhão de sentimentos nobres, porque nada disso realizou. Sempre trabalhou estimulando aparências, desprezando a filha mais necessitada para exaltar a outra, a que era bela, e agora se via envolvida por um grande remorso. Eram os olhos do Espírito, presentes nela, naquele instante, pois vislumbrou sua filha Mariana, a verdadeira em Espírito. Os Espíritos sempre se reconhecem, apesar da aparência que o corpo físico toma. Ele é sempre a essência primeira, duradoura e inconfundível aos olhos daqueles que dele se aproximam, quando em Espírito. Nada disso eles poderiam compreender, e atribuíram o fato à demência própria de sua senilidade.

O resto do dia findou-se e Cláudio voltou das suas obrigações. Logo foi colocado a par do sucedido, explicando tudo a Charles e Marie Anne. Mas, como nem mesmo ele compreendia bem, acabou por concordar com Manuela que sua mãe deveria ter piorado muito. Pai e filha estranharam, porém, não se preocuparam. Também nada entendiam. O que aos olhos dos encarnados se apresenta de uma forma, pela limitação das suas possibilidades, o lado espiritual, pela amplitude dessas mesmas possibilidades que lhe permitem um entendimento maior, tem outras explicações e argumentos. A maioria das pessoas não pensa que a vida continua, que vivemos muitas vidas e vamos ao Mundo Espiritual e retornamos quantas vezês forem necessárias ao Espírito. Não imagina que, através das múltiplas existências, ressarçimos os débitos contraídos, pois sempre os temos, em maior ou menor escala.

Por isso, devemos viver de modo a que cada vez mais os nossos Espíritos evoluam, caminhando em direção ao Pai Maior, seguindo os exemplos que seu filho, o nosso muito amado Mestre Jesus, veio nos trazer através dos seus ensinamentos e dos

exemplos de vida que colocou em suas parábolas. Nunca devemos deixar perder a mais ínfima oportunidade de

fazermos o bem, de sermos bons, caridosos, humildes e desprendidos das futilidades supérfluas da vida, porque, dos pequenos atos é que vamos aprendendo e nos exercitando, para, um dia, alcançarmos os grandes. Quando a eles pudermos chegar, tenhamos a certeza, o desprendimento necessário ao Espírito realizase, e o nosso progresso está caminhando conosco, em direção ao Pai. Nada disso parece verdadeiro aos apegados somente às aparências.

A enfermidade daquela senhora foi a oportunidade para que o seu Espírito pudesse pensar e refletir, e, por isso, muitos fatos voltavam-lhe à mente. Tudo o que fizera de errado, o que valorizara numa filha e desprezara na outra, ela não tinha condições de avaliar conscientemente, através de um cérebro ativo, pois já não o tinha tão lúcido como antigamente.

Entretanto, como nada fica perdido, o seu Espírito ali estava participante e lembrando-lhe de todas as suas ações.

Mais alguns dias de paz para todos, decorreram, naquela casa, durante os quais, em muitas oportunidades, Marie Anne, após escolher um livro na vultosa biblioteca que possuíam, encarninhava-se para o caramanchão, depois de uma volta pelo jardim, admirando as flores.

Certa vez, comentou com o pai, dizendo:

— Papai, tão habituada estou a passar umas horas naquele caramanchão, lendo, após uma volta pelo jardim, que, ao regressarmos à nossa casa, não saberei como fazer! Sentirei muita falta daquele recanto, já integrado em mim e onde desfruto de tanta paz, que me será difícil continuar sem ele.

—

Tenho notado que você passa muito tempo lá e, às vezes, até sinto a sua falta.

—

Quando isso acontecer, você sabe onde estou. Vai ao meu encontro, e, ao invés de ler, conversaremos. Se quiser, também poderá ler em minha companhia.

—

Não havia pensado nisso! Da próxima vez eu o farei. Contudo, não é bom apegar-se tanto àquele lugar, pois, em nossa casa, não o temos. Nem mesmo jardim possuímos lá, a não ser alguns pequenos vasos de flores.

—

Eu sei, papai! Quando retomarmos, a nossa vida será diferente. Tenho as minhas ocupações, as minhas amizades, a rotina da nossa vida voltará, e apenas me lembrarei daquele local, com muito carinho. Quem sabe, em algum momento, quando sentir necessidade de um pouco de paz, de tranquilidade, eu não possa vir aqui em pensamento, passear entre as flores e descansar, depois, no caramanchão... Será o efeito, benéfico da mesma forma, papai?

—

Acredito que sim. O pensamento comanda o corpo e as ações, por isso, mesmo em pensamento, podemos visitar lugares que fazem bem ao nosso Espírito. Você não vê quando nos lembramos de pessoas, com muito carinho, como o fazemos com sua mãe? Assim também podemos nos lembrar de locais e nos transportar a eles em pensamento, sentindo o bem-estar que nos proporcionam.

— Era isso mesmo que estava imaginando. Falando nisso, papai, quanto tempo vamos ficar aqui?

— Ainda não sei. Chegamos há tão pouco, não é verdade?

— Mas já estou saudosa. Penso, às vezes, que saímos e deixamos mamãe sozinha em casa, porém, rapidamente me

lembro de que ela já não está mais lá...

As conversas entre pai e filha eram sempre tão amoráveis, pois um grande afeto os unia, revelando o prazer que um desfrutava na companhia do outro. Alguns dias mais e Marie Anne perguntou a Cláudio se não podiam retornar para uma visita à mãe de Manuela. Comprovariam se ela estava mesmo com a mente perturbada ou se algum problema causado pela sua presença, fizera-a lembrar-se da filha. Cláudio respondeulhe que poderia ir quando quisesse, acrescentando que não fora a sua presença que a fizera recordar-se de Mariana, pois ambas eram muito diferentes.

— Podemos ir agora, então?

— Vou consultar Manuela que está mais em contato com a mãe, e poderá dizer da

possibilidade ou não da visita.

Consultada, Manuela não viu nenhum inconveniente, considerando que a visita seria uma forma de testá-la novamente. Assim, todos, até Cláudio, dirigiram-se ao aposento dela. Ao entrarem, ela se encontrava meio sonolenta, mas foi logo despertada por um beijo de Marie Anne em sua fronte.

— Oh, minha filha, é muito bom que tenha vindo! Eu senti a sua falta estes dias... Por que demorou tanto? Já lhe pedi perdão, lembra-se? Poderia ter vindo mais vezes. Fique um pouco aqui, comigo! Ah, Mariana, eu a vejo tão bonita, como você está mudada!

A jovem nada entendia, mas Cláudio, presente, foi traduzindo o que a velha falava. Marie Anne desejou dizerlhe algumas palavras de afeto, mas sabendo que não seria compreendida, conteve-se e afagou os seus cabelos, pois que gestos todos entendem e sabem quando demonstram carinho. Enquanto isso, a velha continuou a dirigir-se a ela, sem dar atenção a mais ninguém.

— Ah, Mariana, seu pai gostaria muito de vê-la, também, como está agora! Lembra-se como ele lhe trazia muitos livros? Naquela ocasião eu ficava feliz quando você se afastava para suas leituras, assim não nos incomodava nem nos envergonhava em nada. Agora, eu é que me envergonho diante de você, por tudo o que lhe fizemos* Deve ter sofrido muito, não é mesmo?

Sei que um dia poderá perdoar-me, mas perdoe também a Manuela que não gostava de você! <; Manuela, ao ouvir seu nome, repreendeu a mãe, dizendo-lhe asperamente: Chega, agora, mamãe! Você não deve falar dessa maneira! Sabe que Mariana partiu há muitos anos e não precisava dizer se eu gostava ou não dela. É melhor nos retirarmos!

— Não precisa ficar brava, Manuela! Eu a entendo, você não gostava dela, mas lhe digo

— se ela partiu, agora retomou, porque quem está aqui comigo, afagando-me os cabelos, é a nossa pequena Mariana, e tão bela quanto você!

Mais uma vez aquela atitude causara muita estranheza a todos, e até Marie Anne não podia compreender bem por que lhe ocasionava tal impressão. Quando ela não estava presente, essa atitude incoerente não era tão percebida, senão em algumas ausências rápidas da realidade, e nada mais.

Todos se retiraram, e Marie Anne ainda pôde ouvir os seus apelos, pedindo-lhe que sempre a visitasse, para a sua alegria. A sua presença significaria o seu perdão, e, se se ausentasse de vez, concluiria que ainda não a tinha perdoado. A situação ficara difícil, não só para Manuela, mas para todos. Ninguém entendia o que se passava, a não ser os que podem ver além dos olhos do corpo. Se pudessem, verificariam que Mariana realmente ali estava, tão somente em Espírito, vivendo uma nova oportunidade na Terra, com outro corpo. Entretanto, nem esses a compreenderiam, pois quando voltamos, tudo o que já correu conosco em outras vidas, nos é vedado conhecer ou recordar! Não é benéfico ao Espírito, que procura caminhar, não mais apoiado no que já fez ou já foi, mas trazendo, fortemente, novos propósitos, sem, contudo, reconhecer a razão deles.

Assim acontecia com Mane Anne. Simpatizara com a velha pela forma como a tratara, sentira compaixão pelo que lhe dizia e pelos sentimentos tão íntimos ali expostos, mas imaginava que somente a sua juventude a confundira com a filha, a despeito da diferença entre ambas, o que era atribuído à sua inconsciência senil. Apesar da estranheza, fizeram uns poucos comentários após terem se retirado dos aposentos, e o assunto estava esquecido. Não lhe deram atenção, pois nada compreendiam, e Manuela, não muito apegada a assuntos lúgubres — como o considerava — disse, mostrando muito entusiasmo:

— É hora de esquecermos esse acontecimento triste. Mamãe está muito velha e, de pessoas velhas e enfermas, nada se espera, a não ser que piorem cada vez mais. Não é por isso que devemos ficar tristes também. Ela está amparada, bem assistida e nossa vida deve continuar.

Estava pensando em fazer, em nossa casa, uma pequena reunião festiva para alegrar um pouco o ambiente e propiciar, aos nossos queridos hóspedes, um pouco de alegria. A nossa casa é muito silenciosa, muito triste, e um pouco de arruído só fará bem.

Cláudio explicou a Marie Anne e Charles o que Manuela pretendia, e, à medida que ia falando, viu os olhos da jovem adquirirem um brilho novo de alegria e entusiasmo, e, antes que fizessem qualquer comentário, ela falou:

— Eu gostaria muito, senhor Cláudio. Agradeça a Manuela por nós! Aguardarei essa reunião com muita ansiedade.

A reunião não seria nos moldes das realizadas nos tempos idos, porque aquelas amizades do passado muitas haviam se perdido pela falta de contato social a que se viram reduzidas, embora, vez por outra, pequenos encontros eram realizados na casa, sobretudo para receberem companheiros de Cláudio, figuras preeminentes do governo e que deveriam ser homenageadas.

— O salão será reaberto! — prosseguia, entusiasmada, Manuela, Quero trazer para ele, não só aquelas pessoas que privam da nossa amizade mais antiga, mas também a euforia da juventude.

Faremos, assim, uma homenagem à jovem que ora se hospeda conosco, e traremos de volta um pouco da alegria juvenil ao nosso lar. Que acha Cláudio?

Ah, quanto Cláudio teria para lhe dizer! Quantas mágoas foram reavivadas naquele momento, por ela mesma. Inconscientemente falava da tristeza a que a casa fora reduzida, não se lembrando de que aquela alegria juvenil a que se referia, ali não existia por sua própria culpa.

Quanto Cláudio podia ter lhe dito, mas, de que adiantaria? Só serviria para que ela descarregasse sobre ele a sua grosseria, e isso não seria bom diante dos hóspedes.

14 A FESTA

Os preparativos para a festa, segundo Manuela, simples, estavam sendo providenciados. Os convites, embora reduzidos, foram feitos. Músicos, para animá-la, foram contratados. A casa seria aberta como há muito não acontecia. Os amigos surpreenderam-se, mas ficaram contentes pelo convite dos Sousa Alves, como então eram chamados. O cargo que Cláudio ocupava era de muito destaque no país além da riqueza, antes pertencente às duas importantes famílias, agora concentrava-se toda em uma só. Membros do governo também compareceriam. Não podiam ser esquecidos. Era o prestígio que deveria continuar amparando Cláudio. Assim, uma reunião que, da primeira ideia, seria simples, apenas para congregar uns amigos e se distraírem um pouco, começou a crescer, crescer, e já se vislumbrava nela um grande acontecimento social. Marie Anne estava exultante! Nunca participara de nenhuma festa dessa natureza. Só conhecia as festinhas simples e rotineiras, que se realizavam, às vezes, em casa de amigas, e nada mais. Como será uma festa desse porte? — indagava-se, curiosa.

O salão estava sendo decorado, conforme o acontecimento requeria.

Papai, estou preocupada! Como vou comparecer a uma festa dessas? Tenho medo de não saber comportar-me! E o vestido? Nada possuo adequado ao que estou prevendo.

— Não gosto de aparências, você sabe disso. Devemos é valorizar as boas qualidades de cada um, porém, eu a compreendo. Também não quero vê-la vestida de modo a não condizer com o ambiente, com os outros convidados e mesmo com a própria Manuela, ainda mais numa ocasião dessas, em que estará em sua companhia. Não se preocupe! Falaremos com ela e providenciaremos o que lhe for necessário. Também nada trouxe, nem tenho trajes que me levem a essa festa bem aparentado, mas me arranjo eu com Cláudio.

— Então Manuela pode orientar-me?

— Sim, filha, conversaremos quando Cláudio estiver presente, e ele nos ajudará a lhe explicar. Se essa festa for \ conforme ela disse, em nossa homenagem, sobretudo em sua, deverá comparecer àáitura. Todos a olharão e não quero que façam o menor comentário a seu desfavor. Entraremos juntos e teremos, para você, ás atenções dos presentes, não é o que deseja?

— Também não é tanto assim! Não desejo todas âs atenções, nem todos os olhos para nós, mas também não pretendo que nos olhem por não estarmos adequadamente vestidos. Estando igual aos outros, já fico contente.

HEÉ| Providenciaremos o que for necessário, no entanto, tenho a certeza de que nada disso precisará! Só a sua juventude angélica, a sua beleza, serão suficientes para atrair a todos e deixar seu pai muito enciumado.

— Ah! papai, não precisa ter ciúme de mim! Você sabe que é o centro das minhas atenções, o motivo principal de eu viver, e a quem me dedicarei sempre. E espero, estejamos juntos por muito tempo ainda. A sua companhia é a minha alegria e, dedicar-me a você, o meu prazer maior.

— Você diz isso enquanto não chega aquele que a roubará de mim!

— Ninguém me roubará de você!... O meu coração é muito grande! Nele, o seu lugar já está tomado, e, se algum dia, um amor aparecer em minha vida, haverá também lugar para ele, sem que tome o seu! Digo-lhe mais, se a minha dedicação a você tiver que ser sacrificada por alguém que surgir em minha vida, embora eu vá sofrer, esteja certo, nada nos afastará um do outro. Pelo contrário; afastarei todo aquele que me impedir de estar em sua companhia! Não tenha receios e nunca duvide do meu amor!

— Ah, filha, estávamos apenas conversando e eu fiz uma brincadeira. Sei da sua dedicação e do seu amor, mas seu pai está ficando velho, para não dizer que já o sou, e não quero prejudicar a sua vida, o seu futuro. O tempo passa, eu partirei e, se assim proceder, ficará sozinha... Você deve cuidar de sua vida, de ser feliz, sem se preocupar em demasia comigo.

Tais preocupações já rondavam o Espírito de Charles, mas nunca tivera coragem de dizer.

Sua filha era uma jovem muito bonita, e logo apareceria aquele que a levaria consigo. Nunca se oporia, a menos que o pretendente não fosse merecedor do seu afeto. Compreendia muito bem o amor, pois sentira-o e fora feliz com a esposa, e queria que também Marie Anne, um dia, encontrasse um companheiro digno e honesto para ampará-la, protegê-la e amá-la muito, pois ela o merecia.

De um simples vestido, a conversa tomara um rumo que demonstrava a sua preocupação de pai, e mais, estava antevendo, naquela festa, o motivo de todas essas colocações. Sem o saber, inconscientemente já o admitia e temia, mas, se as palavras da filha o tranquilizavam de um lado, preocupavam-no de outro. Não queria ser, de forma nenhuma, um empecilho a Marie Anne.

A vida precisa seguir o seu curso normal. O aparecimento do amor, para os jovens, é um momento importante, e, quando é correspondido com a mesma intensidade, a alegria é grande.

A felicidade que os toma é aquela que, mesmo vivendo na Terra, com os pés no chão, se sentem flutuar, tanto o enlevo que a companhia de um faz ao coração do outro. Ele o sabia e temia, mas conhecia bem a filha. Após, então, essa conversa, tinha a certeza, ela nunca o abandonaria, mas também não era isso que ele desejava. O amor nos traz a alegria do enlevo, da felicidade, porém, quando proibido ou impossível, traznos uma grande infelicidade. Era o que ele não queria para a sua dedicada filha, que tinha todo o direito de ser feliz e o seria. Ele tudo faria para isso, em qualquer momento de sua vida, mesmo com o sacrifício da sua pessoa. O que importava, agora, era somente ela e nada mais...

Tudo pronto e o grande dia chegou. Marie Anne teve o seu lindo traje, do qual Manuela fez questão de se encarregar, como se o fizesse para si própria, nos velhos tempos, com o mais elevado requinte. Quando ela se apresentou, diante de Charles, o seu olhar de espanto e de admiração foi grande. Não que não

reconhecesse a beleza da filha querida mas, vestida daquela forma e tão bem arranjados os cabelos e o rosto, nunca a tinha visto e deslumbrou-se.

— Não, minha filha, penso que não devo ir a essa festa!

— Por que papai? Não gostou?

— Você perturbará muito! Não dará paz aos rapazes, e o meu trabalho, para protegê-la,

será muito grande! Por isso, não devemos ir...

— Ah, papai, deixe de brincadeiras! Eu não via a hora da festa chegar, e agora, não venha com gracejos dessa natureza! Fale sério, como estou?

— Linda! Mas que irá perturbar os rapazes, irá, não é brincadeira!

— Não diga isso! Eu vou ficar com você, já lhe falei!

— Sim, ficaremos juntos, contudo, a festa é em sua homenagem, e dará também o prazer da sua companhia a todos que a solicitarem, principalmente para uma dança, se o quiserem.

— Mas a primeira é sua! Não dançarei com ninguém antes de dançar com você! Ela está reservada desde que a festa foi idealizada.

— Dar-me-á muita honra e muita alegria, filha!

Manuela e Cláudio, ao se dirigirem ao salão onde fariam as honras da recepção aos convidados, pediram a Charles e a Marie Anne que os acompanhassem, a fim de serem apresentados a cada um, à medida que fossem chegando.

Pouco a pouco o salão foi ficando repleto, a música no ar alegrava o ambiente, e tudo decorria como Manuela previra. A alegria era visível em cada rosto e espalhava-se pelo salão...

Muitos rapazes compareceram, muitas jovens bonitas, mas nenhuma tão bela quanto Marie Anne, na inocência de seus

quinze mos, no frescor de suas faces juvenis e na beleza de seu traje. Marie Anne chamava a atenção de todos. Mesmo aqueles que lhe haviam sido apresentados, não se furtavam de continuar olhando-a. Ela permanecia firme junto do casal que a hospedava e do pai em quem se apoiava, e era o centro das atenções, para quem convergiam todos os olhares. Estava aturdida. Nunca participara nem vira nada como o que se realizava ali, naquela noite. Muitos rapazes disputavam-na com o olhar, mas não se atreviam a chegar.

Ninguém ainda estava dançando.

A um canto da sala, uma grande mesa fora colocada, sobre a qual finas iguarias estavam à disposição daqueles que não se deliciavam mais com a dança, e viam no comer o seu prazer maior.

Quando a chegada de convidados se asserenou, e a maioria se encontrava em pequenas rodas conversando, eis que Manuela e Cláudio, seguidos por Charles e Marie Anne, dirigiram-se ao centro do salão para a primeira dança.

Estou nervosa, papai! Penso que não conseguirei dançar!
Tremem-me as pernas!

— Não se preocupe! Imagine que estamos em casa e acalme-se.
Você se sairá bem!

A orquestra que havia parado, esperando-os, a um sinal de Cláudio, reiniciou os seus acordes e a dança começou. Por um pequeno espaço de tempo, apenas os dois casais rodaram pelo salão, porém, aos poucos, os outros foram se achegando, achegando* e logo todo ele estava repleto de casais dançando e sorrindo felizes. Depois de algum tempo, Marie Anne disse ao pai que gostaria de parar, estava cansada.

— Mas já, filha? Mal começamos! — É só um pouquinho, depois continuaremos! Você sabe, não estou acostumada e preciso de um intervalo para descanso.

Entretida junto do pai, ela ainda não havia notado, entre todos os rapazes, um que a olhava insistentemente, como que atraído por um ímã que o impedia de desprender seus olhos dos dela.

Charles, porém, já havia percebido, mas, arguto e receoso, nada disse. Do momento em que eles pararam e se dirigiram para um dos lados do salão, a fim de não perturbar os que dançavam, ela percebeu aquele olhar insistente e ficou perturbada.

— Papai, há um rapaz que está me deixando encabulada, não tira os olhos de mim! Eu não sei mais como ficar. Que insistência! ...

— É assim mesmo! Eu já havia percebido! Há muito tempo ele está olhando-a desse modo!

Cláudio e Manuela, fazendo também uma pausa, aproximaram-se. Discretamente, Charles perguntou a Cláudio a respeito do rapaz, enquanto Manuela fazia algum comentário sobre a dança, com Marie Anne. Embora ela não entendesse/ viu o entusiasmo em seus olhos.

— Eu o conheço, sim! É o filho de um companheiro do governo — rapaz culto e muito

bem preparado! Estudou, como nós, em Paris/ e está agora, aqui, aguardando uma oportunidade para também se encaixar na carreira política. Para ele será fácil: tem o pai para abri-lhe as portas. É questão apenas de oportunidade. Mas por que está interessado no jovem?

— Não sou eu, é ele quem não tira os olhos de Marie Anne!

Um convidado, aproximando-se de Cláudio para uma conversa rápida, interrompeu o que diziam. À sua retirada, os dois casais foram para um local mais afastado do burburinho das danças, e logo juntou-se a eles o referido companheiro de Cláudio com sua esposa, o filho e uma filha. Já haviam sido apresentados, mas a insistência do rapaz junto ao pai, foi tão grande, que ele precisou simular alguma necessidade momentânea, para introduzir o filho nos meios de Marie Anne.

Uma conversa banal foi logo entabulada. A jovem, que havia; percebido o interesse do rapaz, ficou constrangida vendo-o aproximar-se, e deu logo o braço ao pai, como se precisasse de um apoio firme para o seu coração virgem de amor.

— Pois então vocês são de Paris? — perguntou o pai do rapaz.

— respondeu Charles.

O jovem continuou ali, sem nada dizer, mas, num impulso, pois não podia perder a oportunidade, falou a Marie Anne, num francês muito correto, que também conhecia Paris, pois era onde havia estudado. Marie Anne, ouvindo-o falar a sua própria língua, encantou-se e sorriu para ele, que se alegrou do seu sorriso, e, tomando coragem, o jovem convidou-a para dançar. Antes de responder, ela dirigiu um olhar ao pai, como que pedindo licença e a sua opinião. Charles não se demorou -=> soltou-a de seu braço, dizendo-lhe:

— Vá, minha filha, acompanhe o rapaz nessa dança! Eu a esperarei, aqui!

Um tanto receosa, pois nunca vivera experiência igual, Marie Anne lançou um último olhar ao pai, cuja fisionomia demonstrou que deveria ir. Os olhos do rapaz brilharam muito, e, oferecendo-lhe o braço, levou-a ao centro do salão. Nos primeiros instantes, apenas dançavam; nenhuma conversa, nenhuma palavra... Somente a emoção da dança, o ouvir da música, a atenção nos passos que deviam dar. Entretanto, quando a serenidade se fez, quando a primeira emoção passou, algumas palavras foram trocadas para um começo de conversa. As mesmas utilizadas por todos que partilham desse enlevo. Ele elogiou a sua beleza e, mais que isso, a sua candura, falando-lhe do prazer de estar em sua companhia.

Marie Anne, no início, "ouvia sem responder, mas o seu íntimo estava alegre. Alguém a cortejava, dizia-lhe galanteios, falando de modo tão claro a sua língua, que o seu círculo, até então tão restrito, apenas o pai e Cláudio, estava sendo ampliado por ele o jovem que a tinha nos braços.

O coração das jovens é romântico e sonhador, e o de Marie Anne não era diferente. Ela sonhava, por que não? Esperava também, como toda jovem, a chegada daquele que invadiria o seu coração. Mas não podia, naquele momento, deixar-se envolver por esses pensamentos, só porque ele a convidara para dançar. Não deveria sonhar nada além da dança. Assim rodavam e a conversa continuava. Ele perguntou-lhe sobre Paris, onde permanecera por alguns anos, e de onde se via afastado desde que concluía o seu curso. Conversavam e dançavam até que, num dado momento, perceberam que a música havia parado. Ele a conduziu até o pai, agradecendo-lhe pela dança, mas, como seus familiares ainda permaneciam no mesmo lugar, pôde ficar junto dela por mais algum tempo.

— Sua filha é encantadora, meu senhor! Obrigado por permitir que dançasse com ela!

Logo a música recomeçou. Ele a convidou novamente, porém Marie Anne pediu que esperassem mais algum tempo. Não estava acostumada a tantas danças e se cansara. Os outros rapazes, sequiosos também de merecerem a sua atenção, viram-se tolhidos, sem nenhuma oportunidade de se achegarem.

— Se não quer dançar, por que não damos uma volta? Conversaremos mais à vontade, apenas ouvindo as músicas! ::

Marie Anne pediu licença ao pai e saíram pelo salão. Caminhando entre as pessoas, ela sempre tinha um sorriso àqueles que a olhavam, mas a sua companhia constante foi o jovem.

Paulo —esse era o seu nome— convidou-a para uma volta pelo jardim, naquela noite, todo iluminado. Ela recusou-se, não queria deixar o salão. Confiava nele, mas o conhecimento era muito recente.

— Não, não quero afastar-me daqui! Não devo deixar papai preocupado. Mesmo à distância, sei que está nos observando.

— Pelo que me parece, você é muito ligada a seu pai.

— Sim, ele é tudo o que tenho agora, e eu, tudo o que ele tem! Por isso, nós nos entendemos bem e queremos sempre estar um com o outro, desde que mamãe partiu.

— Então você não tem mais sua mãezinha?

— Não, ela partiu há não muito tempo. Este é, também, um dos motivos desta viagem.

Papai queria distrair-se um pouco, rever amigos antigos e rever Lisboa, onde havia estado há muitos anos atrás.

— Ah! Então seu pai já conhecia a minha terra?

— Sim, já estive aqui realizando um trabalho.

— Esta cidade não lhes pode oferecer o que Paris oferece. Temos muito ainda que progredir para nos igualarmos a vocês.

— Não é preciso que nos igualemos. Cada local tem as suas peculiaridades, dentro das possibilidades que lhe são oferecidas, e todos são adoráveis! Basta, os aceitemos e saibamos compreender as suas limitações.

— Os governos empenham-se, porém, uma boa administração faz o progresso caminhar mais rápido.

— E verdade, mas não se esqueça, esse progresso caminha de acordo com os recursos que o país oferece. Mas por que estamos nós, agora, a falar de política, de administração? —

perguntoulhe Marie Anne.

— Eu pretendo fazer parte do governo e, sem querer, este assunto, que me fascina, surge em meio a qualquer conversa, tanto é o meu desejo de fazer este país progredir.

Cada um contribuindo com a sua parte, o trabalho toma-se grande e imo, e o progresso advirá. Quem sabe não estão apenas aguardando a sua colaboração, não é mesmo?

Não faça gracejos, Marie Anne! O assunto é por demais sério, mas entendo, não é sobre o qual você mais gosta de falar.

— Não que não goste. Nada entendo de política, por isso não tenho condições de discutir.

Gostaria de voltar para junto de papai. Ele deve estar apreensivo.

— Daqui onde estamos você pode vê-lo.

— Sim, entretanto gostaria de retomar.

— Não quer mais dançar comigo?

— Poderemos dançar, sim, mas primeiro vamos até ele, Não quero deixá-lo muito tempo só.

— Ele não está só. Veja, está numa roda conversando.

— Sim, irias quero ir até lá.

— Pois então vamos.

Naquela noite, Marie Anne não dançou com mais ninguém, apenas com Paulo, Paulo, Paulo... Ela desejou dançar algumas vezes com o pai, porém, ele atendeu-a só uma vez. De resto, permaneceu conversando com pessoas que o rodeavam e entendiam a sua língua. Um estrangeiro/ quando chega a uma roda, é sempre alvo de atenções, sobretudo daqueles que falam a sua língua e querem demonstrá-lo. Assim aconteceu com Charles, que foi muito assediado pelos convidados de Cláudio, sabedores da homenagem ao amigo recém-chegado da França.

A festa decorria, as horas passavam e os casais rareavam-se... Alguns já se despediam e

Paulo continuava com Marie Anne. Ela sentia-se feliz na sua companhia, e ele estava também com o coração enlevado por ela. Quando sentiu o passar das horas, e deveria retirar-se, foi ficando consternado.

— Marie Anne, logo mais preciso deixar esta casa, e não gostaria que minha retirada fosse marcada por uma ausência muito prolongada. Como farei para vê-la outra vez? Por tudo o que lhe disse, deve ter percebido, você tocou o meu coração e não quero perdê-la...

— Gostaria também de tornar a vê-lo. A sua companhia alegrou-me a noite, porém, não estou em minha casa e não posso convidá-lo. Você deve conversar com Cláudio e Manuela.

15 CIUME INEXPLICÁVEL

A noite do baile findou. Todos os convidados se retiraram, restando apenas um, que ficou junto de Marie Anne. Ele não queria deixá-la, sem antes pedir autorização a Cláudio para voltar outras vezes. Ao solicitar, obteve não só o consentimento, mas a polidez e a delicadeza do anfitrião fizeram-no sentir que a satisfação de sua presença seria toda deles, os donos da casa.

Que os visitasse quantas vezes o desejasse, pois sempre seria bem-vindo. Manuela estava feliz.

Tinha podido, naquela noite, passear entre os convivas a sua beleza de matrona ainda jovem e bonita... A felicidade de Marie Anne não era menor, apesar dos motivos diferentes — a companhia de Paulo durante toda a festa!

Cláudio não via, nessas ocasiões, nada mais que o interesse de manter reunidos os amigos que faziam parte do governo, comungando num mesmo ideal. Uma reunião assim, amigável, fora do ambiente de trabalho, solidificaria mais as bases, e a sua segurança no cargo seria maior. Não que fosse ambicioso por cargos, nem deles necessitava para a sua sobrevivência, pois seu patrimônio financeiro era invejável a qualquer mortal do país. Todavia, acima de tudo, era um idealista e entregava-se à sua tarefa, lutando pelo interesse dos menos favorecidos, como se fora um deles. Transportava para o seu cargo, para as suas atividades, tentando esquecer, todas as frustrações em relação ao seu casamento, fazendo-o por não poder lutar em casa, nem querer levantar problemas que seriam insolúveis. Lutava para defender os necessitados, com amor, com ardor, e muito já havia

conseguido. Era querido por aqueles que acompanhavam as atividades dos participantes do governo, pois sabiam, possuíam nele, alguém lutando por seus direitos e ideais.

Charles apenas cumprira uma obrigação social. Não gostava muito dessas reuniões, mas o dever de acompanhar a filha, a satisfação mesma de estar com ela, tomaram-no feliz por vê-la feliz.

— Filha, vejo que a festa lhe fez muito bem. O brilho de seus olhos é outro, e algo imperceptível aos que não a conhecem bem, está mexendo com o seu coração que, para mim, não tem segredos. Nada há que eu não perceba nele...

— Tem razão papai, gostei muito da festa.

Para você, ela limitou-se apenas a uma pessoa, não é verdade?

— Ah, papai, isto não é verdade! Fiquei em sua companhia, e só não dançamos mais porque você mesmo não quis! Andei por entre todas as pessoas, procurei sempre lhes transmitir, embora sem poder lhes falar, pelo menos um sorriso de agradecimento por estarem partilhando conosco da reunião.

— Sim, sim, eu entendo.... Contudo, não respondeu a minha pergunta.

—

Eu sei o que quer dizer. Fala do meu amigo Pardo. Foi bom tê-lo conhecido e ter podido conversar com ele durante todo o tempo. Do contrário, eu ficaria à margem de tudo. Não quero dizer que a sua companhia não me seja agradável, sabe o quanto eu gosto de você, mas é bom conversar com outra pessoa, sobretudo jovem como eu! Paulo foi muito respeitoso. Sabia que ele pediu licença a Cláudio para voltar outras vezes?

— Eu os vi conversando e imaginei que estivesse apenas se despedindo...

Na realidade estava, mas aproveitou para essa solicitação.

— Então é esse o motivo do seu contentamento?

— Nada se pode esconder de você, não é mesmo? Não se preocupe, quando ele vier, se realmente voltar, você estará comigo, conversaremos todos juntos. Será apenas uma visita de caráter social.

— Tudo começa em forma de atividade social, mas depois, só Deus o sabe...

— Você leva as coisas muito longe. O futuro a Deus pertence. Não se esqueça de que não moramos aqui. Mais dia, menos dia, regressaremos à nossa casa, da qual já estou saudosa, e a nossa vida, lá, continuará como antes; não se preocupe.

— Assim espero, filha, que, ao retomarmos, seja a mesma, sem levar mágoas nem tristezas no coração. Não se deixe apegar a pessoas que não lhe podem dar o que merece!

— Você está se preocupando,, à toa. Existe apenas a vontade de concretizar, em bases mais sólidas, uma amizade, nada mais. Bem, vamos dormir. Eu estou muito cansada, e quero, amanhã, levantar bem tarde.

Charles procurou conversar com a filha, amigavelmente, mas não deixou de sentir uma grande preocupação. Não queria vê-la sofrer e sabia, se o jovem continuasse a visitá-la, um afeto poderia surgir. Marie Anne era muito sensível e seu coração não resistiria. Tinham o lar distante, as suas raízes, a lembrança da mãe presente em todos os objetos da casa... Como seria?

Preocupou-se muito, conquanto soubesse, ainda eram preocupações infundadas. Não que não desejasse que Marie Anne tivesse a sua própria vida, o seu afeto, o seu companheiro. Ela merecia ser feliz, ele já estava envelhecendo e era apenas o pai, entretanto, sem querer pensar, pensava muito.

Não conseguiu dormir aquele resto de noite, e, bem cedo, embora ainda todos permanecessem no leito, ele já estava em pé, passeando pelo jardim da casa. Sem perceber, chegou ao velho caramanchão. Queria refletir em todas essas

preocupações, normais na vida de um pai, mas não quando tão antecipadas aos acontecimentos. Seus pensamentos eram tantos, e o local, propício a que eles crescessem cada vez mais, dominando-lhe a mente. Tentou reagir, erguendo a cabeça e pedindo o amparo de Deus para que não deixasse o ciúme tomar conta de seu coração. Não era normal, não podia ser normal.

Levantou-se e saiu. Voltou a caminhar por entre o jardim, rogando a Deus a sua ajuda. Ele esperava, um dia, enfrentar essa situação, mas não imaginava que a sua reação interior fosse tão forte, que o ciúme da filha querida fosse tomar conta tão intensamente de todo o seu ser. Teria que reagir e por isso orava, com palavras que lhe vinham do fundo do coração: Meu querido Deus, vós que tendes sempre me amparado em momentos mais difíceis, vós que trouxestes para a alegria dos meus anos já idos, a ternura da filha querida, vós que, embora tendo levado convosco a minha querida Juliete, deixastes-me a dedicação tão sublime desse anjo que colocastes em meu lar, não me abandoneis neste momento, não deixeis meu coração ser tomado por ciúme tão intenso!

Amparai-me, Pai Amado, para que eu compreenda toda essa situação que, na verdade, ainda não se instalou! Amparai-me para que, se esse rapaz tomar conta do seu coração, eu o aceite e veja nele mais um filho, aquele que nunca tive, e que poderá ajudar a me amparar a velhice! Não me abandoneis, Pai, e auxiliai-me a ser forte para entender e aceitar!

Amparai também a filha querida, para que ela não se deixe envolver por sentimentos que possam, num futuro, fazê-la sofrer! Dai-me uma luz, afim de que o entendimento se faça em minha mente e em meu coração!

Abençoei-me sempre e sede conosco!

Depois desta oração, sentiu-se mais confortado, mais amparado, e percebeu, também, a inutilidade de tantos temores... Nada havia acontecido ainda, nada! .., Voltou ao caramanchão, pois ainda era cedo e todos dormiam na casa. Assentou-se,

pensando, pensando muito... Por um instante sentiu seu corpo desligar-se da mente, envolvido por um leve torpor semelhante ao do sono, e percebeu a visita de alguém trazendo-lhe palavras de muito conforto e compreensão, tranquilizando-o, mas não pôde precisar o que havia sido.

Ele não sabia, mas era a mesma voz já nossa conhecida, aquele ser que sempre estivera ao lado de Mariana, quando da sua partida, que a amparara e a protegera. O momento, aparentemente simples, era importante para o Plano Espiritual, por isso Irmã Cidália compareceu junto dele, procurando passar-lhe energias para ajudá-lo a superar aquele sentimento. Era a hora de mostrar à filha, que o relacionamento fraterno em que viviam era verdadeiro, e todo o amor e carinho que lhe demonstrava, era comum e normal aos pais, em situações semelhantes.

Nada disso ele entendia, e tinha por Marie Anne o mais paternal dos amores, e ela, por ele, a dedicação mais tema do amor filial. No entanto, para o Plano Espiritual que tudo conhece, aquele momento era importante, por isso o seu coração de pai deveria ser asserenado, a fim de continuar a caminhar dentro da normalidade. Aos poucos ele foi se tranquilizando, e, quando retomou sem saber de onde, imaginando haver cochilado pelo cansaço da noite, estava refeito, e sentiu que a sua prece havia chegado ao Pai. Agradeceu mais uma vez a Deus e voltou para casa.

Muito tempo havia passado e, ao entrar, encontrou Marie Anne em pé, pronta, aguardando-o, pensando que ele ainda estivesse dormindo. Olhou a filha com tanta ternura paternal e viu que os fantasmas que lhe haviam tomado o coração, já não mais existiam.

Aproximou-se dela e deu-lhe um beijo na face, como querendo desculpar-se a si próprio de tantos pensamentos temerosos. Sabia a filha que tinha, por isso nada deveria recear. Ela nunca o abandonaria, fosse qual fosse a situação que surgisse.

—

O que aconteceu, papai? Imaginei-o ainda dormindo, e vejo-o chegar do jardim?

Se soubesse, teria ido passear com você.

—

Dormiu bem, filha?

—

Como um anjo, e, como um anjo, tive sonhos bonitos.

—

E qual foi o "anjo" principal de seu sonho?

—

Não estou entendendo!...

— Entendeu-me muito bem!

—

Ah, papai, esqueçamos o que falei e venha andar mais um pouco comigo no jardim.

—

Não, filha, agora eu estou cansado. Os arruídos da noite, as músicas ainda permaneceram em minha mente e não consegui dormir. Vá você, está uma bela manhã! Vou deitar-me um pouquinho, quem sabe consigo descansar.

Depois que Charles se retirou, Marie Anne ficou só e foi dar a sua volta por entre as flores que lhe eram tão queridas, e já tão conhecidas de um passado ali vivido, mas das quais a Providência Divina fê-la não se lembrar.

16 ESPERANÇAS FRUSTRADAS

O dia seguinte a uma festa é sempre tecido de comentários e lembranças. Fala-se de um, fala-se de outro, fala-se de uma situação, e também, como Manuela, da satisfação em realizá-la e do brilho que alcançou, não obstante o fizesse para chamar a atenção sobre a sua capacidade de organizá-la. Ela esperava receber, de cada palavra, os elogios que estimulassem e fizessem crescer ainda mais o seu orgulho.

Os hóspedes elogiaram-na bastante, pois viram-se na obrigação de fazê-lo. A festa fora organizada para eles e deveriam mostrar-se agradecidos. Contudo, estava terminada, os comentários foram diminuindo e a rotina retomou.

Nunca mais haviam voltado ao quarto da velha enferma, embora diariamente perguntassem

pela sua saúde. Marie Anne, porém, novamente manifestou esse desejo, mas Manuela não se mostrou disposta a levá-los. Já havia estado em seu quarto muitas vezes durante aquele dia e não gostaria de retomar. Não queria assistir a cenas que lhe eram profundamente desagradáveis.

— Se a senhora não achar conveniente, não iremos! disselhe Marie Anne, através de Cláudio.

— Podem ir, mas vão sós! Não me obriguem a assistir a cenas que me desgostam! Mariana é uma pessoa já totalmente esquecida. Foi um período difícil para nós, termos que aturá-la, e, passados tantos anos, não quero dele me recordar. Vão vocês, Cláudio os levará!

Cláudio, que havia se colocado à disposição, acompanhou-os. A velha estava sentada na cama, recostada, tendo uma criada em sua companhia. Quando entraram, ela, estranhamente lhes perguntou:

Quem são os senhores? A que vieram? Por que trazem Mariana? Por que, minha filha, não veio sozinha? Quem são esses homens que a acompanham?

Marie Anne observava sem nada dizer. Achevou-se até ela, deu-lhe um beijo na testa, e a velha, aproveitando-se do ensejo, enlaçou-a fortemente, e, chorando muito, pediu-lhe perdão mais uma vez. A jovem assustou-se e Cláudio foi em seu auxílio, tirando-a de junto dela, que gritava entre soluços:

Não a tirem de mim. Eu preciso que ela fique Comigo. Só quero fazer-lhe bem. Quero que ela esqueça o passado. Agora sei o quanto a fizemos sofrer. Procure me perdoar. Naquela época eu não sabia o que fazia, e só tinha olhos para Manuela, que era muito bonita! Como você era pequena e feia, todos a desprezávamos, sentíamos vergonha, e não admitíamos a sua presença, quando tínhamos visitas ou quando dávamos festas! Lembra-se, filha, quando Manuela se casou e não permitimos que comparecesse? Mas eu a vi, meio escondida num canto, observando, e senti, muito medo de que entrasse no salão e me envergonhasse. Agora quero que me perdoe! Onde você esteve este tempo todo? O que aconteceu, minha filha?

Suas últimas palavras já não eram tão gritadas nem nervosas, pois o choro havia passado e ela se encontrava mais calma. Marie Anne afagava-lhe os cabelos, sem Compreender nada.

Cláudio achou melhor se retirarem. Sempre que a visitavam era a mesma situação, deixando-os cada vez mais intrigados. Ouviam-na dirigir-se a Marie Anne, como se a Mariana estivesse presente, e nada entendiam. Os olhos da velha tão avançada em anos, porém, não a enxergavam com a visão do corpo, já combalido, mas com os olhos do Espírito, que se tomaram aguçados pelo remorso. Nada disso eles compreendiam, muitas conjeturas foram feitas, e esse fato foi caindo no esquecimento.

Passados alguns dias da festa, um mensageiro levou à Marie Anne, um bilhete de Paulo, falando do seu desejo de visitá-la àquela noite, se nenhum impedimento houvesse. Aguardaria resposta pelo próprio portador da mensagem. Marie Anne julgou que todo empenho demonstrado por ele, durante a festa, tivesse sido apenas o resultado do entusiasmo do momento. Entretanto, ao ler a pequena mensagem, imediatamente traçou umas

palavras em resposta. Mal podia esperar a hora combinada chegar! Que roupa vestir? Experimentou várias.

Penso que desta ele vai gostar!

— Por que tanta azáfama, minha filha! Ele vem aqui para vê-la, não pelo seu vestido...

Eu sei, mas a roupa ajuda a nos apresentarmos melhor, e eu quero parecer bonita para ele!

A noite chegou. Encontravam-se todos na sala, conversando, após o jantar, quando o criado anunciou a presença do jovem, conduzindo-o até eles. Os olhos de Marie Anne brilharam.

Como se não tivesse visto mais ninguém, ele dirigiu-se a ela, primeiramente. Voltandose, depois, para cumprimentar os outros, pediu desculpas pela sua atitude. A noite transcorreu tranquila e agradável, com todos participando e conversando. Marie Anne, contudo, estava ansiosa por poder estar alguns minutos que fosse, a sós com ele, e essa oportunidade se fez.

Quando da sua despedida, Cláudio, o bom amigo e entendedor daquela situação, pediu a ela

que o acompanhasse à porta.

Você já conhece por demais a casa, Marie Anne, e ambos são jovens, podem querer conversar mais um pouco. Acompanhe-o até à porta e nós nos despedimos aqui!

Paulo, muito gentil e feliz da oportunidade, ofereceu o braço e retiraram-se. Em caminho, trocaram algumas palavras, apenas gentis, mas logo ele lhe confessou:

— Marie Anne, não suportava mais a saudade de você! Foi-me difícil ficar estes dias sem vê-la! Por meu gosto, estaria aqui logo no dia imediato à festa, e no outro, e no outro também...

Como senti a sua falta!

— Também senti a sua, e até pensei que o seu entusiasmo tivesse durado o tempo da festa, e já houvesse me esquecido!

— Eu não à esqueci! Ao contrário, você cresceu ainda mais no meu coração. A saudade fez-me tê-la junto de mim a todo instante, por isso, resolvi: esperar. Deixei passar alguns dias, para que não interpretasse o meu entusiasmo apenas como capricho de jovem. Como faço, Marie Anne, para poder estar mais com você? Quero levá-la a passeios. Seu pai consentirá?

Não sei, posso falar com ele e depois lhe darei a resposta.

Mandar-lhe-ei uma mensagem e você me responderá. Se o seu pai concordar, o passeio fica combinado dentro do que lhe escrever. Está bem assim?

— Sim, está. Agora devo voltar à sala. Agradou-me a sua visita, mesmo em companhia de todos. A sua presença deixou-me feliz, e o que me disse agora, mais feliz ainda! Não sei se conseguirei dormir esta noite.

Paulo tomou as mãos de Marie Anne, beijou-as muito respeitosamente e retirou-se.

Durante o tempo que restou a Charles e Marie Anne em Lisboa, a vida da jovem transformou-se. As suas atividades mudaram e, mais que isso, o seu íntimo também. Já não era aquela criaturinha virgem de amor, pois sentia o coração pleno de ternura e de amor por Pardo, Charles permitiu os passeios, durante os quais eles desfrutaram de momentos temos de troca de carinhos e de juras. Momentos que passaram a ser a razão da vida de ambos, tão unidos se sentiam. Muitas vezes tiveram a oportunidade de ficar a sós em passeios pelo jardim, caminhando de mãos dadas, examinando as flores, ouvindo o canto dos pássaros, como é próprio nessas ocasiões em que o coração se toma mais sensível a essas amenidades.

Findavam-no, frequentemente, no caramanchão, que pôde ouvir muitas palavras de amor, observar muitos carinhos e ver o que nunca havia visto.

Ele, que fora testemunha só de tristezas e da solidão de Mariana, no passado, via-a, novamente, tão feliz e não mais só... Mãe importava que eles não soubessem dos momentos tristes em que ela ali se recolhia. O importante era que ele, o caramanchão, se pudesse falar, se tivesse as faculdades humanas, diria que estava muito feliz vendo a sua Mariana com o coração pleno de amor e os olhos brilhantes, cujo brilho só os que amam podem refletir. No entanto, a vida continua, os compromissos devem ser cumpridos, e as férias que Charles e Marie Anne haviam dado a si próprios, estavam findando. ,

— Minha filha, está na hora de voltarmos. Há três meses estamos fora. É um longo período e necessitamos regressar. Temos os nossos compromissos e a nossa permanência, aqui, já se estendeu demais.

— Não me diga isso, agora, papai! Como vou voltar, deixando Paulo? Eu morrerei de tristeza.

— Compreendo-a, mas a nossa vida não é aqui. Esse período já se alongou além do que podíamos, e, na próxima semana, nos primeiros dias, voltaremos. Eu sinto muito por você, mas precisa entender.

Chorando, Marie Anne respondeulhe:

— Eu entendo as suas razões, mas o meu coração está aqui, junto de Paulo. Como deixá-lo?

— Compreenda-me, filha. Vocês são apenas namorados, eu não poderei deixá-la nem

poderei ficar, por isso reaja e converse com ele. Desde o início era sabedora de que esta não era a nossa casa, nem este, o nosso país. As nossas raízes estão em Paris. As nossas obrigações, os nossos compromissos, tudo está lá. Aqui, apenas passamos um período de férias do qual estávamos precisando muito....

— Eu sei, mas me é difícil.

— Converse com Paulo. Quem sabe ele terá uma solução. Se realmente a ama, irá vê-la.

Condições para isso, ele as tem.

r — Sim, eu sei. Entretanto, de que adianta ele ir verme, se a sua vida, os seus anseios e esperanças em relação à sua carreira, estão nesta cidade, neste país? Que faço eu, papai? Estou sentindo um desespero tão grande.

Não há motivos para isso. Você deixou-se dominar pelo amor, sabendo que est& não era o nosso lugar. Eu não posso deixa-la aqui.

Nenhuma palavra mais foi trocada, e Marie Anne passou o resto do dia chorando muito. A situação era difícil. Sabia que não poderia permanecer sem o pai nem deixá-lo ir só. Como ficar, sem que nenhum compromisso mais sério entre ambos tivesse sido assumido? Apenas passearam, conversaram, trocaram carinhos pois amavamse, e nada mais.

A noite, quando Paulo chegou, antes que ele conversasse com Marie Anne, o próprio Charles quis falarlhe. Disselhe que deveriam partir no início da próxima semana, faloulhe da tristeza da filha, pedindo a sua compreensão. Paulo ouviu-o, abaixou a cabeça e nada lhe respondeu. Apenas demonstrou, com esse gesto, o seu pesar, sabendo que esse momento chegaria, embora não quisesse admiti-lo. Quando Marie Anne chegou, Charles pediu licença, retirando-se. Os dois abraçaram-se e Marie Anne recomeçou a chorar, sem nada dizer.

Passados uns instantes, ela acalmou-se. Quando puderam conversar, a sua tristeza foi ainda maior. Paulo a amava, estava triste, mas também possuía as raízes de família, os seus anseios e não pensava deixá-los. Daria continuidade aos ideais políticos do pai, e, pelo amor ao próprio país, nunca o abandonaria. Ansiava por concretizar o sonho que abrigava no coração, há tanto tempo, aguardando somente a oportunidade que estava a caminho. Sentia muito, muito, mas nada podia fazer. Mesmo que quisesse, seu pai nunca consentiria com sua saída do país.

Marie Anne, que chegara a Portugal tão esperançosa de passar dias felizes na companhia dos amigos, fazendo com que o pai se distraísse e esquecesse a tristeza da perda da mãe, partiria acabrunhada e desesperançada. O seu coração já não era livre e, quando o coração não está livre, o sofrimento é grande. Nada mais lhe importava, desde a conversa com Paulo. Queria ir embora o quanto antes. Charles, que desejava partir no início da semana seguinte, apressou os preparativos para deixarem Lisboa mais rapidamente,

— Não quero prolongar por mais tempo o impossível.

— Amanhã mesmo começaremos a tomar as nossas providências e vamos embora!

ai concordou Charles.

Marie Anne não chorava mais, fizera-se forte. Percebera que nem sempre o amor, aparentemente tão intenso e capaz de transpor todas as barreiras, é tão forte assim! Se a barreira não podia ser transposta, se não tinha a força suficiente para derrubá-la, concluiu, a sua força não era tanta. Sofria e sofria muito, mas esforçava-se para não demonstrar.

A primeira desilusão chegava ao coração de Marie Anne, porém, com a energia que estava adquirindo, conseguia não chorar, e o desejo de partir logo era grande. Nenhuma palavra de Cláudio ou de Charles pôde demovê-la. Quanto a Paulo, não quis mais vê-lo. As despedidas se fizeram no momento em que percebeu a impossibilidade de continuar aquele romance. Não as despedidas formais, mas a que ela mesma sentiu acontecer naturalmente, dentro de si, embora nenhuma palavra tivesse sido trocada.

Ele ainda voltou para vê-la, porém ela não quis recebê-lo, De nada adiantaria! Por que prolongar o sofrimento por mais alguns dias, se depois nunca mais o veria? Quando os preparativos para a partida ficaram prontos, apenas um desejo faltava-lhe realizar antes de

sairiaUm não, dois!...

Voltou a visitar a velha senhora, mãe de Manuela, pois nunca mais a veria. Afagou-lhe os cabelos, deu-lhe um beijo de despedida e ouviu novamente as mesmas palavras de sempre. No íntimo, Marie Anne sentia-se penalizada... Não compreendia por que a sua presença trazia-lhe a filha de volta, mas, como era sabedora de que ela muito sofrera em suas mãos, pensava, concluindo: Se a jovem daquela época, a Mariana, muito sofreu, sua mãe, agora, sofre mais! O

remorso é um mal terrível que nos corroi por dentro e vai se avolumando, avolumando, e ela, naquela idade, chegaria à demência completa. Marie Anne tinha pena, contudo sabia, nada poderia fazer, a não ser dar-lhe um beijo muito temo de despedida, beijando-lhe também as mãos, enquanto lhe afagava os cabelos.

Retirando-se do quarto, foi até o local que a enterneceu naquela casa — o velho caramanchão, onde passara momentos alegres quando só, e outros felizes em companhia de Paulo. Recordou todas as vezes que lá estivera, desde a primeira, logo depois da sua chegada, até a última, em companhia dele, mas não chorou. Depois de olhá-lo em todos os seus detalhes, como querendo fixá-lo na memória com mais intensidade, para levá-lo consigo, retirou-se e foi dar uma volta pelo jardim, andando muito devagar e refletindo, até que o pai foi encontrá-la.

Minha filha, é hora de partirmos,

Nós vamos já, papai Quis vir aqui pela última vez, e também fiz uma visita ao caramanchão. .

— Eu a vi à distância e entendi o que estava fazendo, por isso a deixei só. Agora devemos ir. Procure esquecer os momentos tristes, guardando somente os felizes. Esforce-se para desfazer tristezas e não para acumulá-las mais. Adquira uma nova postura mental, para que as mágoas e as decepções sofridas fiquem somente aqui, e procure ter o seu coraçãozinho tão puro como ao chegar..

— Tem razão, papai, todavia é difícil.

Eu sei, por isso deve esforçar-se.

— Lembre-se do nome que me deu. Se tivesse podido esquecer mágoas, não o teria colocado em mim, lembre-se disso.

— É verdade! Foi muito bem lembrado, mas você também sabe o quanto eu fui feliz com sua mãe, e as mágoas daquela época não são as mesmas que tem no coração. Esqueça tudo e vamos.

Enlaçando a filha, colocou o braço em torno da sua cintura e levou-a para dentro, onde eram aguardados para as despedidas. Assim encerrou-se a página vivida em Lisboa, para Charles e Marie Anne, onde nunca mais retomariam. Eles insistiram com Cláudio e a esposa para que os visitassem também, a fim de manterem aquela amizade retomada depois de tantos anos, acrescentando que Manuela gostaria muito de Paris.

— Eu farei isso, Charles, na primeira oportunidade...

Abraçaram-se, e, após as despedidas, partiram para uma nova vida, em seu lar, mas o coração de Marie Anne já não era o mesmo.

17 CONFORTO ESPIRITUAL

Charles e Marie Anne, depois de uma viagem tranquila, encontravam-se em casa. Como haviam deixado pessoas de confiança, tudo se achava bem cuidado. A casa, os móveis foram arrumados com amor e carinho para recebê-los.

A alegria de Charles, ao retomar ao próprio lar, foi grande. O mesmo não podemos dizer de Marie Anne. Não que o retomo não a tivesse alegrado, pois que ela mesma o desejara. Contudo, não sentia mais a alegria juvenil do coração que nunca havia sido tocado pelo amor, nem a leveza de sentimentos. Seu coração estava pesado, não mais pelo amor que o havia tomado por

completo, mas pelo peso maior da desilusão. Paulo não movera um fio de cabelo, pelo menos, demonstrando-lhe que, talvez um dia, pudessem se unir, prometendo esforçar-se para isso. Fora categórico ao reafirmar os seus anseios em relação ao cargo almejado, e ao assegurar que o pai não concordaria com nenhuma atitude sua, em referencia a deixar o país, confirmando que ele mesmo não o desejava.

A primeira desilusão na vida dos jovens é muito importante. As esperanças são muitas, os anseios, as fantasias, mas a realidade chega e toma conta da fantasia, e, quando ela é o inverso de todos os sonhos, a decepção é inevitável. Um acumular de sensações desencontradas faziam parte do coração de Marie Anne, mas ela era forte e decidida e havia se proposto a esquecer.

Trabalharia os seus sentimentos e conseguiria os seus propósitos.

— Minha filha, vejo que não está feliz por termos retomado ao lar. Não era esse o seu desejo? Lembre-se, você mesma quis antecipar a nossa vinda.

— O que eu estou sentindo, papai, não é o desgosto por estar em casa! Você deve entender, trago o coração ferido. Estou feliz

aqui, mas é-me difícil demonstrá-lo! Minha dor é ainda maior que qualquer alegria que possa sentir. É uma alegria triste, se assim posso dizer...

— Agora, num ambiente diferente, na sua própria casa, no silêncio de seu quarto, encontrará a paz que deseja. Você é forte e não será difícil tirar do coração todos esses sentimentos tão desconhecidos, para que ele retome à pureza anterior. O seu amor verdadeiro, o que a fará feliz e será o seu companheiro, ainda não chegou. Ele virá um dia, trazendo-lhe toda a felicidade que pensou, teria em companhia de Paulo. Você verificará que esse amor não passou de um entusiasmo, e nunca foi o verdadeiro que chega e perdura em ambas as partes. De nada adianta um só amar. O amor deve ser imo, para que seja um só em dois corações diferentes. O amor de Paulo, embora ele o afirmasse, não foi tão forte, para que essa unicidade pudesse ser sentida.

Eu entendo, papai, e sei, sofrerei bastante, mas espero estar curada em pouco tempo. Não se preocupe comigo. Tenho você, que me é muito querido. Nós continuaremos unidos, e o futuro, deixaremos entregue a Deus. Ele me dará forças para continuar a caminhada. Quem sabe o que aconteceu, não foi o melhor para mim? Vou esforçar-me para voltar a ser a mesma Marie Anne que você conhecia, antes dessa viagem.

— Você conseguirá!

— Agora que já estamos em nossa casa, longe daquele ambiente, gostaria de falar com você sobre um outro assunto que tem me preocupado bastante, e sobre o qual tenho tido sonhos estranhos.

— Fale. De que se trata?

— É sobre a atitude da mãe de Manuela, cada vez que a visitava. Tomou-me sempre por sua filha Mariana* e intrigou-me bastante. Não sei se é pelos meus pensamentos, mas tenho sonhado muito com uma senhora bondosa que me faz companhia, em um belo jardim, com flores estranhas, cujo colorido nunca vi aqui na Terra. Essa senhora passeia comigo por entre esse jardim, e, às vezes,

nos sentamos em um banco e conversamos, porém, não consigo lembrar o que ela me fala. Esse sonho vem se repetindo, ela tratame com muito carinho, e só me lembro de que me chama de Mariana, como a velha senhora o fazia.

— Você ficou impressionada com a sua atitude, mas deve reconhecer que ela não se encontra no seu juízo perfeito. Não deve ficar pensando nela, para que, à noite, sonhos estranhos não povoem a sua mente. Esqueçase disso!

— Como esquecer? Não consigo lembrar o que conversamos, porém o local é muito bonito! Já aconteceu algumas vezes, e gostaria, não só de vê-lo novamente em sonhos, mas de poder saber o que aquela senhora tão meiga me diz.

— Não se preocupe! Ore a Deus, que Ele a auxiliará.

— Você sabe que nunca esqueço minhas orações, e espero que Ele novamente me permita visitar esse lugar e desfrutar de companhia tão agradável. O que quero pedir agora, em oração,

quando isso tomar a acontecer, é que eu possa me recordar de todas as suas palavras. Quem sabe ela esteja querendo me ajudar neste período difícil, e, se me recordasse, apoiar-me-ia nelas durante todas as horas do meu dia.

—

Confie em Deus e esforce-se que se esquecerá de tudo!

Os sonhos de Marie Anne continuaram e, em cada um, via algum ponto mais claro.

Conversava com aquela senhora que achava bondosa, sem saber que era Irmã Cidália, a que a amparara e a orientara, e agora, vendo-a atravessar um momento difícil, levava-a, em Espírito, para a mesma Colônia onde a atendera. Permaneciam no jardim, no qual Mariana se deleitara, para transmitir-lhe um pouco de alento. Não a chamava pela forma do nome que possuía de acordo com a língua do país onde nascera e morava, e sim como o possuía naquela ocasião, e disso ela se recordava.

Era a mesma pela qual a velha, mãe de Manuela, também a chamara, e, quando acordava, preocupava-se por não se lembrar de outros detalhes.

Não era conveniente que soubesse se tratar do mesmo Espírito, não compreenderia e poderia até desequilibrar-se. Enquanto conversavam, ela sabia. A conversa era mantida em níveis de passado e presente, porém, não lhe era permitido recordar depois, para o seu próprio bem. Para o Espírito não é importante que se recorde, basta que guarde em si a impressão do quanto a conversa mantida em situações semelhantes, lhe é benéfica. O bem-estar, a confiança se fazem, sem saber de onde são hauridos. Isto é o que importa.

Os sentimentos foram se asserenando, Marie Anne e Charles retomaram à tranquilidade da rotina de vida, e o tempo foi decorrendo... Alguns poucos anos passaram!... Marie Anne se esquecera completamente de Paulo, não da sua pessoa nem do fato, mas da tristeza e da decepção que lhe causara.

Vivia feliz junto do pai, dispensando-lhe todo o carinho e atenções que uma filha dedicada pode proporcionar. Era o alento angelical da sua vida, e ele se constituía, para ela, naquela companhia amorável, experiente e que lhe dava a segurança que uma filha deve ver no pai amado.

18 LAR VAZIO

A vida continuava, até que Marie Anne encontrou um outro amor, na pessoa de um rapaz que conhecera, se interessara por ela, e no qual via a esperança para o seu coração. Era um amor mais sólido e correspondido. Charles ficou satisfeito, não mais abrigava aqueles sentimentos. E

um passado de poucos anos atrás. Fora curado pelo muito que pedira e pelo muito que recebera.

Compreendia, a filha precisava de um companheiro. Sós eram felizes, mas a sua vida não estava completa. Ele, certamente, partiria muito antes dela, pela lógica da idade, e preocupava-se bastante. ...

Quando o jovem apareceu na vida de Marie Anne, ele ficou contente. Via nele alguém que podia dar segurança à filha, não só a material mas a segurança do amor e do companheirismo. Os laços de afeto se fortaleciam cada vez mais e, quando assim acontece, culmina em união perene, realizada através do casamento. Marie Anne unia-se, assim, ao jovem que lhe trouxera maior alegria de viver. Era culto e mantinham conversas no mesmo nível, o que comumente fortalece mais a união entre os casais. Charles sabia que as atenções dela, a partir de então, seriam repartidas entretanto compreendia, assim deveria ser. A filha estava amparada, o marido amava-a e os três passaram a conviver bem.

A felicidade da vida em família tornou-se mais completa, quando um anjinho querido lhes foi trazido. A alegria do lar se viu acrescida de um belo garoto que seria, a partir do seu nascimento, as atenções, a felicidade dos pais, mas, muito mais, do avô Charles, como mais tarde seria tratado por aquele que fora colocado entre eles. A alegria de Charles redobrou com a presença, em seu lar, do petit garçon — mon petit garçon, como o avô o chamava. Aquele que

havia sido, um dia, aguardado por ele, como filho, Deus mandara como o seu netinho querido.

Ele, que passou a ser alvo das atenções de todos, recebeu o nome de Michel. O pequeno era o contentamento, as ocupações do lar, da mãe, do pai quando estava em casa, e do avô que não tinha mais a preocupação com os afazeres profissionais, por ter chegado àquela idade em que os que trabalharam, devem descansar. Assim a sua dedicação ao pequeno Michel era quase total.

Os dias se sucediam e mais alguns poucos anos também. Michel via-se correndo pela casa, mais aos cuidados do avô, a quem ele também aprendera a amar. Charles inventava brincadeiras, contava-lhe histórias. Formavam uma união perfeita. No entanto, tudo o que é perfeito, no mundo dos encarnados, nem sempre deve continuar, porque Deus, em seus desígnios, nos prepara surpresas... O pequeno crescia e era a alegria do lar. Charles transportara para ele, muito mais intensamente, o próprio desejo de ter um filho. Marie Anne logo teria outro, aguardado com muito amor e carinho.

— Será a companhia do nosso querido Michel. — dizia ela. —
Aí, papai, você estará mais livre. Os dois, como crianças, se entenderão melhor e o deixarão em paz e mais sossegado. Ele só quer a sua companhia, você o àcostumou mal.

— Filha, ele é a minha alegria, é tudo o que eu tenho, agora, nesta minha velhice! Quando o outro chegar, Michel não se passará para ele, mas ele, sim, é que também se achegará a nós.

Assim o espero.

Entretanto, como o que a Providência prepara nem sempre é o que nós próprios gostamos, mas o que precisamos passar, o pequeno Michel, a alegria do lar, certo dia adoeceu. Todos os recursos foram colocados à sua disposição, todas as providências tomadas. O desespero dos familiares era grande, porque ele a nada reagia... O seu corpinho, tão irrequieto e feliz, jazia agora sobre o leito, indiferente a tudo, mesmo à presença do avô, que, embora com o coração triste e as lágrimas a lhe

escorrerem dos olhos, procurava falar-lhe de forma alegre. Contavalhe alguma história e até fazia brincadeiras, não obstante com a voz tremida pelo pranto. Mas cada vez pior, para o desespero de todos, o pequeno Michel deixou o convívio dos familiares, partindo para o Mundo Espiritual.

Restou somente a consternação, a tristeza profunda, a dor que tortura todas as entranhas, e aquele lar vazio de alegrias, como se ela se limitasse apenas à sua presença, e ele, indo-se, a levava consigo. Não sabiam mais como havia sido a alegria do lar, antes da sua chegada. Não se lembravam e, mesmo que lembrassem, tinha perdido todo o valor. A maior alegria, anterior a ele, transformara-se na mais grotesca afronta aos sentimentos de todos. A vida parou, embora Marie Anne já trouxesse, dentro de si, outro ser que logo nasceria. Chegaria num ambiente tão triste, mas, talvez fosse, naquele lar, o novo ânimo de que necessitavam para suavizar-lhes tamanha dor.

Para Charles, a vida encerrara-se. Não pensava no neto que chegaria, mas só no que partira.

Os seus dias, antes cheios pela presença dele, tomaram-se profunda e tenebrosamente vazios...

A introspecção tomava-lhe todo o ser. Pouco falava, pouco se alimentava e, ao invés de dar força e coragem para aquela mãe que acabara de perder o seu ente mais querido, era Marie Anne que precisava encorajá-lo.

— Papai, a tristeza e a dor tomam novamente conta do meu coração, e é-me bastante difícil dizer-lhe o que vou dizer, mas você não pode deixar se abater dessa forma! Procure distrair-se, saia, dê uma volta em algum jardim, caminhe e esqueça um pouco este ambiente de casa.

Tenho a certeza, retomará melhor, mais aliviado. Você está se prejudicando. Pense em mim que perdi o meu ente mais querido e não quero perdê-lo também! Se você continuar desse jeito, adoecerá, e depois, como será a minha vida, se também me abandonar? Pense em mim, que já sofri tanto! Apoie-se em Deus! Se Ele determinou que assim deveria ser, nós temos que nos

submeter e pedir-Lhe que nos dê forças para; acatar e aceitar essa sua resolução. Ajude-me, que eu sou também muito necessitada¹. Lembre-se de mim e não me desampare! u.

Ao término destas palavras, abraçaram-se, e as lágrimas unidas fizeram com que seus corações se aliviassem um pouco. Sentiam-se apoiados um no outro, sentiam-se seguros e, ao mesmo tempo, vazios, totalmente vazios, como um barco que tivesse perdido o rumo e seguisse à deriva. Depois de algum tempo, Marie Anne voltou a falar-lhe:

— Apoiemo-nos em Deus, papai, Ele não nos desampará! Michel foi muito importante para mim e não quero esquecê-lo, mas desejo lembrar-me dele como um ser muito querido que Deus enviou para nossa companhia, embora por tão curta permanência. Por isso, por esse tempo em que ele se constituiu na nossa alegria, na nossa própria vida, agradeçamos a Deus que no-lo emprestou para estar conosco e alegrar as nossas vidas. Lembre-se, outro logo virá!

Não para ocupar o lugar de Michel, porém, também será bem recebido e nos trará muitas alegrias. Não se entristeça mais! Vendo-o tão triste assim, como eu poderei me recuperar?

Ajude-se para ajudar-me! Você sempre procurou transmitir-me tanta esperança, em momentos difíceis, faça-se forte, agora, que Deus o auxiliará! Não pense mais nele como o faz, mas como um ser muito querido que passou em nossa vida, agradecendo a Deus a alegria e a felicidade que ele nos trouxe durante o período em que aqui permaneceu. Esforce-se, papai!

O abraço unido de pai e filha demonstrava, não só a união de um sofrimento tão grande, mas também o conforto que um podia passar ao outro. — A Charles* as palavras de Marie Anne — a Marie Anne, o conforto da segurança física que sentiu, pelo amparo do pai. Seria difícil, no entanto, o tempo e o esforço de cada um ajudaria para que as dores fossem amenizadas e menos sofridas. Quando a dor toma o nosso coração, pelas adversidades da vida, o apoio dos entes queridos, ao nosso redor, é muito importante. Muito mais importante, porém, é o apego que devemos ter às palavras de Deus. Ligados a Ele, em

pensamento, receberemos o conforto espiritual em forma de bênçãos de paz, de resignação, de conformação e, acima de tudo, de esperança e de alívio para o nosso sofrimento. Deus está sempre conosco e não nos desampara. Se a Providência houve por bem nos designar para passar as provas que nos são necessárias, Deus nos ampara e nos auxilia a suportá-las.

A perda de um filho, de um ente querido é uma dor muito grande para o Espírito! É a separação, é a perda do afeto, a perda do carinho, é a solidão que se faz em nossa alma, conquanto estejamos cercados de muitas pessoas. Mas o amparo de Jesus nos chega em forma de esperança, de paz e de conforto espiritual. Só o ser carnal ali não mais está! Se nada disso existisse, não suportaríamos. Mas Ele está conosco, basta queiramos senti-Lo, basta o busquemos, e nos façamos receptivos ao seu auxílio. A nossa disposição em captá-lo, faz com que ele nos chegue mais rapidamente. A esperança, aos poucos, vai retomando, o vazio continua, todavia vamos nos habituando e o sofrimento torna-se menor. As renúncias, na vida dos encarnados, são frequentes... Aprendamos pois, resignadamente a renunciar, para colaborarmos mais com Deus, naquilo em que Ele deseja nos ajudar.

A casa de Marie Anne encontrava-se agora vazia. Michel era aquela criaturinha que preenchia todos os espaços, não só os físicos, mas os espaços nos corações de todos, e eles precisavam aprender a conviver com essa nova situação. O tempo cura todos os males, mas ele não prescinde da nossa ajuda. Charles era o que mais se entregava ao sofrimento. Depois das palavras de Marie Anne, não por ele, que nada mais lhe interessava, mas pela filha a quem tanto amava e que trazia outro ser dentro de si, procurou reagir e fazer o que ela o aconselhou. Saiu, andou um pouco, passeou, mas viu que era pior. Nos jardins encontrava sempre crianças brincando, e o sofrimento era maior.

Procurou, então, reagir por si próprio; entregou-se à leitura, e, aos poucos, foi se recuperando, não que esquecesse, porém, sentiu que o sofrimento já não era tanto. Não percebeu, mas a ajuda do Plano Espiritual foi muito grande. Aqueles mesmos amigos que

havia auxiliado Mariana, fizeram-se presentes, amparando a todos. A força adquirida por Marie Anne vinha-lhe de Irmã Cidália, que muito se preocupou. Esse acontecimento era previsto, embora ela não tivesse tido conhecimento antes de encarnar. Contaram-lhe os bons

momentos que teria, o que esperavam dela, entretanto, as situações difíceis não lhe contaram.

Não precisam ser antecipadas, para que as preocupações não sejam trazidas com aqueles que retomam. Os momentos felizes, sim, o devem, a fim de que sempre a alegria e a esperança reine nos corações.

19 UNS CHEGAM, OUTROS

PARTEM

Irmã Cidália estava sempre com Marie Anne nas horas difíceis, trazendo-lhe forças, e ela as sentia, pois a cada manhã levantava mais esperançosa, confiante, é um pouquinho mais alegre, por tudo o que tinha haurido durante o seu sono. Acordava bem e não sabia por quê. Apenas uma noite, após o sono, ao levantar-se, contou ao pai ter novamente sonhado com aquele jardim, onde conversara com a mesma senhora que lhe dissera palavras de muita compreensão e conforto, pela qual sentia, estava sendo bastante ajudada. Não a conhecia, não se lembrava de tê-la visto antes, mas sabia, ela estava querendo ampará-la, protegê-la e confortá-la.

Aos poucos eles foram se refazendo, e novamente Marie Anne trouxe à luz aquele ser gerado num período tão difícil, mas que chegou num momento importante, em que só um entezinho querido podia trazer o conforto completo àqueles corações sofridos. Já não era mais un petit garçon, outrora tão aguardado, mas une jeune filie, que alegrou sobremaneira o coração de todos, novamente.

— Foi bom — disse Marie Anne — ter vindo uma menina! Nada nem nunca a colocaremos em comparação a Michel. Ela será a nossa pequena Juliete, e ele continuará a ser Michel.

Quando Charles ouviu o nome que Marie Anne colocou em sua filha, ficou muito satisfeito.

Filha, não sabe a alegria que me dá, colocando em nossa menina o nome de sua mãe. Ela será a nossa pequena Juliete, a que nos devolverá a alegria. Ela fará com que todas as nossas tristezas se vão de vez, e só lhe mostremos contentamento. Ela não pode conviver com tristezas!

A paz parecia estar restabelecida no lar de Charles, com a chegada daquela que seria, não a substituta de Michel, pois ocuparia, naquele lar, um novo lugar. Não preencheria o vazio deixado pela ausência dele, porque o seu lugar continuaria vazio,

porém, não obstante notado,; não seria mais tão sentido. Tudo passou a girar em torno de Julieta, o pequeno ser que era a alegria dos pais e do avô* e um período de rotina e de calma sentimental tomou conta de todos.

Desde que estiveram em Portugal, há alguns anos atrás, a correspondência entre Charles e Cláudio continuou, não com a frequência que os amigos desejavam, contudo, vez por outra, cartas eram trocadas e assim, com elas, as notícias. Na última enviada por Cláudio, ele lhes dera ciência de que a velha senhora, mãe de Manuela, após longa enfermidade, presumivelmente mais mental que física, havia partido. Contava que ela continuou a chamar por Mariana, manifestando saudade, queixando-se da sua ausência, irritando Manuela. Dizia ainda, nunca terem chegado a compreender aquela verdadeira situação, e a falta daquela que ela imaginara ser a sua Mariana, lhe havia sido muito sentida. A inconsciência a tomara cada vez mais, culminando com a sua partida. Manuela passara a ficar cada vez mais irritada — nada a alegrava! As ilusões da vida de futilidades também não tinham mais nada para lhes mostrar.

Nem mesmo o espelho que a agradava tanto, e era o único que sempre tivera muito a lhes dizer, já não lhes falava o que ela gostaria de ouvir. Mesmo admirando-se bastante, o tempo havia destruído muito daquela Manuela, conquanto sua mente ainda estivesse ligada à Manuela da juventude.

O tempo passara, a solidão chegou... Os filhos não foram recebidos e, sozinha, recolhia-se à

sua infelicidade e ambos conviviam, mas cada um no seu próprio insulamento. Charles frequentemente os convidava para visitá-los. Passeariam, distrair-se-iam, e Manuela, com certeza, gostaria de conhecer Paris, mas nunca dera certo nem Cláudio se animara. A vida do casal, pelo conhecimento através das poucas cartas, era aquela que nenhum dos dois gostaria de viver, mas sentiam-se presos um ao outro pelo compromisso moral que nunca Cláudio tivera coragem de desfazer, pelo menos para que as aparências fossem mantidas.

O amor é muito importante na união de um casal. O casamento não é um jogo para se unir fortunas, nem para mostrar aos outros que se conseguiu o que muitos queriam. Passados os primeiros momentos do regozijo da vitória, a realidade chega e a vida torna-se muito difícil. A infelicidade, a insatisfação instalam-se, trazendo todas as angústias que poderiam ter sido evitadas. Assim acontecia com ambos. Entre eles, o amor nunca existiu, apenas o sabor da vitória e o interesse momentâneo despertado pela beleza. Faltava a solidez necessária para manter um vínculo feliz, até o fim de suas vidas, ainda mais que não havia os filhos, bênçãos de Deus, para consolidá-la mais. Quando assim ocorre, o vazio vai se instalando e crescendo e, com o avançar da idade, o casal se encontra mergulhado no nada. O nada, sentimento terrível na vida de uma pessoa, pois traz ao coração a desesperança, a tristeza, as decepções, as amarguras, e mostra que a vida foi inútil, de nada valeu!...

Mas voltemos agora a nos ocupar da pequena Juliete, que crescia como qualquer criança sadia, cuidada com o maior carinho pelos pais e muito adorada pelo avô. Com o passar do tempo, a saúde de Charles estava também sendo abalada, trazendo preocupações a Marie Anne.

Pequenos problemas próprios da idade já o envolviam, e ela, sempre atenciosa, não se descuidava, fazendo-o ver a necessidade de sempre consultar médicos, como também de tomar corretamente os medicamentos prescritos.

Novamente Marie Anne trouxe à luz um outro ser, um irmãozinho que deveria ser a companhia para Juliete. Não quiseram dar-lhe o nome de Michel, para que lembranças não os confundissem, e escolheram, a gosto do pai, o nome de Julien, que combinaria com Juliete, —s justificava ele. O avô não cabia em si de contente, e ajudava no que lhe era permitido. Enquanto Marie Anne cuidava de Julien, a pequena Juliete estava em seus joelhos, brincando, ouvindo pequenas histórias e até dormindo, às vezes, quando o cansaço das brincadeiras a tomava.

Os criados ajudavam Marie Anne em tudo, mas os cuidados com os filhos eram só seus. —

Meus filhos são os meus mais queridos entes, e deles cuido eu! — Agradecia o que faziam para auxiliá-la, porém, o prazer de estar com eles, era só seu.

A vida continuava dentro da rotina normal àqueles que conseguem a estabilidade no lar. A estabilidade financeira a possuíam, mas conseguiram, também, a emocional, aquela que nos permite visualizar, em uma família, a felicidade. Não fosse o estado de saúde de Charles que, com o transcorrer do tempo, foi se agravando, — os achaques próprios que a idade, muitas vezes, não permite, sejam rebatidos — continuariam a viver o equilíbrio conquistado. Nem mesmo os medicamentos, quando o coração se torna fraco, correspondei*! ao que desejamos.

O seu estado piorava. Um dia em que a paz se achava entre eles, a pequena Juliete, em sua companhia, brincando e ouvindo suas histórias, sentiu-o interromper o que dizia, olhar muito fixamente para ela e tombar a cabeça para o lado. A pequena ficou olhando, e, querendo saber o final da história, chamou-o muitas vezes. Como ele não respondesse, foi correndo buscar a mãe, que o encontrou já sem vida. O desespero de Marie Anne foi grande. Providenciou um médico imediatamente, porém, nada mais foi possível fazer. Ele já havia partido. Seu Espírito se desligara com muita facilidade. Fora ajudado, e, sem que ninguém pudesse perceber, foi levado por amigos espirituais que sempre o ampararam, e o conduziram àquele mesmo local onde a sua Mariana havia estado.

20 SEMPRE IRMÃ CIDÁLIA

A inconsciência tomou o Espírito de Charles, do momento em que foi retirado do corpo tão abruptamente aos olhos dos encarnados, que não tiveram tempo, sequer, de proporcionar-lhe algum socorro, mas, para o lado espiritual, foi uma retirada serena, tranquila e aguardada?. O

que é inesperado e surpreendente aos encarnados, para o Mundo Espiritual é o cumprimento do que já vinha programado e preparado. Os seus amigos espirituais ali estavam e o esperavam, naquela hora de tanta sensibilidade amorosa, quando contava histórias, tendo em seus joelhos a netinha querida.

Serenamente como se desligou, foi levado e colocado em um leito para refazer-se. Deixá-lo-iam descansar o tempo suficiente, e tudo o que se promove, no Plano Espiritual, nessas ocasiões, em favor daqueles que lá aportam, estava sendo realizado, —

Passes magnéticos para que o sono fosse profundo e as sensações físicas afastadas, lhe estavam sendo ministrados, a fim de que, no seu recobrar de consciência pudesse encontrar-se bem, tranquilo e cômico do que havia construído para si.

Fora dócil e compreendera o amparo que vinha do Alto, e sempre vivera na Terra de forma a merecer toda a assistência que lhe era dispensada. Com o transcorrer dos dias, Charles despertou, estranhando o local onde se encontrava, mas tinha, a seu lado, muitos amigos espirituais, corações amigos e bondosos que lhe falavam com ternura e Compreensão, querendo pô-lo a par do sucedido. Ele logo compreendeu. Aqueles que partem com uma idade em que a velhice, na Terra, lhes dá maior entendimento, e nada levam no Espírito em marcas que os desabonem, entendem melhor essa situação. E Charles a estava entendendo. O seu último instante de lucidez, na Terra, era-lhe muito temo. Trazia consigo o momento em que a netinha lhe fazia companhia, a mais doce que ele podia desejar, e essa lembrança, tinha-a toda em seu Espírito.

Agora apenas ouvia! A nada respondia, nada perguntava... Ao seu redor, semblantes alegres, sorrindo-lhe e dando-lhe as boas vindas naquele ambiente de muita paz celestial. Em seu íntimo compreendia o que havia se passado, e uma, dentre todas aquelas vozes, destacou-se mais, aproximando-se, e disselhe:

A alegria em tê-la conosco é muito grande! O querido irmão fez-se merecedor do amparo que recebeu na hora da sua partida da Terra, e está sendo merecedor de toda esta ajuda que Jesus permitiu, lhe fosse dispensada. Já deve ter compreendido que se encontra no Mundo Espiritual...

Embora Charles nada respondesse, ouvia aquela doce voz, e, se prestarmos atenção, veremos quem lhe falava, demonstrando muito carinho. Era a nossa conhecida Irmã Cidália, que assim continuou:

— Você nos é muito querido, e espero, também esteja feliz! Nós o acolhemos com alegria, e tudo faremos para que se sinta bem e possa refazer-se por completo. Esperamos também que a alegria e o bem-estar que queremos lhe passar, sejam sentidos e fiquem em seu Espírito, para que a sua permanência entre nós seja bastante agradável. Agora poderá novamente repousar, e, a cada dia, conversaremos, ministrando-lhe passes para o seu refazimento total, e logo poderá deixar esse leito, o que nos alegrará muito.

Charles ouviu, mas nada disse; A sua emoção era grande e a sua consciência ainda não era plena, Por momentos, o local e as palavras afiguraram-se-lhe como se estivesse passando por um sonho muito agradável —v um sonho celestial, como ele próprio diria.

Enquanto Charles era merecedor de todo o amparo, no Mundo Espiritual, voltemos ao lar de onde ele saíra, e vamos encontrar aqueles que lá permaneceram* em total desalento. A tristeza maior era a de Marie Anne. Ela não se conformava com a ausência do pai, e, ainda mais, por não ter podido dirigir-lhe nenhuma palavra no instante final, nem ter ouvido dele nada que pudesse lhe trazer o consolo. Nada lhe pudera ser feito, e ela acusava-se por tê-lo

deixado só. Se estivesse em sua companhia, alguma providência poderia ter sido tomada e ele não teria partido.

O marido era bom e compreensivo, todavia, nem ele podia entender a falta que o pai lhe fazia. O amor que ambos nutriam um pelo outro era grande. Quanto maior o amor, maior a dor da ausência, e assim Marie Anne sofria muito. Continuava a cuidar dos filhos, que a isso não se furtava, mas o sem pensamento estava sempre ligado a ele. Igi Como estará neste momento?

Onde estará? Com certeza, amparado e no céu! — pensava. — Ele sempre foi bom, e honesto.

Deus não desampará o seu Espírito!

De acordo com o seu entendimento, esse era o amparo que os Espíritos retirados da Terra recebiam, quando eram merecedores, e ela sabia, seu pai o era. A vida de Marie Anne prosseguia, mas o seu coração estava sofrido. Muitos dos seus entes queridos tinham sido retirados do seu convívio. Quando ainda muito jovem, ficara sem a mãe mas tivera a companhia e a ternura do amor do pai. Anos mais tarde, fora-lhe arrancado dos braços o filhinho querido, e ainda contava com a companhia do pai, de quem muito se ocupou e a quem precisou se dedicar e encorajar, fazendo-se forte para ajudá-lo. Agora, porém, em que ele próprio se retirara do seu convívio, como lhe traria o amparo e a ajuda de que necessitava para suportar tantos revezes? O seu coração estava triste, consternado e vazio da sua presença, mas pleno de saudade, da falta que ele lhe fazia...

Orava muito a Deus, rogando-lhe que a ajudasse a superar aquele período tão difícil, mas tão somente seu. E Ele, que sempre nos ouve quando solicitamos em prece, fazia-se presente em forma de amparo espiritual que a auxiliava e a fortificava, a fim de continuar a sua tarefa —

a que aceitara e prometera cumprir, tomando possível o ressarcimento de muitos dos seus males do passado. O refazimento era duplo. Ela, no Plano Terra, ele, no Plano Espiritual.

Almas gêmeas do passado, almas felizes que novamente se juntaram, de forma fraterna, e que muito puderam se beneficiar, pelo modo como se conduziram dentro dos ensinamentos de Jesus, cumprindo o que se propuseram.

Após alguns dias Charles teve condições de sair do leito. Apoiado por aquela que era o esteio dos necessitados, foi levado para fora, para o ar puro, para o Sol, para o jardim, para as flores... Sentaram-se. Ele ainda não tinha condições de caminhar muito, não obstante a lucidez de seu Espírito e a companhia amorável de irmã Cidália lhe trouxessem a paz e a confiança que tanto desejava. Tranquilo, Charles pôde observar aquele jardim tão lindo, aquela senhora tão meiga a seu lado, e teve uma lembrança:

— Estou sentindo muita falta de meu lar, dos meus entes queridos, principalmente de minha filha, que sempre esteve comigo em todos os momentos. Tivemos uma vida feliz juntos, apoiando-nos um no outro, e sinto agora que ela deve estar tão ou mais triste que eu, sem a minha presença. Penso nos meus netinhos queridos, sobretudo na netinha que esteve comigo nos meus últimos momentos, e sinto muita saudade...

— Isto é natural, só revela a bondade de seu coração! O apego aos entes queridos é muito bom ao Espírito, mas não deve deixar que turve a sua alegria e impeça o curso do seu refazimento. Não se esqueça, ela está amparada pelo marido e tem junto de si os filhinhos adorados. Não se preocupe com ela. A falta dos entes queridas sempre é grande, porém, Deus nos dá forças para que o nosso coração se cure, não pelo esquecimento, que isso nunca se dá, mas pelo aquietamento do sentimentalismo exagerado* Ajuda-nos, asserenando as nossas emoções, para compreendermos que devemos continuar, e que a vida ainda espera muitos testemunhos de nós. Compreende, irmão?

— A sua palavra é sempre muito confortadora, contudo, eu queria justamente lhe falar sobre uma lembrança que tive, ao sentarmos aqui, e acabei por desviar o assunto.

— Pois então diga!

— Quando vi este jardim, com todas estas flores, tendo a sua companhia tão agradável, uma lembrança veio-me à mente — não minha, mas de minha filha. Contou-me ela, uma vez,

que em momentos de grande aflição, viase sentada em um jardim, em companhia de uma senhora muito boa, que lhe dizia palavras confortadoras. Ao redor, havia muitas flores lindas, diferentes das que possuímos na Terra. Como a senhora me explica isso?

— Não sei se é hora de lhe dizer, no entanto, como já está se sentindo bem e teve essas lembranças creio que posso explicar-lhe. A sua filha é um Espírito muito caro a nós todos, principalmente a mim, que dela cuidei quando aqui esteve, e daqui partiu para o seu lar. Sempre que há necessidade estou

com ela, levando-lhe o conforto da palavra amiga, assim como fazemos a todos que partem deste lugar para a tarefa terrena. Compreende a lembrança que ficou em seu Espírito?

— Estou tentando compreender...

— Mesmo sem se recordar da nossa conversa, as palavras que lhe transmitíamos proporcionavam-lhe, durante algum tempo, uma sensação benfazeja.

— Então, minha irmã, existe essa possibilidade do Espírito ser trazido aqui para receber o auxílio da palavra consoladora, durante o sono do corpo físico?

— Quando foi encarnado se faz merecedor, sempre estamos juntos e atentos para auxiliá-lo em todas as necessidades.

Tenho agora um pensamento que não ousou traduzir em palavras, pelo receio do abuso da sua bondade.

— Não é preciso dizer. Sei perfeitamente em que está pensando, todavia, ainda é um pouco cedo. Assim que as suas condições permitirem, satisfaremos esse seu desejo, e até mais.

Quando estiver mais refeito, não só a traremos aqui para visitá-lo, pois que isso também será um grande reconforto para ela, mas o levaremos em visita ao seu lar, aos netinhos queridos.

Charles derramou lágrimas de emoção, de agradecimento e de esperanças. Passaria a viver, a partir de então, da espera de abraçar o Espírito da filha tão querida.

— Farei o que me for determinado, para que esse momento se tome realidade o mais rápido possível!

— Tudo tem a sua hora certa, e, na hora certa, ela será trazida para abraçá-lo! Entremos, agora, pois já ficou muito tempo fora do leito. Entremos e agradeçamos a Deus as bênçãos que nos concedeu! A bênção do Sol que nos aquece o Espírito, as bênçãos das flores que trazem a alegria e conforto aos nossos olhos cansados, as bênçãos da palavra amiga que ele nos

permite transmitir a todos. Saibamos sempre agradecer, em todos os instantes de nossas vidas, mesmo os momentos tristes e aflitivos, porque eles também se constituem em bênçãos. São as oportunidades do burilamento do nosso Espírito. Agradeçamos, pois, sempre, que Ele está constantemente presente em nós, através de tudo o que nos rodeia, pela sua criação.

A recuperação de Charles prosseguia gradativamente, muito bem assistida e amparada. Ele sempre perguntava à Irmã Cidália quando chegaria a hora tão aguardada, para acalmar a saudade que sentia, e, em uma dessas ocasiões, ela explicou-lhe:

— Ser-lhe-á permitido, já lhe disse. Agora, porém, não seria benéfico. A presença de Marie Anne desarranjaria, pela emoção, toda a Organização espiritual, não só sua, mas a do Espírito dela também, e talvez tivéssemos que reiniciar todo o nosso trabalho. O que já foi conseguido se perderia, e o reinício se daria em condições muito piores.

Percebendo um desapontamento em seu semblante, aconselhou-o.

— Acalme-se, asserene o seu coração, que esse dia está próximo. Quando for adequado, terá a oportunidade de desfrutá-lo de forma agradável e plena, com controle total da sua organização. Mesmo que chore, as lágrimas serão de alegria, e podemos dizer, até benéficas.

Tenha paciência, nós o atenderemos, mas prepare-se antes, a fim de que o resultado desse encontro seja bom para o seu refazimento. Saiba esperar e não fique mais ansioso do que deve...

Charles ouviu Irmã Cidália, compreendendo-que ela estava com a razão. A saudade da filha era grande e o encontro, por demais forte em emoção. Ele deveria saber esperar. Era submisso:

ao tratamento e já deixava o leito, fazendo seus passeios pelo jardim, às vezes acompanhado, por Irmã Cidália, às vezes por outros irmãos abnegados. Sentavam-se nos bancos, conversavam, e o tempo ia passando.

Certa vez em que estava em companhia de irmã Cidália, Charles fez-lhe uma pergunta, resultado de uma reflexão. Habitara-se a pensar e a repensar em todas as suas conversas, e a pergunta lhe ocorrera a propósito da que mantiveram no primeiro dia em que havia deixado o leito e saído para o jardim:

— Irmã Cidália, lembra-se da primeira vez em que aqui viemos, e eu, ao contemplar este jardim, contei-lhe o sonho de minha filha?

— Lembro-me! O sonho da sua Marie Anne!

—

Como a senhora sabe o seu nome? Penso nunca tê-lo mencionado! *

—

Esquece-se de que tudo sabemos a respeito dos irmãos que daqui partem, e aos quais sempre dispensamos o nosso amparo?

—

É justamente sobre isso que quero falar-lhe. A senhora disse-me que ela era trazida a esta Colônia, por lhe ser muito cara pelo tempo em que aqui permanecera. Disse-me, ainda, que continuavam a dar-lhe auxílio nos momentos aflitivos.

—

É verdade!

— A senhora que a preparou, que conviveu com ela e a amparou, antes de ela ser levada para o meu lar, fale-me desse tempo! Fale-me, quem era ela e de onde havia vindo? Eu sinto, pelo amor que devotávamos um ao outro, pela sua dedicação, e por tudo. o que tenho observado agora, esse nosso encontro, como pai e filha, não se realizou por acaso. Algum motivo devia haver para que ela tivesse sido levada ao nosso lar, e sempre muito mais apegada a mim que à própria mãe, embora dela gostasse muito, também.

—Você tem razão! Ninguém é levado ao lar de ninguém, se motivos não há! Os seres, sobretudo os familiares, são colocados juntos para se auxiliarem* A reunião dos Espíritos encarnados, num mesmo lar, ocorre pela necessidade de ressarcimento de males do passado.

Muitos se propõem a reerguer algum ente querido que decaiu em erro, outros querem ajudá-lo a desenvolver melhor a inteligência, proporcionando-lhe os meios para isso; outros, então, desejam ser o refrigerio da companhia amável a entes que já lhe foram muito queridos ao coração. A união familiar é muito importante, exatamente por isso! Os propósitos são realizados aqui ou em outras Colônias onde se preparam para a encarnação* e desses propósitos bem cumpridos resulta o progresso¹ de cada um. Veja, irmão, o que muitas vezes se passa dentro da família: entes são amados, entes «são desprezados, outros são problemáticos; uns são inteligentes, outros não querem desenvolver a inteligência. Tudo muito bem arquitetado aqui! Entretanto, há ainda um ponto muito importante a ser mencionado. . j; Irmã Cidália, supondo estar se alongando demais, interrompeu o que dizia e inquiriu Charles:

— Eu o estou cansando com estas minhas explicações?

— De modo algum! Estou prestando muita atenção, e, embora não tenha ainda respondido diretamente O que perguntei, espero que chegue onde desejo*

—

Então continuarei— O ponto importante a que me referi, é o livre-arbítrio de cada um.

Os propósitos são realizados e nos empenhamos para que eles sejam cumpridos. No Mundo Espiritual, o entusiasmo* a vontade de progredir é muito grande, entretanto, a volta à Terra é difícil! As ilusões e atrativos oferecidos por ela, mostram caminhos que estão longe dos que foram programados, desviando-os de seus propósitos, E por isso que uma experiência terrena é muito importante. O livre-arbítrio acompanha o encarnado em todos os instantes, não obstante as tendências do Espírito o fazem

lembrar, constantemente, o caminho que traçou. Contudo, se ele se desviar, fascinado por outros interesses, não conseguindo identidade entre a vontade prometida aqui e a executada lá, tudo fica mais difícil. Os desvios são feitos, e o ressarcimento, mais demorado. Às vezes, perde-se uma encarnação pela falta de persistência em afastar-se do

mal, justamente daquele tão trabalhado aqui, para ser extirpado do Espírito, porque ele, lembrando-se de suas tendências passadas, esquecendo-se do que foi aprendido e prometido, e deixando que o livre-arbítrio seja utilizado em seu desfavor, vai em busca desse mal. Depois, aqui regressa em condições lamentáveis, e o nosso trabalho se toma redobrado e muito difícil.

Charles prestava atenção ao que Irmã Cidália lhe explicava, sem interrompê-la, e ela prosseguia:

— Compreende a importância da reencarnação e do que nos propomos realizar? Mais vale que não elaboremos planos grandiosos, mas que os executemos corretamente, que fazer propósitos muito elevados sem conseguirmos cumpri-los, lá.

—

Entendo, porém, essas explicações não respondem à minha pergunta inicial!

— Eu sei, mas, fi-las todas porque, no momento, me é permitido apenas dizer-lhe que ambos, ela e o senhor, cumpriram muito bem tudo o que propuseram.

Irmã Cidália prosseguiu esclarecendo muitos pontos que ainda eram desconhecidos para Charles, nos quais ele nunca havia pensado. Ele ficava atento e satisfeito, e ela, não pretendendo perder oportunidades, levava-lhe mais conhecimentos: Meu querido irmão, vejo que está compreendendo o que tenho lhe transmitido, e que se constitui lições importantes, aos que daqui partem.

— Quando encarnados, vamos vivendo, procurando fazer o melhor. Cremos num Deus supremo, lembramo-nos de Jesus que

tudo sofreu para salvar a humanidade, mostrando-nos os erros, deixando-nos os seus ensinamentos para serem tomados como diretrizes de vida, mas, na realidade, nunca pensamos em nada como a senhora explicou. Agora compreendo o quanto é importante a família na Terra... Efetiva-se a união dos que se amam ou a união de interesses, sem que ninguém pense nas suas responsabilidades, e sem se conscientizarem da importância de uma reforma íntima, esforçando-se para livrar-se das más tendências. Ao contrário, muitos nelas se comprazem, agravando ainda mais os seus débitos.

— Vejo, meu irmão, que compreendeu muito bem! Entende agora, o que quis dizer ao falar que tanto você quanto Marie Anne cumpriram o que prometeram?

— Então não fomos colocados como pai e filha por acaso! Uma programação' anterior havia sido feita, não é verdade?

— Sim, já conversamos sobre isso! Sua filha ainda lá continua, tem a própria família — os filhos, o marido U\$ reunidos para serem encarninhados, protegidos e amparados por ela, conforme propósitos realizados, justamente por ser a mais evoluída deles. No que diz respeito a vocês dois, se se lembrar do carinho com que ela sempre o tratou, e da dedicação com que cuidou dela, pode verificar que saíram vitoriosos.

— Nada mais irá me dizer? Não vê a minha ansiedade!

— Sim, vejo, mas já lhe disse, tudo tem o momento certo. Ainda não lhe é conveniente saber, não se esqueça. Entretanto posso adiantar-lhe, por agora, que logo lhe faremos uma outra surpresa que espero e sei, irá deixá-lo muito feliz.

— Nada mais direi nem perguntarei! Apesar da bondade, do carinho com que sou tratado, já percebi, nada foge à hora certa, nada é antecipado! Todavia, ainda trazemos da Terra os mesmos anseios, a pressa, mas, aos poucos, me acostumarei, aceitando o que me for proporcionado, como sendo a hora.

— O seu progresso, o seu entendimento, vão indo muito bem, além do esperado! Os momentos podem, sim, ser antecipados,

como não? Depende apenas dos nossos esforços para que eles próprios se antecipem pelo merecimento que conseguimos através da aceitação, da docilidade e da aplicação. Veja como tudo é importante para o nosso Espírito> tanto aqui, como na Terra também. Cada milímetro que progredimos em razão dos nossos esforços é muito louvado, e faz com que o amparo que recebemos, nos momentos difíceis, seja maior.

Nada fica, perdido, assim como as nossas ações más, a nosso desfavor ou a desfavor de outrem, também são registradas.

— Se pensarmos nisso, podemos avaliar melhor a grandeza do reino de Deus, e o cuidado que esse Pai de amor tem para cada um de seus filhos, a fim de que-todos, um dia, possam se reunir com Ele. O problema maior é a rebeldia que trazemos dentro de nós, adiando as horas felizes, quando depende de nós próprios desfrutá-las, ou mesmo até antecipá-las, pelo merecimento.

Hoje fomos muito além do esperado. O discorrer do assunto empolgou-me, mas foi bom. E

melhor aproveitarmos as ocasiões oportunas, porque o entendimento será maior, facilitado pela motivação. Se deixarmos para depois, o interesse pode ter deixado de existir.

— E quanto à minha surpresa, irmã?

— Saiba esperar e a terá leigo! Surpresa, irmão, é surpresa!... Se lhe dissermos, perderá o sabor. Pense apenas que ficará muito feliz. Entremos agora, outras atividades me aguardam.

Numa outra oportunidade quero falar-lhe a respeito de alguma tarefa que possa desempenhar.

Embora pequena no início, será benéfica a seu Espírito. Entremos?

— Muito obrigado por tudo, Irmã Cidália! Permitame beijar-lhe as mãos, em agradecimento pelo que vem fazendo por mim.

21 SURPRESA ESPIRITUAL

Recolhido ao leito, Charles refletia em tudo o que havia ouvido e nas conclusões a que chegara, quando da conversa com Irmã Cidália. Conseguira assimilar bem os Ensinamentos transmitidos por ela, pois sempre eram sábios, e procurava, agora, repensar, para melhor fixá-los em seu Espírito. Cadá véz mais restabelecido, faltava-lhe realizar alguma atókdade, nafo qual Irmã Cidália já havia pensado. No entanto, o que faria, para que serviria Ele? Havia muito parâ fázér naquela Colônia, e alguma tarefa, certamente,, ser-lhe-ia adequada, não que a escolhesse, mas gostaria de algum trabalho que pudesse realizar bem. No Seu entender, não deveria se preocupar, os amigos espirituais o conheciam ainda melhor que ele próprio, e o encarninhariam onde pudesse ser útil. Mais alguns dias passaram, e éle continuava aguardando a surpresa prometida por Irmã Cidália, para consolá-lo, até que pudesse reencontrar a filha.

Numa manhã de Sol e céu muito azul, como eram todas, Charles estava, após um passeio, sentado em um dos bancos do jardim, pensando, refletindo e lembrando do seu lar, do tempo em que Marie Anne era pequena é lhe fazia companhia. Lembrou-se da sua querida e, entregue a esses pensamentos, com o olhar distante onde as flores se perdiam de vista, tão extenso era o jardim, entre os muitos companheiros que passeavam, sós ou acompanhados, meditando ou conversando, viu, muito ao longe, aquele ser se aproximando e sorrindo, com os olhos fixos nele. Caminhava como se não sentisse o chão, tal era a sua alegria e leveza. Ele a viu, imaginando que fosse alguém da própria Colônia, quando algo lhe chamou a atenção.

Acompanhando essa querida figura que sé aproximava, olhando e sorrindo para ele, de mãos dadas, vinha um garoto, também sorridente e feliz. Fixou nele o olhar e mal podia acreditar no que seus olhos divisavam. Não era possível, não, não acreditava! Levantou-se para examinar melhor e cada vez mais eles se aproximavam... O garoto até saltitante vinha. Correu ao encontro deles, e não pôde sufocar na garganta o grito de alegria e de amor, o grito que a saudade havia reprimido por tantos anos:

— É a minha querida Juliete, o meu adorado Michel! Eu não acredito, meu Deus!

Ao encontrá-los, abraçou-os fortemente derramando muitas lágrimas.

—

Obrigado meu Deus, por esta dádiva! Eu não sou merecedor deste presente!

Obrigado! Fazei-me digno de merecer sempre as vossas bênçãos, como esta que me enviastes!

Assim dizendo e chorando, retomaram ao banco de onde ele os avistara e sentaram-se, felizes e emocionados. Depois de se asserenarem e da emoção primeira haver se acalmado, puderam conversar:

—

Minha querida Juliete, você não pode imaginar a alegria do meu coração, neste momento, não só por estar comigo, mas por ter trazido este ser tão amado, o nosso querido Michel.

—

Sabe, vovô, eu estava com muita saudade do senhor, lembrava muito da nossa casa, de mamãe, de papai, de todos! Mas, graças a Deus, encontrei esta avozinha que cuida de mim muito bem, com amor, e tenho sido feliz.

— Se você sentiu falta de nós, querido, imagine, como ficamos lá em casa, depois da sua partida. Parecia que a nossa própria vida havia partido com você; nada mais dentro de nós tinha valor. A alegria só retomou quando recebemos a sua irmãzinha que chegou logo em seguida, mas nunca o esquecemos! Nós o amávamos muito, meu querido!

— Fale-me, Charles, como está?

— Estou bem, Juliete, sou tratado com carinho e amor, e já me refiz quase por completo.

Apenas a saudade de Marie Anne é muito grande!... Irmã Cidália prometeu-me um encontro com. ela, aqui mesmo, quando eu estiver mais bem preparado, pois foi desta Colônia que ela partiu para o nosso lar. Ela é muito querida, e tem sido sempre bastante ajudada por todos daqui. Aguardarei esse momento com ansiedade, porém, nunca imaginei poder revê-la e muito menos Michel! Estou feliz e quero que me fale de você, agora. Como veio até aqui?

— Deus permitiu-me, querido, para que eu pudesse trazer-lhe um pouco de alegria e ajudá-lo a esperar a hora de rever Marie Anne. Na Vida Espiritual precisamos aceitar o que nos é determinado. Já aprendi muito, adquiri conhecimentos que não possuía e estou bem. Vim para proporcionar um refrigerio, um lenitivo ao seu Espírito, ainda mais que pude trazer, para abrandar a sua saudade, o nosso querido Michel.

— Ele está com você?

— Sim, quando partiu, levaram-no junto a mim, que estava sempre atenta ao nosso lar!

Julgaram-me a indicada para acolhê-lo, porque ele poderia lembrar-se da casa, da mãezinha, do avô querido de quem também sentiu muita falta. Deus nunca nos desampara! O que muitas vezes pensamos nos ter sido tirado, arrancado de nós, era necessário que se fizesse, e assim ocorreu com Michel. A sua vida, lá, deveria ser como foi! Apenas por poucos anos, para cumprir o que lhe faltava, junto de vocês, só não posso lhe dizer por quê. Quase tudo o que nos acontece, agora aprendi, está determinado, a não ser o que nós próprios desviamos pelo uso do livre-arbítrio.

—

Tenho aprendido bastante, também, Juliete, e estou me esforçando para aprender mais! Onde você está? Não está aqui, pois não?

—

Não, meu querido, não estamos aqui! Viemos para fazer-lhe esta visita, mas deveremos retornar em seguida, e Michel irá comigo. Converse com ele, contelhe alguma história que ele ficará feliz, tão ansioso estava por este encontro.

— E verdade, vovô, gostava tanto das suas histórias! O senhor não tem nenhuma para contar-me agora?

—

Sim, meu querido, todas as que puder me ouvir. E esta que vou lhe contar, você não conhece, nunca a ouviu.

Charles tomou-o em seus joelhos e contoulhe uma história muito linda, dessas que aprendeu no Mundo Espiritual. Agora eram compostas de outros elementos, de outras personagens. Os anjos eram incluídos, aqueles Espíritos benevolentes, abnegados e dedicados que sempre ajudam e cuidam bem de todos nós, principalmente das crianças. Quando terminou, Michel lhe disse:

—

Tinha razão, nunca havia ouvido uma estória como essa. Muito bonita!

Depois de algum tempo, Juliete disse que deveriam partir, era chegada a hora. Se outra oportunidade lhe fosse concedida, voltaria para estar com ele.

— Diga-me, onde vocês estão?

Estamos em outra Colônia, já lhe falei!

—

Por que não ficamos aqui, todos juntos?

— Um dia, não sei quando, se nos for permitido, ficaremos todos juntos! Ainda é muito cedo! Devemos cumprir o que nos está determinado e acatar a vontade superior, que tem sido muito

magnânima conosco. Devemos fazer por merecer outras visitas como esta, não abusando do que nos é concedido. Compreende, meu querido?

— Sim, e agradeço a Deus por esta graça de hoje. Estou feliz por vê-la bem, e mais feliz ainda por saber que o nosso querido Michel está em suas mãos, sob sua responsabilidade.

Quando me for permitido encontrar Marie Anne, eu lhe direi. Que Deus esteja sempre com vocês! Posso acompanhá-los até uma parte do caminho?

— Sim, apenas uma parte! Eu lhe direi quando deve voltar.

Os três, abraçados, seguiram por entre o jardim, caminhando até um ponto onde Charles, despedindo-se, precisou retomar, trazendo no coração o conforto, a alegria e o agradecimento a Deus, pelo que lhe havia concedido. Lembrou-se de Irmã Cidália e da surpresa que ela lhe havia prometido. Como dissera, surpresa era surpresa, e, por isso, nem ela mesma aparecera entre eles. Deixara-os totalmente sós, mas sabemos que, a uma distância não muito grande, a tudo observara, e, quando Charles voltava, foi ao seu encontro, indagando-lhe:

—

Feliz, meu irmão? Gostou da surpresa?

— A verdade, Irmã Cidália, é que sempre me comovo com sua bondade! Que Deus a abençoe por tudo o que vem fazendo em meu benefício! Que as luzes de Deus envolvam cada vez mais o seu Espírito, para que a sua claridade possa refletir-se em cada um dos que aqui se encontram, e são tratados com tanto amor pela senhora.

Charles sentia-se abençoado por Deus, por lhe ter permitido estar com os entes queridos que o antecederam na caminhada para a Vida Espiritual. Estava feliz. Faltava-lhe, agora, apenas rever Marie Anne e saberia aguardar. A dádiva que recebera de Deus fora por demais grande ao seu Espírito, e o fizera compreender, que o que nos é benéfico é permitido, não é necessário ser

solicitado. Ele nos conhece, e, muitas vezes, nos permite além do nosso merecimento. Com essa compreensão, saberia aguardar a visita de Marie Anne, e reprimir os seus anseios de mais saber sobre ela. Nunca solicitara a visita de Juliete nem de Michel, por imaginar muito mais difícil que a de Marie Anne, no entanto fora essa que obtivera.

Tudo para ele servia de ensinamento e o aprendizado ia se fazendo. A sua vida, agora alimentada com essa ternura que o seu coração consternado recebera, estava mais confiante, completamente recuperado e feliz. Aguardaria apenas o momento de realizar alguma tarefa para tentar ser útil.

22 TAREFA DE AMOR

Sabemos que a Colônia Espiritual onde Charles estagiava se compunha de muitos departamentos, com atividades, as mais variadas. Ele era submisso e a qualquer uma estava pronto, desde que pudesse realizá-la bem. Não obstante ali estivesse há algum tempo, conhecia apenas o departamento que o abrigava e o amplo jardim. Visitava também a biblioteca, aquela que já conhecemos efora tão bem cuidada por Mariana, e de onde, algumas vezes, retirava livros para o seu entretenimento e para que o aprendizado se realizasse com maior rapidez.

Participava de algumas palestras e ouvira a palavra do Mentor, através de aparelhos próprios colocados no local das preleções, mas nunca o vira. Por isso, naquela manhã em que recebeu de um irmão ajudante, uma mensagem dizendo que o Supremo Mentor esperava-o para uma entrevista. Charles preocupou-se, querendo saber como deveria comparece?* à sua presença, e porque ele o havia chamado,

Procurou Irmã Cidália, mas não a encontrou em lugar algum. À noite, na hora aprazada, Charles apresentou-se a ele. Entrou receoso, todavia, ao deparar-se com aquela figura tão dócil,

meiga e fraterna, num ambiente de tanta paz, logo sesacalmou.

Querido irmão, seja bem-vindo! Não tenha receio! Apenas quero falar-lhe, sem que isso possa trazer-lhe inquietação. É hábito conversarmos com todos os que estão conosco. É

benéfico ao tratamento, e o nosso encontro de hoje tem uma finalidade que o alegrará.

— Sim, irmão, estou mais calmo! A sua presença tão amorável desvanece os nossos receios.

— Não deve preocupar-se com nada! Neste local, nós nos amamos da forma mais fraterna que Jesus nos ensinou, e, com esse amor no coração, é que vou lhe falar. Você já está aqui há

algum tempo, e tenho acompanhado o seu refazimento que está se efetuando de forma muito salutar, pelos esforços que tem realizado. Por isso encontra-se, agora, pronto para também desenvolver algum trabalho em favor dos mais necessitados, e sabe, são muitos. Ninguém, aqui, tem vida ociosa, a não ser quando ainda em tratamento. Depois, até que outras determinações lhe sejam outorgadas, deve participar conosco das nossas atividades, pois é assim que todo o trabalho desta Colônia é efetuado. Temo-lo observado, sabemos a profissão que desempenhou, enquanto encarnado, mas agora deverá desenvolver alguma outra, condizente com a sua situação espiritual e com a nossa necessidade. Há alguma coisa, em especial, que gostaria de realizar?

— Querido irmão, pouco conheço das atividades desenvolvidas aqui, por isso nada poderei escolher por mim próprio. Contudo, a que me for determinada, farei o possível para desempenhar bem, empregando todos os meus esforços para ajudar, seja no setor que for.

Procurarei adaptar-me e espero aprender. Entrego-me totalmente ao senhor, que poderá determinar o que entender, posso realizar.

— É muito bom ouvir essas palavras, pois assim, temos a certeza de que a sua nova tarefa será bem desempenhada e lhe será benéfica,

— Esforçar-me-ei para isso! Pode dizer o que farei!

— Depois desta conversa, devemos completar o que vínhamos planejando para você, e, assim que chegarmos à conclusão adequada, dar-lhe-emos conhecimento através de novo chamado, ou mesmo da Irmã Cidália, com quem tem mais contato. Por agora, pode ir! Vá com as bênçãos de Deus, mas antes quero que saiba: Nesta Colônia, todos exercem atividades e nenhuma é melhor que a outra. Todas são úteis, necessárias e benéficas ao Espírito, na medida em que as realizamos com dedicação e amor. Ninguém, também, é melhor que os outros! Há cargos de chefia, há responsáveis, há subalternos, apenas porque uma organização assim deve ser, a fim de que o trabalho se desenvolva bem, em favor dos próprios necessitados, que é

para eles que trabalhamos. Tudo fazemos para reerguer almas decaídas, asserenar corações aflitos, e para preparar aqueles que para a Terra devem voltar. É um trabalho importante aos que nos chegam, trazidos pela misericórdia de Deus. Todos são tratados com o amor que Jesus nos ensinou a colocar nos corações, e nos esforçamos para que esse amor seja transmitido a todos.

— Eu próprio posso comprovar suas palavras, pelas demonstrações de amor e dedicação que tenho recebido, e tudo farei para poder transmitir aos outros, através do meu trabalho, um pouco desse amor que aqui sentimos, está em todas as direções. Obrigado, irmão, por esta conversa, obrigado por receber-me. Estarei a seu inteiro dispor, e procurarei ser o servo mais submisso e o mais ativo possível, em favor daqueles que de mim necessitarem:

— Que Deus o abençoe, irmão! Pode ir agora.

Charles deixou a companhia do Mentor, sentindo que recebera as bênçãos de Deus, por ter estado diante de uma figura tão exponencial naquela Colônia, porém fraterna e meiga, que irradiava amor, sobretudo na preocupação quanto aos necessitados. Aceitaria o mais ínfimo trabalho e procuraria desenvolvê-lo com amor, dedicação e paciência — isto prometia a si mesmo! Assim pensando, chegou ao seu leito para o descanso.

Nada lhe foi falado sobre esse assunto, durante alguns dias, até que Irmã Cidália o procurou, dizendo que a sua atividade já fora determinada. Não sabia se ele gostaria, mas,

devido ao seu coração fraterno, à sua disposição em bem servir, estagiaria um tempo, não muito prolongado, numa das enfermarias, aquela cujos pacientes ainda sofriam bastante, trazendo da encarnação terrena muitos dos males físicos por que passaram. Eram os que precisavam de um tratamento intenso e mais demorado, para se desfazerem totalmente dos sintomas que traziam, muitas vezes, acumulados pelas dores morais que deixam marcas profundas.

— O sofrimento desses irmãos é grande! É a parte mais difícil que temos aqui! Quando lá se encontrar, talvez pense que tenha sido castigado através daquele trabalho... Entretanto, são as bênçãos de Deus que o escolheram, pelo seu Espírito fraterno, pelo seu desejo de auxiliar.

Não queremos que se sinta diminuído com esta tarefa, pois sabe que todas são santificantes e, quanto mais necessários somos, maior é o reconhecimento de Deus! Dedique-se, irmão, que não estará fazendo por eles, mas para si mesmo.

—

Disse que aceitaria o que me fosse determinado. Talvez, no início, eu não saiba desempenhá-la bem, contudo, me esforçarei e procurarei dar de mim o melhor, não só no atendimento que diríamos na Terra, físico, mas procurarei levar a cada um, tuna palavra de conforto.

—

Sabíamos que seria assim, por isso foi escolhido. A tarefa é difícil, mas a recompensa será grande.

—

Quando poderei começar?

—

Amanhã de manhã. Eu mesma virei buscá-lo e o orientarei quanto à sua realização!

Falaremos, depois, também, sobre mais alguma coisa que o aguarda lá.

— Durante este período, até a hora de começar, ficarei em prece. Pedirei a Deus que me dê forças para eu não recuar diante desse trabalho, e para ajudar-me a desempenhá-lo bem, inspirando-me a palavra adequada a fim de levar um conforto maior àqueles que lá estão.

— Muito bem! Amanhã nos veremos outra vez.

Charles sabia que Ihe seria difícil. Nunca lidara com enfermos, a não ser a própria Juliete, mas o amor os unia e a dedicação era fácil. Entretanto, pediria a Deus que abençoasse todos os que lá se encontravam, ajudando-o a vê-los com os olhos do amor fraterno e universal que Ihe caracterizava as ações, mesmo enquanto encarnado, s

A hora chegou, e Irmã Cidália foi ao seu encontro para levá-lo onde seria, a partir de então, o seu local de trabalho. Durante o percurso ela aproveitou para transmitir-Ihe mais algumas orientações, dizendo:

— Devo avisá-lo de que, pela intensidade da dor que há naquele ambiente, não permanecerá por muitas horas em atividade — apenas um período curto, durante cada dia.

Possuímos muitos irmãos que auxiliam naquele setor, pois a necessidade é grande e o revezamento; frequente. Quando sair, é bom que passeie pelo jardim, espaiреça entre as flores e o arvoredo, tome um pouco de Sol, respire o ar puro e se refaça, para que, no dia seguinte, lá esteja novamente com todas as suas energias espirituais reequilibradas.

— Pelo que me diz, está me assustando um pouco.

— Não quero assustá-lo, apenas preveni-lo! Desejamos que o seu trabalho seja eficiente, sem que desgaste as suas próprias energias. Chegamos, irmão!

Mesmo antes de entrar, Charles pôde ouvir muitos gemidos de dor, de tristeza... O ambiente era sombrio entre os muitos leitos, todos ocupados por irmãos em tratamento. Se fôssemos contar, teríamos cerca de cinquenta. Enfermeiros abnegados cuidavam de todos. Alguns ministravam-Ihes medicamentos, outros diziam-Ihes palavras de conforto, outros faziam a limpeza »prescindível, e o trabalho era intenso.

—

Este turno está se iniciando agora, e, nesta hora, deverá estar aqui, todos os dias, para que nada deixe de caminhar como deve.
— Avisou-lhe Irmã Cidália.

—

Entendo, irmã, e realmente o ambiente é doloroso, mas Deus me dará forças.

—

Nos primeiros dias, poderá apenas visitar os leitos, conversar com cada irmão

enfermo e levar-lhe uma palavra de consolo. Conquanto possa parecer que não estejam lhe ouvindo, não importa, fale da mesma forma! Tudo o que lhes disser em conforto, será importante e, sendo registrado, lhes será benéfico.

—

Há quanto tempo aqui estão e quanto ainda devem permanecer estes irmãos?

Hpipi Isto não podemos precisar. Depende do auxílio dado, mas depende muito de cada um, de como assimilam o que lhes é passado e de como os nossos medicamentos atuam sobre eles. Há uma equipe, também, que lhes transmite passes. Esses não permanecem, só vêm no momento do passe e retiram-se para outras atividades. Quanto ao tempo em que aqui estão, alguns chegaram há poucos dias, outros, há muito. Os que vão melhorando passam para outro departamento, onde o sofrimento é menor, e muitos chegam até onde o próprio irmão se encontra. O refazimento é feito mais tranquilamente, porém, depende das condições do Espírito, quando parte da Terra. Compreendeu o quanto o seu trabalho vai ser benéfico?

—

Eu compreendo e agradeço a Deus ter-me enviado aqui, onde posso ser útil, embora reconheça, a tarefa será difícil.

—

Mas muito salutar. Depois de algum tempo, arranjar-lhe-emos uma outra atividade, em outro local. Terá condições de ir conhecendo toda a Colônia, com seus vários departamentos, e, em cada um, se Deus o permitir, e até quando Ele permitir, irá dando a sua colaboração. Antes que o deixe e me retire, para que inicie a sua tarefa, quero levá-lo a um leito e mostrar-lhe uma nossa paciente que aqui está há algum tempo...

O leito ficava mais afastado e, quando Charles chegou, assustou-se! Tão chocado ficou, que nada disse.

—

Conhece esta senhora, irmão?

Sim, conheço e estou surpreso! Sabia que já havia partido da Terra há tempos, e surpreende-me encontrá-la ainda nesta situação.

— Os que são muito devedores têm a recuperação mais demorada, e o caso desta senhora é esse! Ela deixou a Terra em condições muito lamentáveis. Após a sua partida, não veio diretamente para cá, perambulou muito, inconscientemente, até que uma equipe socorrista a trouxe. Não chegou há muito, mas sabemos que deixou o corpo há alguns anos.

—

Por que me trouxe até ela? Como sabia que eu a conhecia?

—

Esqueceu-se de onde estamos, irmão?

—

Sinto que temos muito para conversar... Tenho muitas indagações a fazer e gostaria que a senhora me esclarecesse... E para o meu aprendizado.«

— Sei que há muitas coisas que quer saber, principalmente sobre Marie Anne, mas tudo tem a sua hora, e, na hora certa, lhe será permitido saber. Agora devo retirar-me. Fique na paz de Deus, que Ele o amparará na realização da sua tarefa. Qualquer dúvida, qualquer informação em relação ao trabalho, pergunte ao chefe do setor a quem lhe apresentarei agora, e não tenha receios nem cuidados. Em pouco irá acostumar-se, e o seu trabalho será realizado muito bem.

A tarefa afigurava-se a Charles como muito pesada. Nunca havia entrado num local onde o sofrimento fosse tão intenso. Não havia somente a tormenta das dores morais, mas a tormenta das dores físicas, como resquício de sofrimentos terrenos. O desespero era muito grande. As palavras de auxílio eram-lhes quase imperceptíveis. Tão mergulhados em suas dores, nada ouviam, mas ele continuava... Falava-lhes com ternura, aplicava-se com dedicação, e, aos poucos, ia verificando que aqueles que, a princípio, nem sequer notavam a sua presença ao lado do seu leito, já se voltavam ao perceberem que era ele quem se apresentava. Muitos até demonstravam ansiedade para ouvir alguma palavra de conforto aos seus Espíritos, outros, tomavam-lhe as mãos e as beijavam.

Em poucos dias, algum resultado benéfico já se notava. Não que esse trabalho fosse realizado só por ele, não. Havia outros companheiros que o realizavam também, mas percebia-se que Charles estava ficando muito conhecido, e era aguardado pelo calor das suas palavras. O amor que tinha no coração era o móbil principal do que estava conseguindo. Dentre

todos os que se encontravam naquela enfermaria, já sabemos, uma enferma, trazendo consigo tanto tormento, tanta dor, surpreendeu-o pela sua presença. A ela Charles dispensava um carinho muito especial. Entendia o seu sofrimento e sabia a causa da maior parte deles.

Conhecera-a em vida, na Terra, e nunca imaginou, um dia, mesmo no Plano Espiritual, ver-se defrontado com ela — a orgulhosa senhora Sousa! — Conhecera-a altiva e arguta, manobrando situações para conseguir o que desejava, haja vista

o casamento de seu amigo Cláudio com a sua filha. Conhecera-a quando desprezava profundamente a filha tão necessitada de carinho, apenas porque não possuía uma aparência condizente com a beleza dos grandes salões, onde as festas eram realizadas para que as jovens pudessem conseguir maridos.

Conhecera-a pelo pouco tempo de convivência, mas sabia do seu íntimo, pelo muito que observara. Revira-a muitos anos depois, enferma do corpo e da mente, com a ideia fixa em sua filha, aquela que sempre desprezara, certamente corroída pelo remorso. Sabia que a sua necessidade era grande e poderia trabalhar em seu favor, de forma diferente. Falaria não só de Jesus, da força que ele nos transmite, do amparo que tem reservado a cada um de nós, mas falaria, também, dos que lhe foram queridos. Apelaria para essas recordações, ajudando-a a aclarar a sua consciência e a readquirir o equilíbrio de si própria.

A primeira vez que se achegou ao seu leito, faloulhe docemente da esperança de um amanhã melhor, aquele que vislumbram os que têm Jesus no coração, e, enquanto assim falava, pensou: Teria esta senhora, alguma vez em sua vida, na Terra, pensado em Jesus, pensado em Deus? Nunca saberia... Após muitos dias de persistência e dedicação, Charles percebeu que ela lhe dava um pouco mais de atenção.

— Lembra-se, querida irmã, da sua filha Manuela, lembra-se de Cláudio?

Ao ouvir estes nomes, ela virou um pouco a cabeça, mas nada disse, e ele continuou:

— Lembra-se de que a senhora possuía também uma outra filha, a pequena e doce Mariana? Lembra-se dela?

Quando ouviu o nome Mariana, abriu os olhos e fixou-os nele, sem, contudo, dizer uma única palavra. Ainda não tinha condições. Após fechá-los novamente, começou a gemer, um lamento de muita tristeza e de dor intensa. Eram sempre assim as visitas que lhe fazia.

Tratava-a com muito carinho, desejando, profundamente, ajudá-la, e, para isso, orava muito a Deus. Pedia-Lhe que Lhe inspirasse a palavra adequada, a fim de que a sua consciência retomasse, e a satisfação e a alegria pudessem fazer parte do seu coração. O trabalho era árduo, porém, verificou que a cada dia, não obstante muito pouco, estava conseguindo algum progresso.

— Certa vez em que se encontrava junto ao seu leito, após uma oração pronunciada com o mais profundo do seu fervor, percebeu que ela abriu os olhos e perguntou-lhe:

— Quem é você que vem sempre aqui, trazendo-me palavras de tanta compreensão, e, às vezes, fala nomes que me foram caros?

— Não importa quem eu seja. Apenas quero ajudá-la a reequilibrar-se para diminuir o seu sofrimento. Todavia, gostaria que a senhora também se ajudasse, esforçando-se para melhorar cada vez mais e, quem sabe, deixar logo o leito e passar para um outro local mais tranquilo.

Que tal a senhora orar comigo, pedindo a ajuda de Deus.

—Eu não sei orar!

Eu Lhe ensinarei. Basta elevar o seu pensamento a Deus e pedir-Lhe a sua ajuda! Se repetir comigo o que eu disser, com o pensamento sempre Nele, o auxílio Lhe chegará mais rapidamente.

Cada palavra de Charles era repetida por ela, até que a oração terminou, deixando-a envolta pelo pranto. Eram as bênçãos de Deus que Lhe caíram em forma de lágrimas, para aliviar o seu Espírito do peso de tantos males praticados. Charles agradeceu a Deus por aquele momento, e ficou junto dela, enxugando-Lhe as lágrimas.

— Muito obrigada por esse amparo, por essa oração que me fez repetir. Obrigada por tudo

o que vem fazendo por mim, pelo seu interesse, muito obrigada...

— Eu tenho um carinho muito especial pela senhora. Logo irá me reconhecer, e, quando isso se der, conversaremos bastante. Temos muito a recordar, porque já nos conhecemos em tempos passados. Que Deus a abençoe sempre! Amanhã retomarei, novamente oraremos juntos, e, a cada dia, irá melhorando mais.

Retirando-se, foi a outro leito e a outro, sucessivamente, até que seu horário se completou.

Esse trabalho era realizado diariamente e, quando o terminava, agradecia a Deus a oportunidade que lhe dera. A medida que ia notando o progresso de cada um, conquanto pequeno, mais animado ficava, e mais se empenhava. Saía com o coração consternado, mas contente do que pudera realizar. Seguindo os conselhos de Irmã Cidália, caminhava pelo jardim, observava a beleza das flores, o seu colorido, em contraste com aquele local tão nebuloso, sombrio e de tanta dor. Tinha necessidade daquelas cores que, sob o brilho do Sol, num céu muito azul, tomavam-se mais vivas. Caminhava e pensava muito... Colocava a sua vida em comparação ao sofrimento que diariamente presenciava, e refletia sobre a necessidade de vivermos, na Terra, voltados para Deus, para os ensinamentos de Jesus, a fim de que um dia, de retomo ao Mundo Espiritual, não o fizéssemos em situação de penúria.

Os dias passavam, o seu trabalho continuava, e ele não tinha mais o pensamento tão fixo em Marie Anne. Não que a esquecera, pelo contrário, do contato com aquela senhora, lembrava-se mais da filha. Recordava-se do incidente ocorrido na mansão dos Sousas, quando Marie Anne fora confundida com a pequena Mariana, por aquela mesma senhora que ali se encontrava.

Sentia muitas saudades, no entanto estava sabendo aguardar p momento que, tinha a certeza, um dia chegaria, e seria trazida para visitá-lo. Compreendia que não aeveria insistir. Pensava muito nela, na sua pequena Juliete e no seu netinho com quem tão pouco pudera estar. Mal sabia ele que, devido à grande aplicação ao seu trabalho, do qual os auxiliares maiores tomavam

conhecimento, pois que tudo era anotado, fazia-se merecedor daquele encontro.

Nada, porém, lhe foi falado, para que a ansiedade não estragasse o que estava sendo preparado para breve.

23 GRATIDAO

As providências para que o encontro entre Charles e Marie Anne se efetivasse estavam sendo tomadas. A alegria de ambos seria grande. Charles no Mundo Espiritual teria a lembrança do encontro. Marie Anne, porém, quando retomasse ao corpo, através do despertar/ estaria feliz, guardando uma vaga impressão de ter estado com o pai. Contudo, por mais desejasse, não conseguiria lembrar o que conversaram.

E assim que se passa, muitas vezes, em situações semelhantes. O que interessa ao Espírito é apenas o bem estar da recordação que ele traz, e que o alimenta durante algum tempo, e não a lembrança plena de tudo o que houve. A visualização do Mundo Espiritual não é permitida a todos os encarnados..

Charles não via a hora que esse encontro pudesse acontecer. Continuava as suas atividades, ajudando naquilo que lhe era permitido, esforçando-se bastante. Já havia presenciado a retirada da enfermaria de muitos dos irmãos necessitados, os mais calmos espiritualmente, e outros cujos sintomas das dores físicas trazidas fortemente em seus Espíritos, puderam ser também amenizadas. O adequado era que passassem a outra enfermaria, onde o ambiente era de uma paz maior, para que o tratamento pudesse continuar em outras bases, pois o pior havia passado.

Charles ficava feliz quando isso acontecia. Sentia-se também um pouco responsável pelo bem-estar que pudera levar, através da palavra que lhes transmitia confiança e esperança. Do mesmo modo que aqueles irmãos eram necessitados, Charles também o era, e, à medida que trabalhava, fazia-o para si próprio. Tudo o que passamos de bom, em forma de amor fraterno,

àqueles que necessitam, nós também recebemos, em retomo, o amor que vem de Deus em nossa direção, para o nosso progresso. Assim ocorria com Charles, que trabalhava e progredia.

O seu modo de pensar já era outro, frente a tanto sofrimento ao seu redor. Sentiase feliz por não estar naquela triste condição, mas podendo ajudar um pouco.

Com o passar do tempo, chegou também o dia daquela senhora, a mãe de Manuela, ser transferida para outro local. Encontrava-se mais calma, mais reequilibrada, mais receptiva.

Aprendera com Charles a orar, e mais das conversas que mantiveram, após tantos dias de insistência, ela pôde reconhecê-lo. Lembrou-se dele, mas somente da primeira vez em que estivera em sua casa, quando ainda jovem.

Conversaram sobre todos os familiares e também sobre Mariana, mas ela ainda insistia em dizer que a filha estava modificada e muito bonita. Vira-a, uma vez, depois de muitos anos da sua partida, quando ela voltara para visitá-la. Charles lembrou-se da visita, do que ela lhe dissera naquela época e fora considerada demente. E agora, seria a lembrança da demência? Se ela já estava bem mais equilibrada, como explicar? Nada disse a respeito da confusão que ela havia feito com sua filha, pois não queria decepcioná-la quando o tratamento caminhava tão bem. Foi levada a outra enfermaria onde Charles não tinha acesso, pois o tratamento continuaria de forma diferente, Ele gostaria de poder visitá-la, continuar a conversar sobre os seus familiares, ajudando-a, talvez, a melhorar mais. Gostaria também, quando lhe fosse permitido e Irmã Cidália dispusesse de algum tempo, de conversar sobre a confusão que a velha fizera naquela época, entre Mariana e Marie Anne.

Chegou a falar com Irmã Cidália sobre essas possibilidades, mas ela, sabendo o que se preparava, respondeulhe, explicando:

— Querido irmão, o seu trabalho está sendo louvado e muito bem aceito pelo nosso Mentor por todos que aqui se encontram. O seu empenho tem sido grande e os resultados, muito bons!

Por isso já se faz merecedor de receber o que tanto deseja, além de levar, também, o refrigerio à sua filha querida. Entretanto, como também sabe, tudo tem o seu momento certo. De resto, nada posso acrescentar. Quanto à visita que gostaria de fazer à

velha senhora, no momento não é permitido. Ela passa por um período de sono profundo, durante o qual lhe são ministrados passes magnéticos e provocadas algumas visualizações — aquelas que lhe serão salutares para complementar o seu tratamento de forma bem adequada às suas necessidades. Não levará muito tempo. Mais alguns dias, e ela terá condições de deixar um pouco o leito e ir para o nosso jardim. Quando isso acontecer, terá a oportunidade de encontrar-se com ela. Por ora, continue o seu trabalho em favor dos que necessitam — é uma forma de progredir.

A renovação de necessitados sempre era efetuada e o trabalho, bastante intenso. Charles já estava mais habituado, embora tanto sofrimento constrangesse, o seu coração. Entretanto, no momento em que de lá se retirava, hauria novas energias, seguindo as instruções recebidas. Os dias passavam, continuava a sua rotina, aguardando mas sabendo esperar. Diante de tanto sofrimento, se considerava feliz com o que possuía, e não mais pedia nada. Mas não era porque não pedisse que nada estava sendo providenciado. O encontro aconteceria dentro de poucos dias.

Certa vez, passeando após o seu afazer com os enfermos, viu, sentada em um banco, acompanhada por uma irmã abnegada, a velha senhora da mansão dos Sousas. Ficou contente por vê-la mais restabelecida. Até a sua fisionomia era outra — não tão triste, nem tão sofrida, aparentando a calma daqueles que conseguem conquistá-la também no coração. Aproximou-se e foi logo reconhecido.

— Que bom vê-lo, meu amigo! Lembro-me do quanto me ajudou e quero agradecer-lhe.

— Nunca agradeça a mim, minha irmã, agradeça a Deus que permitiu. Estou feliz por vê-la aqui, bem mais disposta, mais calma. Diria mesmo que há uma ponta de felicidade em sua fisionomia.

— Tem razão, trago a felicidade de estar recuperada e de ter recebido tanto auxílio, quando

o meu sofrimento era tão grande. Mas, a par dessa felicidade, trago muita dor no coração.

Agora que me encontro mais refeita depois de ter sido ajudada pelo irmão, lembrei-me dos meus familiares e tenho sofrido muito. Tenho refletido em toda a minha vida, sinto-me infeliz e indago-lhe: — Como estou recebendo tanto em palavras de conforto, em carinho, atenções, e amparo, se eu própria nunca tive nenhuma palavra de conforto e de compreensão para com ninguém, enquanto vivi? O irmão pôde presenciar um pouco da nossa vida, e até esteve presente quando a minha Marianinha partiu. O remorso que trago no Espírito é grande! Depois que me ensinou a orar, tenho rogado a Deus que me permita vê-la para pedir-lhe perdão. Como gostaria de poder lhe falar, para dizer do meu arrependimento! Sei que isso não tira a minha culpa, mas ela, que sempre foi boa, nunca teve uma palavra de revolta para com ninguém lá em casa, sobretudo para comigo ou para com Manuela, talvez possa dar-me o seu perdão. í

— Não se martirize com esses pensamentos. Quando o momento chegar, se Jesus permitir, a senhora a encontrará. Todavia, Mariana, que já naquela época era um Espírito que soube passar pelos sofrimentos e humilhações resignadamente, onde estiver, agora, certamente tem orado pela senhora. Ela a amava, assim como também a Manuela. Apenas circunstâncias a colocaram num ambiente onde, quem sabe, ela devesse passar por aquelas vicissitudes, com a compreensão com que sempre suportou tudo. Tenho a certeza, ela também lhe perdoará, ou melhor ainda, dirá que nada tem a lhe perdoar, e ficará muito feliz por encontrála bem e arrependida.

— Sempre as suas palavras me trazem conforto! Obrigada, irmão!

Logo ela foi levada para dentro, pelas mãos abnegadas que a tinham trazido, e Charles ficou pensativo. Quantas lembranças armazenadas em seu íntimo para refletir! Quantas indagações persistiam/ mas tudo seria aclarado, com certeza! Irmã Cidália o afirmava e ele aguardava. Por muitos dias seguidos ele encontrou a senhora Sousa no mesmo local, e pôde ver que, a cada um, se

encontrava melhor, mais bem equilibrada, e já ensaiava algum pequeno passeio sozinha.

Algumas vezes puderam conversar, trazendo recordações, porém, o assunto principal era sempre Mariana.

Certo dia Charles foi chamado por Irmã Cidália, dizendo-lhe que novamente o Mentor queria falar-lhe. Ele preocupou-se, mas nada fizera que o acusasse, e foi ao seu encontro, esperançoso de que alguma coisa boa pudesse advir-lhe. O Mentor, agradecendo toda a dedicação que ele havia demonstrado no desempenho daquela tarefa, comunicou-lhe que aquele seu trabalho já estava encerrado. Um novo irmão passaria a fazer o que ele realizara até então, porque o revezamento era necessário, dada a intensidade de sofrimento que lá existia.

— Agora, irmão, terá alguns poucos dias de descanso, e, em seguida, dar-lhe-emos uma outra atividade que também irá desempenhar com muito amor.

— Agradeço todas essas palavras bondosas a meu respeito, das quais não me julgo merecedor. Apenas procurei cumprir o que o meu coração mandou, e tenho um pedido a lhe fazer, se me permitir!

— Pois faça-o, se puder atendê-lo!... :

— Deixe-me ficar lá mais algum tempo. Há alguns enfermos aos quais me afeiçoei, e com os quais gostaria de completar o meu trabalho.

— Louvo a sua atitude, mas não será possível. Se lá continuar por esse motivo, nunca mais sairá. Como viu, a saída e a chegada de necessitados, naquela enfermaria, é sempre grande. Quando uns partem mais refeitos, há outros que igualmente não quererá deixar, porque o trabalho já se iniciou. Compreende?

— Sim, compreendo. Tem razão!

' — Desligue-se daqueles enfermos, agora. Você terá oportunidade de encontrá-los, posteriormente, em outros

departamentos, e os verá bem e ficará feliz. Procure descansar alguns dias, passeie, leia, utilize-os como melhor lhe aprouver, pois o irmão é merecedor desse descanso. Agora pode ir com as bênçãos de Jesus e o nosso agradecimento.

Charles não sabia analisar os seus sentimentos, ao deixar a companhia do Mentor. Estava feliz por ter ouvido o seu reconhecimento pelo trabalho que realizara? Estava triste por ter que abandoná-lo? Não sabia dizer, não queria pensar, pois vira que, apesar da sua bondade e compreensão, era feito o que deveria ser feito... Se ele não lhe permitiu continuar, era necessário que assim fosse. Aproveitaria esse período para descansar, ler, passear, mas sentiria falta do trabalho ao qual se acostumara, apesar de árduo. Seria difícil, mas procuraria distrair-se com leituras edificantes e evangélicas, levaria um livro ao jardim e lá passaria algumas horas do seu dia. No entanto, tão habituado estava àquele trabalho, que achou uma solução para os seus dias de folga, e a estava aplicando. Quando no jardim, a par de suas leituras, observava atentamente os que lá estavam, procurando aqueles cuja fisionomia parecia mais sofrida e caminhava até eles. Sentava-se no mesmo banco, conversavam bastante, e notava que as suas palavras iam transformando um pouco a tristeza que sentiam, em esperança. Assim os dias passavam e ninguém o chamava para nenhum trabalho. Irmã Cidália vez por outra o abordava, trocavam rápidas palavras, mas nada lhe dizia sobre o que ele desejava saber.

24 MARIANA OU MARIE ANNE?

N aquele dia o jardim se lhe afigurou mais belo! Poucas pessoas estavam sentadas aproveitando a natureza pródiga, não sabia por quê, quem sabe a hora... Caminhou bastante, chegou a um recanto mais afastado e sentou-se num banco sob uma árvore, cuja fronde era de um verde nunca vista na Terra, toda florida, exalando um perfume inebriante. Fechou os olhos em prece, como sempre o fazia, e, elevando o seu pensamento a Deus, agradeceu tudo o que estava recebendo. Pediu-lhe, também, que o ajudasse a não sentir tanta saudade da filha, pois, durante aqueles dias, pela interrupção das suas atividades, sentia-a muito mais intensamente.

Assim se encontrava quando mão delicada tocou-lhe o ombro, e uma voz tão conhecida, disselhe:

,

— Papai, aqui estou, vim vê-lo! A saudade era tão grande que sempre pedia, em minhas preces, que esse momento me fosse permitido.

Charles, tão envolvido na prece, não abriu os olhos de pronto, pensando ser resultado de sua imaginação, mas ela continuava a insistir:

— Papai, não está me ouvindo,? É a sua Marie Anne, olhe para mim!

Ela ábraçou-o fortemente e ele voltou à realidade daquele instante, sentindo-a junto de si. As lágrimas encheram-lhe os olhos.

— Minha filha querida, quanto eu a aguardei! Estava justamente orando a Deus e dizendo da saudade que me invadia o coração.

— A saudade não era só sua, papai! Tenho pedido muito por este momento, e dou graças a Deus que mo concedeu!

— Filha, fale-me de você! Tenho orado tanto para que a sua vida, junto dos seus, continue em paz. Diga-me, como estão as crianças?

— Já cresceram um pouco! Não sei se sabe, mas estamos separados há muito tempo! Há quase dois anos nos deixou...

— Não sabia precisar quanto, mas julgava que fossem séculos, tanta era a saudade que me tomava por inteiro. Como tem sido a sua vida lá? Conte-me, que depois tenho uma surpresa para você.

— A nossa vida, a não ser a falta que todos, e muito mais eu, sentimos de você, tem continuado normal, sem novidades. Você sabe, o meu marido é bom, as crianças estão crescendo e fazem

a minha alegria. Tudo está bem, dentro do que Deus nos permite!
— fez pequena pausa e prosseguiu, indagando. — Falou em surpresa, o que tem para mim?

— Há algum tempo, quando pedia tanto a Deus para vê-la, tive a alegria de receber, não

você, pois diziam que ainda não era o momento, mas a visita de sua mãe, e fiquei muito feliz. O

que não pode imaginar, filha, é quem veio com ela, alegre, saltitante até — o nosso querido Michel!

—Ele está aos cuidados dela.

— Não sabe que alegria me proporciona, ao me dar notícias de mamãe e, principalmente por Michel estar bem e em companhia dela! Fico feliz e mais tranquila agora. Como Deus é bom para conosco, apesar do sofrimento pelo qual precisamos passar, às vezes! Ele nos envia outras compensações que fazem com que o sofrimento *seja* menor. Agradeço-Lhe por isso, e, quem sabe, um dia, também eu possa vê-lo! Papai, eu conheço muito bem este lugar! Aqui passei muito tempo antes de ser levada de volta à Terra, junto de você. Lembro-me de algumas coisas, sobretudo deste jardim, mas não me lembro de outras. Talvez, pela minha condição de Espírito encarnado, não possa ter a plenitude das minhas lembranças, mas este jardim me é muito conhecido.

Marie Anne e Charles ficaram longo tempo conversando, recordando, não obstante estivesse ligada ela ao corpo, e não possuísse o Espírito livre como © dele. Mesmo assim, liberto do corpo carnal através do sono, não obstante filamentos os liguem, a abertura que ele adquire muito grande — quase semelhante ao estado de desencarnado, embora com alguma barreira.

Os dois, que se alegravam da companhia um do outro, resgatando, naquele instante, uma saudade contida durante tanto tempo, conversavam muito e não se aperceberam que se aproximava, trazido por Irmã Cidália, um outro ser espiritual. Ela não possuía mais o desequilíbrio próprio da demência senil, nem a incosequência da sua inconsciência. Fora tratada, preparada

para aquele instante, e o próprio Charles contribuía muito, razão pela qual ele estagiara naquela enfermaria, onde o sofrimento era tão grande.

Pelo seu conhecimento anterior, pôde ajudar bastante a velha senhora que se achegava, equilibrada, bem espiritualmente, mas saudosa da filha, e sequiosa para pedir-lhe mais uma vez o seu perdão. Era, agora, o pedido de perdão daqueles que têm as energias equilibradas e lúcidas, e, por isso, seria acreditada. Preparada por Irmã Cidália, porém, nada disse no primeiro momento. Diante deles, Irmã Cidália falou primeiro:

— Querida Marie Anne, aqui venho também para compartilhar da alegria deste encontro.

Deixei-os a sós para que conversassem tudo o que sentiam necessidade, mas agora deveria vir.

Precisava dizer-lhe que captávamos sempre as suas preces, pedindo a Deus que este momento chegasse, e também era conhecedora dessas mesmas rogativas de seu pai. Apenas aguardávamos uma ocasião propícia, a fim de que, além do encontro que os está fazendo tão felizes, trouxesse-lhe outra surpresa.

—

Estou muito feliz, Irmã Cidália, e agradecida a Deus por ter ouvido as minhas preces e os rogos de papai! Encontrá-lo, era tudo o de que estava necessitando o meu Espírito, para poder continuar a minha vida lá, mais feliz, sabendo agora que ele está bem, que foi muito amparado pela senhora — o meu anjo protetor, quando aqui estive, lembra-se?

Nunca pude esquecer! Você é muito cara ao meu coração! Tenho acompanhado e auxiliado a sua caminhada na Terra, nos momentos difíceis. Você não me sente, mas nos fazemos presentes! Sempre que há necessidade, lá estamos, levando-lhe forças e dizendo-lhe palavras de encorajamento. Sinto que você percebe algo diferente que lhe transmite energias novas, sem poder precisar o que seja! ,

—

Fico-lhe grata mais uma vez, por acompanhar a minha vida na Terra! Disse que tinha uma outra surpresa para mim!?... Fico feliz por me ter trazido esta senhora, a quem conheci, e em cuja casa estive passando uns tempos com papai.

—

Sabemos de tudo isso, razão por que a trouxemos! Ela quer conversar com você.

A velha senhora, sem nada poder dizer, ouvia Irmã Cidália e chorava muito. Marie Anne aproximou-se, levou a sentar-se também, e, enxugando-lhe as lágrimas, disselhe:

Não chore, irmã querida! Lembro-me de tê-la visto há anos atrás, tão triste, tão enferma, é, encontrá-la bem, agora, apesar das lágrimas, é uma alegria. Não há motivo para choro!

Alegrese pelo nosso encontro, alegrese por estar bem e por estar entre amigos, não é verdade, papai?

— Sim, minha filha, estivemos juntos muitas vezes! Pudemos conversar bastante e ela está bem, apenas emocionou-se ao ver-nos, isto é normal... "

Depois de algum tempo ela conseguiu reequilibrarse e as lágrimas cessaram. Olhou fixamente para Marie Anne e perguntoulhe:

— Lembra-se, filha, quando estive em minha casa, e, às vezes, ia a meu quarto fazer-me uma visita? •*?

— Sim, como poderia esquecer! Aquelas visitas ficaram marcadas em meu coração, pela forma como me recebia, sempre pensando que eu fosse a sua Mariana, e pedia-me perdão. A senhora nada tinha a me pedir perdão. Esqueça o que houve, uma vez que está bem, e vendo que sou Marie Anne, filha do amigo de Cláudio, o Charles, agora também amigo seu, pela convivência que estão

Tudo isso é verdade, e sou agradecida pela dedicação que ele teve para comigo! — fez uma bu para Irmã Cidália, como que para pedir ajuda, í Charles, mas não tinha coragem de dizer, e fale a senhora irmã, eu não terei coragem... * e assim o quer, procurarei auxiliá-la! — e, *m* a Marie Anne, prosseguiu: — Lembra-se, ida, de quando aqui estive, antes da sua volta ba, irmã, sei que aqui estive, lembro-me bem

_ e de algumas outras coisas, mas não me

lembro de tudo!

Lembra-se do seu trabalho na biblioteca, que a fazia tão feliz?

Charles observava, muito atento a cada palavra de Irmã Cidália. Estava prevendo que havia chegado o momento de saber o que tanto desejava, por isso nada dizia. Não queria atrapalhar e perder o relato, a revelação que percebia, se faria a seguir.

— A biblioteca era o lugar que me dava muito prazer, estou me lembrando agora! Pude realizar lá o meu trabalho, e lia muito, muito... Sempre gostei muito de ler...

— Isto mesmo! Faça um esforço e terá mais lembranças! Lembra-se por que adquiriu esse gosto pela leitura, na Terra, antes de ser trazida aqui, naquela oportunidade?

— Isso eu não consigo!

— Lembra-se, então, de como aqui chegou naquela ocasião, de como era?

— Não, irmã, não consigo lembrar-me de nada!

Ouvindo estas perguntas de Irmã Cidália, e ligando—

as à confusão que a velha fazia com Mariana, Charles percebeu tudo. Todo o enigma estava desvendado para ele! Quantas coisas perpassaram pela sua mente em fração de segundos e não conseguiu mais ficar calado! Apenas um nome saiu como uma explosão de dentro de si.

— MARIANA! MARIANA!...

Esta exclamação espontânea de Charles, mas refletida, como resultado das suas conclusões, espantou a todos. Marie Anne não compreendeu nada, porém, a velha senhora e Irmã Cidália, que de tudo sabiam, viram que ele percebera exatamente o motivo daquela reunião. A mãe de Mariana muito a solicitara. Enquanto o remorso a corroía, era muito difícil recuperar-se por completo, e assim o seu pedido foi compreendido como benéfico. Concordaram em que a revelação fosse feita, e, como o encontro entre pai e filha estava já delineado, compreenderam que tudo poderia ser realizado na mesma ocasião.

Por isso, Charles foi enviado àquela enfermaria/ para facilitar-lhe o tratamento, período em que, inconscientemente, ela sempre solicitava a presença da filha e, inconscientemente, lhe pedia perdão. Tudo havia sido bem trabalhado ao longo do tempo, e todos tomariam conhecimento dessa realidade, até mesmo Marie Anne. O seu Espírito estaria ciente da sua encarnação anterior, naquele instante, entretanto, quando regressasse ao corpo, nenhuma

lembrança levaria que pudesse interferir na sua caminhada, sobretudo na sua vida junto da família.

Se isso não acontecesse, o seu despertar lhe seria muito angustiante, podendo até causar-lhe um desequilíbrio, vendo-se com duas personalidades. As providências, porém, estavam tomadas para evitar esse problema. Antes que ela retomasse ao corpo, no seu lar, irmãos abnegados a esperavam. Eles atuariam no seu Espírito, juntamente com a sua mente corpórea, a fim de que nenhuma lembrança da revelação ficasse. Somente a agradável recordação do contato com o pai, a saudade diminuída, como acontece pela lembrança que temos, quando sonhamos com um ente muito querido.

A velha senhora, muito emocionada, ouvindo a exclamação de Charles, não mais se conteve e interrompeu a narrativa de Irmã Cidália. Sentiu uma coragem muito grande e, novamente em lágrimas, abraçou a filha, pedindo-lhe perdão, repetidamente.

— Perdão, minha filha, você é a minha Mariana, aquela que tanto fiz sofrer, aquela que foi para o nosso lar em condições tristes e que nós — eu e sua irmã — não amparamos. Em vez de nos aliarmos para ajudá-la a suportar o seu fardo que, naquela época, era tão pesado, fizemo-la sofrer mais.

Marie Anne, meio aturdida no início, mas bastante ajudada por Irmã Cidália e outros irmãos que se 224

aproximaram, foi se recordando da sua personalidade como Mariana, foi se vendo naquela casa, junto dos familiares, só, triste, desprezada, mas ainda não compreendia bem.

— O que está se passando comigo? De repente me vejo naquela mansão, não como a visita que fui, mas como a moradora! Vejo-me vivendo lá, como sabia que a pobre Mariana viveu! O que está acontecendo, que ainda sou confundida com ela? Teria, a influência desta senhora, feito com que eu própria passasse a me encontrar lá?

Irmã Cidália, que a tudo observava, achou que era a hora certa de intervir. Separou a velha senhora de Marie Anne, pedindo-lhe que se acalmasse. Ela própria lhe daria as explicações.

— Filha, você é sabedora de que vamos e retomamos para a vida terrena, muitas vezes!

Muitas existências lá vivemos, e cada uma em ambiente diverso. Convivemos com algumas pessoas diferentes para adquirirmos conhecimentos, para desenvolvermos alguma atividade importante, mas, no geral, somos levados junto das pessoas de que necessitamos, seja como parentes consanguíneos, seja como amigos, para que o nosso progresso se realize. Fazemos os-nossos propósitos para lá vivermos pautados pelo que prometemos e planejamos, contudo, usando do livre-arbítrio, nos desviamos e adquirimos débitos. Quando retomamos em outra encarnação, sofremos muito. Isso não quer dizer que aqueles que nos tornaram infelizes, não tenham, também, os seus compromissos! Compreendeu?

— É difícil, mas estou me esforçando!

— Ao esclarecer que lá retomamos muitas vezes, quantas se fizerem necessárias, quis dizer que agora você vive a sua vida como Marie Anne, filha de Charles, pai extremoso, e você, filha dedicada e amorosa. Antes, entretanto, houve muitas outras existências na sua caminhada de Espírito, e a sua encarnação anterior à atual, foi vivida na casa desta senhora, como a pequena Mariana que muito sofreu e muito aprendeu.

— Eu fui a Mariana, aquela criatura tão sofrida, e que, desprezada por todos, se recolhia às suas leituras? A que só se sentia bem naquele caramanchão tão agradável?

Suas palavras não demonstravam mágoas, nem ressentimentos, mas surpresa. Como já sabemos, ela se sensibilizara ao conhecer a vida daquela jovem, e ficou feliz por saber que ela mesma havia sido a Mariana. Olhou para a mãe, não com rancor nem com tristeza, mas com um profundo respeito, e disse:

— Então a senhora foi a minha mãe daquela época?

Era por isso que sempre me confundia com ela? — e, refletindo um pouco, indagou: O

meu corpo era outro,

e estávamos ainda encarnadas, como sabia que era eu?

Irmã Cidália novamente interveio, explicando-lhe: u Era o seu próprio estado de enfermidade física, st par com a sua inconsciência, que a deixavam meio desligada do corpo, fazendo com que a visse mais em Espírito — era uma visão de Espírito para Espírito— por isso ninguém compreendia o que se passava,

— A minha alegria, filha, é tão grande em poder lhe falar! Eu sei, fiz-lhe muito mal e a dor do remorso que trago é tão grande, que tem me impedido até de caminhar livremente, agora, na vida espiritual. Pelo menos se eu puder ouvi-la dizer que me perdoa, recomeçarei minha caminhada de forma diferente! Já sofri muito, e, por causa de tanto sofrimento, do meu arrependimento e da minha vontade de lhe pedir perdão, Deus permitiu-me encontrála hoje.

Estou muito feliz, mas preciso do seu perdão! Você já evoluiu bastante, e a pureza do seu Espírito, certamente, vai entender e dar-me o que lhe peço, embora saiba que não o mereço.

— A senhora não precisa se humilhar tanto... Agora me recordo de toda a minha existência lá... Sofri bastante, entretanto, sinto que pude direcionar a minha vida de forma muito benéfica. Sempre gostei da senhora, como também da Manuela, e não guardo, em meu Espírito, rancor nem mágoa de nenhuma das duas. Se mágoas ou tristezas houve, naquela época, de há muito as esqueci, e agradeço-lhe até, por ter me proporcionado a vida naquela oportunidade, recebendo-me em seu lar, porque, com certeza, era o lugar onde eu deveria fazer o aprendizado para o meu Espírito. Não se martirize, eu a perdoo, se assim quer ouvir, mas saiba que nada tenho a lhe perdoar, pelo contrário, só a lhe agradecer. Graças àquela vida que me deu, graças a tudo o que lá passei, é que hoje posso estar um pouco mais evoluída.

— Você, ainda agora, mostra a beleza do seu Espírito, e faz com que eu me sinta mais aliviada. Não que as minhas culpas diminuíram, mas estou mais encorajada para, de agora em diante, procurar também o meu progresso. Quem sabe, uma outra vida possa me ser proporcionada, para eu resgatar tantos débitos...

— Para demonstrar à senhora que nada resta em

meu Espírito, quem quer abraçá-la, agora, sou eu, e o faço com muito amor, com muita gratidão e a esperança de que sairá daqui bastante aliviada. Que Deus lhe dê forças para essa nova vida, e dê também, a nós todos, o amparo de que ainda necessitamos. Que eu possa, também, na minha vida de encarnada, conduzir bem aqueles que estão em meu lar, sob a minha responsabilidade, que agora se faz ainda maior.

A senhora Sousa agradeceu as palavras da filha, reconhecendo nela a sua Mariana que, já naquela época, a tudo suportara com elevação de Espírito. Após tantos anos decorridos, compreendeu que não podia obter dela outra coisa senão o perdão. Agradeceu-lhe muito, confiante que, dali em diante, conduziria a sua nova etapa na vida espiritual, de forma diferente. Não sabia ainda o

que a aguardava, mas submeter-se-ia à vontade dos mentores, para poder ressarcir tantos débitos contraídos naquela ocasião.

Irmã Cidália interferiu, dizendo que já era hora dela se recolher. A emoção havia sido muito forte, porém, ela deveria sentir-se feliz e agradecida a Deus pela dádiva que lhe concedera.

Atendendo-a, despediu-se da filha e retirou-se, acompanhada por Irmã Cidália que prometeu voltar. Ainda precisava conversar com Marie Anne.

Charles, que a tudo ouvira e nada dissera, além do nome Mariana, emitido espontaneamente, dirigiu-se à filha com muita ternura.

— Ainda estou surpreso de tudo o que ouvi, porém, satisfeito! Muitos pontos que me eram de difícil entendimento, agora se aclararam.

— Eu também não compreendo bem como fui colocada nesta situação, mas agradeço a Deus ter permitido que esse fato me fosse revelado. Procurarei aceitar melhor, como Mariana que fui, tudo o que lá me aconteceu, todavia, não quero mais me lembrar daquele período.

Apenas um pormenor, guardado em minha mente, vem comprovar que naquela casa vivi -sisié o jardim! Lembra-se de como eu gostava dele? Lembra-se da paz e do bem-estar que eu sentia

quando estava naquele caramanchão? Era a paz que o meu Espírito rememorava, daqueles tempos, sem que eu mesma soubesse.

— Compreendo muita coisa que não entendia! Compreendo até o meu desejo de lá retomar, depois de tantos anos de afastamento! Talvez tivesse sido necessário para que você revisse aquela que fora a sua mãe, se enternecesse, a fim de que, no momento em que a reconhecesse, fosse forte e a aceitasse mais facilmente, perdando-lhe como o fez. Fiquei muito contente pelas palavras que lhe disse e pelo carinho que proporcionou ao seu Espírito.

Você, Charles, que solicitava tantas explicações, compreendeu agora? — indagou Irmã Cidália, retomando junto deles.

— Compreendi que, no Mundo Espiritual, os desígnios da Providência são muito grandes e bem urdidos. Eu solicitava apenas um encontro com minha filha, e explicações que a senhora mesma pudesse me transmitir, no entanto, ao invés disso, foi realizado um trabalho tríplice. Por isso demorou tanto, até que tudo estivesse pronto para esta reunião!

— É isto mesmo! Não poderíamos adiantar-lhe nada!;. Preparávamos o que ocorreu hoje, trabalhando aquela velha senhora com o seu próprio auxílio, a fim de que essa situação fosse aclarada a todos ao mesmo tempo! — e, voltando-se a Marie Anne, perguntou-lhe: O que me diz disso tudo Mariana ou Marie Anne? Como deseja que a chame agora?

— Irmã Cidália, o meu nome não é importante! O que importa é quem fui e quem sou, o que para mim já está claro! Sinto, porém, que, para Mariana, ainda alguma coisa falta, mas não me atrevo a perguntar... Tenho a minha vida lá, sou feliz com o meu companheiro, com os meus filhos, e peço a Deus que possa sempre me orientar para o bem, para conduzi-los corretamente, vivendo no amor de Deus e aceitando, com resignação, o que ainda me estiver reservado.

— É sobre isso mesmo que desejo falar-lhe, pois reservamos-lhe uma nova tarefa, junto dos seus familiares. No tempo devido, receberá em seu seio materno mais uma filha que lhe será muito querida ao coração! Ela será bastante necessitada do seu amor, do seu carinho, por isso deverá ser muito amparada por você. Se assim ocorrer, ela lhe trará grandes alegrias e será o amparo da sua velhice. Será a dedicação de filha, quando não quis ser a dedicação de mãe!

Compreende o que quero lhe dizer?

— Pela vontade de Deus eu terei, em meu lar, como filha, aquela que uma vez foi minha mãe e se descurou de seus deveres, e agora, arrependida, volta junto a mim para me dar o que recusou naquela ocasião!?

— Sim, filha! Quando chegar o momento, queremos que a receba com todo o amor que sabemos, tem no coração, contribuindo para que ela possa ressarcir os seus débitos. Ela viverá junto de você como uma filha querida que lhe dará muito amor — não o maternal, mas o filial

— que deve receber e agradecer a Deus. Agradeça, também, pelo trabalho que irá realizar junto dela, e pelo amparo que ela lhe trará!

— Estou feliz, irmã! Quando daqui parti, fiz os meus propósitos, e devo esforçar-me para cumpri-los, pois sei, tudo o que fizer, estarei fazendo para meu próprio Espírito. Agradeço a Deus por me enviar, mas peço-Lhe que me ajude a recebê-la como alguém que eu ame, compreenda e auxilie.

Ouvindo-a, Charles interferiu, dizendo:

— Foi exatamente o que eu obtive de você, filha querida! Por isso lhe sou muito agradecido e peço sempre a Deus por você, pelos seus filhos, pelo seu esposo, a fim de que estejam unidos, um amparando o outro, com muito amor, muita dedicação.

— Eu fiz o que o meu coração mandava, o que o meu amor de filha pedia, lhe fizesse!

Entretanto, foi pouco perto do muito que recebi em carinho, amparo e amor.

— Marie Anne, agora é hora de retomar! avisou Irmã Cidália. — Nada do que houve aqui, irá recordar! Era necessário que mantivéssemos toda esta conversa, com o seu Espírito liberto, e forçássemos a lembrança de Mariana, pela tarefa que a aguarda, mas, aqui, somente. De volta

ao lar, levará apenas a recordação de ter encontrado com o seu paizinho querido, de ter estado com ele, e ficará feliz! Nada mais lhe é permitido levar ao corpo carnal! Por isso iremos acompanhá-la, e lá, no seu lar, outros irmãos a esperam para realizarem esse trabalho. Eu também irei!

Marie Anne abraçou o pai, e Irmã Cidália, que partiria com ela, despediu-se também de Charles, perguntando-lhe:

—

Está feliz? Ficou satisfeito com o que lhe preparamos?

— Muito feliz e agradecido, não só à senhora e a todos, mas muito mais a Deus!

—

Oportunamente precisamos ainda conversar! Tenho um outro esclarecimento que quero lhe fazer, complementando o que ouviu hoje.

Sem que ele tivesse tido tempo para nenhuma indagação, ela exclamou: Partamos, Marie Anne!

25 FINALIDADE MAIOR

— Anne chegou ao seu lar e foi trabalhada para que nenhuma recordação lhe restasse sobre o que se passou, além da agradável sensação de ter estado com o pai. Assim era preciso pela tarefa que a esperava junto de sua antiga mãe. Quando a colocaram de retomo ao corpo e a deixaram serena, voltaram ao seu lugar de origem* Charh' já havia se,,recolhido do jardim.

Tudo fora realizado conforme o planejado.

Muitas vezes os encarnados, mesmo sem o saberem, contribuem muito, em situações semelhantes, para o entendimento, para o esclarecimento a Espíritos necessitados, sobretudo quando medida tão-importante está em pendência, como o perdão de Mariana à sua mãe daquela época. Só assim ela poderia, a partir de então, ser preparada para o que aconteceria no tempo devido, e não muito afastado.

A velha senhora, ao ser retirada da presença de ambos, passou para o departamento onde faria a preparação para a sua próxima existência terrena. Nasceria junto àquela filha a quem fizera tanto mal, mas que agora a receberia com amor, e, muito mais, aceitaria o amor que ela lhe daria, agora em forma de filha.

No reino de Deus há o lugar e a hora certa para que *f*: ressarcimentos sejam efetuados, propiciando ao Espírito o saldar de débitos. A partir daquele encontro, uma nova etapa se iniciaria na vida das duas. Espiritualmente, Marie Anne estava preparada. A velha senhora também o estaria, partindo cônica de onde iria e com quem conviveria. Apenas quando lá chegasse, nada mais seria lembrado. A inconsciência se faria, mas de Espírito — a que ele adquire pelo esquecimento, ao entrar em contato com um novo corpo.

Seria uma encarnação importante, como todas o são, mas naquela, grandes débitos de faltas, de remorsos, de sofrimentos contidos, seriam ressarcidos. E, certamente, venceriam. Os propósitos realizados cumprir-se-iam para que nada mais

restasse — nem culpas, nem tristezas, nem mágoas — em ambos os Espíritos.

Charles, quando só, refletiu muito, e, ainda surpreso, aquela sua curta convivência com Mariana voltou-lhe à mente. Por que teriam sido colocados juntos naquela encarnação? E o nome que dera à filha, já seria ó adivinhar de seu Espírito de que a estava recebendo em seu lar?

Procuraria conversar com Irmã Cidália. Se ela mesma dissesse que precisava lhe falar, era porque ainda faltava algum esclarecimento. Ele estava naquela Colônia há algum tempo, mas não o suficiente para ter adquirido todo o conhecimento e a abertura que os Espíritos adquirem através do progresso. Entretanto, esperava ser esclarecido nos pontos que ele próprio ainda não podia visualizar. Irmã Cidália, que a tudo promovera, certamente o faria, e, se a conhecia bem, ela não o procuraria senão no momento em que pudesse conversar. Continuando a desfrutar do descanso que lhe fora proporcionado, ele agora entendia — só fora colocado naquela

enfermaria onde a necessidade era tão grande, para poder auxiliar a antiga mãe de sua filha, e ajudar a prepará-la para o que ocorreu. Não importava que a finalidade maior fora só esta. O

trabalho que realizou, junto aos outros, deu-lhe a tranquilidade de Espírito daqueles que se sentem úteis, e podem levar uma palavra de auxílio a quem tanto precisa.

Decorridos alguns dias, eis que ele encontrou Irmã Cidália. Parece até que o jardim era o lugar preferido dela, para que conversas fossem entabuladas. Ele tinha razão! O jardim, o ar livre, a atmosfera amena, sempre facilitavam o esclarecimento. Quando Charles a viu, foi ao seu encontro:

Aguardava-a há tantos dias, sabendo que precisava conversar comigo, mas não pude vê-la.

Como deixou a minha querida Marie Anne, naquela noite?

— ÉVejo que está aproveitando os seus dias de descanso. Sentemo-nos, que precisamos conversar.

— A senhora não respondeu ao que lhe perguntei!

— Farei logo em seguida.

Em um banco próximo de onde se encontravam, rodeado de flores alegres e perfumadas, Irmã Cidália falou-lhe:

Naquela noite, levamos sua filha e a trabalhamos a fim de que ela não se lembrasse de nada, guardando apenas a lembrança da sua presença, que lhe seria muito benéfica. As outras revelações ficarão armazenadas no seu Espírito, para o desenvolvimento da tarefa que a aguarda, sem nenhuma recordação. Dir-lhe-ei mais o que não perguntou, mas o deixará contente — vimos os seus netinhos, duas crianças lindas que repousavam como anjinhos.

— Senhora é sempre muito boa para conosco! Devemos-lhe muito!

— A mim ninguém deve nada! Trabalhamos em nome de nosso Pai e de Jesus, que nos permite levar a palavra de confiança e o auxílio aos que necessitam! Trabalho para Ele,, tão somente.

A humildade de Irmã Cidália sempre comovia Charles, e ela continuou:

— Chegou a hora de você tomar conhecimento de alguns pormenores que de há muito queria saber... Você verificou que Marie Anne, a sua querida filha, havia sido a Mariana de outrora, e que a confusão mental da velha senhora eram verdades abrigadas em seu Espírito.

Verificou que nada acontece por acaso. Era necessária aquela sua viagem a Lisboa, para que esse contato entre mãe e filha fosse possível. Era preciso que o coração de Marie Anne se enternecesse pelo sofrimento dela, sem saber quem ela era. Como vê, essa planificação já estava organizada a fim de que males fossem ressarcidos. No mesmo ambiente ou em outro, mas convivendo com aqueles a quem ofendemos. Tudo foi

preciso para que não houvesse revolta nem animosidade entre mãe e filha, quando Marie Anne a recebesse. Compreendeu, quando lhe dizia que ainda não era a hora, que no momento certo de tudo saberia?

— Sim, irmã, compreendo e cada vez mais admiro e me curvo diante da sabedoria do Pai!

Entretanto, nestes dias em que a aguardava, muitas indagações me vieram à mente, e eu gostaria de ter as respostas, se for o momento.

— Eu sei o que quer saber, e, se aqui vim, é porque me disponho a nada lhe omitir...

— Sabe que desejo saber da minha simpatia por Mariana, naquela época, quando éramos jovens? Sabe do respeito e da admiração que sempre lhe tive? Sabe que ela permaneceu em meu pensamento, e que na lembrança que ficou em mim, a sua aparência não era mais a daquela oportunidade? Ao afastar-me de Lisboa, aos poucos, pelas suas qualidades de Espírito, ela foi se transformando, e eu a via mais bonita e completamente normal.

— Sou sabedora de tudo. Você a via conforme ela era em Espírito. Depois que Mariana partiu, à medida que o seu Espírito se transformava aqui, você a transformava também em seu pensamento. Quando ela chegou, passou por tratamentos, como todos passam, e sempre foi muito dócil. O seu Espírito já voltou da Terra tendo adquirido muitas qualidades, e a sua transformação não foi difícil. Lá era preciso que ela tivesse aquela aparência, para o

ressarcimento de débitos contraídos em outras existências, mas aqui, depois que esses débitos foram resgatados, não havia mais necessidade de mantê-la. Por isso a via transformada.

É — Estou compreendendo. No entanto, o que desejo saber é o porquê da minha simpatia por ela.

—

Como vivemos muitas vidas, aquela oportunidade não foi a primeira em que se encontraram! Já tiveram outras existências juntos, não como pai e filha, mas como dois seres que muito se amaram. Todavia, problemas houve, cujos detalhes não posso mencionar, quando for o momento o saberá. Foi por isso que ela, tendo vivido de forma tão correta dentro dos seus propósitos como Mariana, e, estando próxima a sua volta, quisemos proporcionar-lhe o alento da sua pessoa junto dela, embora por pouco tempo. Você levou-lhe ao coração um afeto muito terno que gerou o renascimento de uma época antiga. Talvez não tenha percebido, porque ela sempre soube dissimular muito bem, mas, naquela curta convivência entre vocês, ela sentiu o seu coração reviver de um amor antigo, ao qual sabia que não tinha direito e do qual se envergonhava.

Irmã Cidália, captando o íntimo de Charles, ao ouvir tal revelação, advertiu-o:

— Não tenha tais pensamentos, filho! Não foi por isso que ela partiu. Já lhe disse que estava chegando o momento, e o Plano Espiritual, como presente de tudo o que ela havia conseguido, quis proporcionar-lhe aquela alegria — a alegria do amor, numa vida que tinha sido tão estéril de afetos.

— Compreendo muita coisa, agora. Foi por isso que eu, embora sem amá-la, não consegui tirá-la do meu pensamento, e a guardei comigo por toda a minha vida... Por que então, ela foi colocada no meu lar, como filha, quando podia aguardar uma nova oportunidade para que esse amor fosse revivido?

A verdade é que um dia esse amor acontecerá novamente, mas aquela existência entre pai e filha foi uma experiência necessária, principalmente a ela, para que tivesse por você um amor fraterno de dedicação, um amor respeitoso. Assim, quando Jesus permitir se unam novamente, ela saberá honrá-lo e nada mais restará para conturbar a união de ambos.

— Contudo, irmã, esse respeito que sinto por ela, como filha, não me permitirá, um dia, unir-me a ela como esposa!

Da mesma forma como aquela condição foi esquecida, para que essa vida tivesse sido possível, quando retornarem para se unir, essa existência também será esquecida por vocês. O

Plano Espiritual tem recursos que, muitas vezes, não temos como explicar, mas são utilizados quando benéficos ao progresso do Espírito. Por ora é bom que esqueça tudo o que ouviu, e possa vê-la somente como a filha querida que o foi.

— Entrego nas mãos de Deus, e agradeço muito o que tem feito por mim!

—

Tudo fazemos a todos que aqui vêm, suprindo as suas necessidades, a fim de que, reequilibrados e felizes, possam aguardar uma nova oportunidade terrena. Enquanto isso, você será admitido em alguma outra tarefa, e a irá desempenhando, até que novamente retome à Terra. Tudo fazemos em prol do progresso de cada um. Se a evolução de cada Espírito é realizada, todos farão com que a Terra, um dia, esteja melhor, mais feliz. Aqueles para lá irão, sendo felizes, a transformarão num lugar de felicidade, as encarnações não serão tão penosas, os sofrimentos não existirão como agora. A maldade será banida do seu seio, e nela imperará somente o amor e a fraternidade. Para que esse amor e essa fraternidade possam reinar, porém, é necessário que cada um que para lá retorne, leve consigo o firme desejo de ajudar, de colaborar, de tudo fazer de sua parte, para que um dia o amor fraternal possa existir. Quando isso acontecer, a Terra deixará de ser um planeta de expiações e provas, para ser um local de amor, todos trabalhando para Jesus e para Deus, que são a finalidade maior de nossas vidas.

Document Outline

- [Mariana ou Marie Anne?](#)
- [Verso](#)
- [EÇA DE QUEIRÓS](#)
- [WANDA A. CANUTTI](#)
- [PALAVRAS DO AUTOR](#)
- [1 CONTRASTES](#)
- [2 REALIDADE E IDEALISMO](#)
- [3 UM OUTRO MUNDO](#)
- [4 APENAS O ACASO?](#)
- [5 APELOS, REFLEXÕES E DESCOBERTA](#)
- [6 RETORNO A PÁTRIA DE ORIGEM](#)
- [7 REFAZIMENTO](#)
- [8 APROVEITANDO EXPERIÊNCIAS](#)
- [9 NOVA OPORTUNIDADE](#)
- [10 O NOVO LAR](#)
- [11 DE VOLTA AO PASSADO](#)
- [12 O CARAMANCHA](#)
- [13 DE ESPÍRITO PARA ESPÍRITO](#)
- [14 A FESTA](#)
- [15 CIUME INEXPLICÁVEL](#)
- [16 ESPERANÇAS FRUSTRADAS](#)
- [17 CONFORTO ESPIRITUAL](#)
- [18 LAR VAZIO](#)
- [19 UNS CHEGAM, OUTROS PARTEM](#)
- [20 SEMPRE IRMÃ CIDÁLIA](#)
- [21 SURPRESA ESPIRITUAL](#)
- [22 TAREFA DE AMOR](#)
- [23 GRATIDÃO](#)
- [24 MARIANA OU MARIE ANNE?](#)
- [25 FINALIDADE MAIOR](#)